



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE E AUDIOVISUAL

GRACE AND FRANKIE:
UMA ANÁLISE DOS SENTIDOS DO CORPO DAS MULHERES VELHAS

VANESSA SANTOS DE FREITAS

BRASÍLIA
2017

VANESSA SANTOS DE FREITAS

**GRACE AND FRANKIE:
UMA ANÁLISE DOS SENTIDOS DO CORPO DAS MULHERES VELHAS**

Monografia apresentada ao Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Profa. Dra. Fabíola Orlando Calazans Machado.

BRASÍLIA

2017

AGRADECIMENTOS

À minha família por todo o suporte necessário para minha educação e por todo incentivo para que eu persistisse em meus potenciais. Agradeço pela compreensão e paciência durante essa pesquisa;

À Maria do Socorro que me abrigou na viagem decisiva para esse trabalho. Obrigada por me acolher como uma neta. Nossas conversas foram fundamentais para o processo de análise;

À minha orientadora Fabíola Calazans por ter me acompanhado nesse projeto, com toda paciência, zelo e confiança que me guiaram do início ao fim desse ano. Obrigada pela oportunidade de aprender cada vez mais com você;

Aos professores e funcionários da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília por proporcionarem essa experiência transformadora de muito aprendizado nos últimos quatro anos;

Aos meus amigos por todo o apoio e companheirismo e por fazerem parte da minha vida;

A todos meus colegas de trabalho na Agência Look'nFeel que acompanharam diariamente esse processo. Em especial ao Maurício Estrela e Paula La Croix por toda a paciência, carinho e compreensão.

RESUMO

Neste trabalho, busca-se analisar quais são os sentidos sobre o corpo das mulheres velhas apresentados na série “Grace e Frankie”. A velhice é uma temática pouco abordada na contemporaneidade e é cercada por diversos sentidos ambivalentes. O próprio termo “velho” ou “velha” é algo rejeitado, pois está repleto de sentidos negativos. Na sociedade contemporânea, há o engendramento de novas formas de subjetividade, perpassadas pela cultura somática, na qual o corpo exerce um papel de protagonismo na formação do eu. O corpo considerado “ideal” é o corpo magro, jovem, torneado e bronzeado. Por diferir desse modelo, o corpo velho é marginalizado, sendo menos valorizado socialmente do que o corpo jovem. A partir disso, a pesquisa objetivou analisar, identificar e mapear os sentidos sobre o corpo e as mulheres velhas na série “Grace and Frankie”. Como procedimento metodológico, foi utilizada a Análise de Conteúdo a fim de categorizar as três temporadas da série, buscando as frequências e as ausências de sentidos em relação ao corpo das mulheres velhas nos episódios. Além disso, foi realizada uma Análise do Discurso para identificar as construções ideológicas presentes na série e os sentidos acerca da velhice apresentados no discurso das três temporadas. Um dos principais resultados da pesquisa foi a definição do envelhecimento performático, sendo essa uma forma de envelhecer apresentada na série e correlata aos modelos de envelhecimento contemporâneos.

Palavras-chave: velhice; corpo; mulheres velhas; “Grace and Frankie”; envelhecimento performático.

Esta monografia, intitulada “Grace and Frankie: uma análise dos sentidos do corpo das mulheres velhas”, foi apresentada ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília em Dezembro de 2017.

VANESSA SANTOS DE FREITAS

Professora Doutora Fabíola Orlando Calazans Machado

Orientadora

Professora Doutora Roberta Gregoli

Membro

Mestre Angélica Fonsêca de Freitas

Membro

Professora Doutora Ellis Regina Araújo da Silva

Suplente

BRASÍLIA
2017

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	7
1. INTRODUÇÃO.....	9
2. BREVE GENEALOGIA DA VELHICE.....	16
2.1. Velhice mágica.....	16
2.2. Velhice marginalizada.....	24
2.3. Velhice performática.....	33
3. NETFLIX E “GRACE AND FRANKIE”.....	50
3.1. A Netflix.....	50
3.2. A série “Grace and Frankie”.....	51
4. OS SENTIDOS DA VELHICE E DO CORPO DAS MULHERES VELHAS EM “GRACE AND FRANKIE”.....	55
4.1. O processo de análise.....	55
4.2. A primeira temporada.....	57
4.3. A segunda temporada.....	75
4.4. A terceira temporada.....	90
5. CONCLUSÃO.....	108
6. REFERÊNCIAS.....	113

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ars Moriendi	21
Figura 2: Vecchia de Giorgiane.....	22
Figura 3: A Duquesa Feia de Quentin Matsys.....	22
Figura 4: Hexen (Witches) de Hans Baldung.....	23
Figura 5: Grace e a invisibilidade na velhice	58
Figura 6: Frankie no asilo.....	59
Figura 7: Frankie no asilo (2)	61
Figura 8: Grace percebe que está velha	63
Figura 9: Sinais de decrepitude	64
Figura 10: Grace e o medo da morte	65
Figura 11: Grace e o medo da solidão	66
Figura 12: Frankie e o medo da solidão	66
Figura 13: Grace e a histeria.....	68
Figura 14: Frankie e o superpoder.....	70
Figura 15: A alimentação de Grace	71
Figura 16: A alimentação de Grace (2)	72
Figura 17: A alimentação de Grace (3)	72
Figura 18: Grace preenche seu perfil online.....	73
Figura 19: Grace e o espelho	74
Figura 20: Grace quer fazer novos amigos.....	76
Figura 21: Performance corporal da Grace.....	77
Figura 22: Amizade entre Grace e Frankie.....	79
Figura 23: Grace e o corpo entorpecido	81
Figura 24: Grace e o corpo entorpecido (2).....	81
Figura 25: Frankie e o corpo entorpecido.....	82
Figura 26: Frankie e o corpo entorpecido	83
Figura 27: Grace e o vibrador.....	84
Figura 28: Grace e a masturbação	84
Figura 29: Frankie e a sexualidade	85
Figura 30: Grace e a sexualidade.....	87
Figura 31: O desabafo de Grace e Frankie	88
Figura 32: A saída “triumfal” de Grace e Frankie.....	89
Figura 33: O choque das famílias de Grace e Frankie.....	90
Figura 34: A dor nas costas de Grace e Frankie	91
Figura 35: Grace percebe que está velha	92
Figura 36: Grace e o corpo velho	93
Figura 37: Frankie no hospital.....	94
Figura 38: Grace e o discurso de risco	96
Figura 39: Grace e o discurso de risco (2).....	96
Figura 40: Frankie e os remédios	98
Figura 41: “Ménage à Moi”.....	98
Figura 42: Grace e Frankie e o idadismo.....	99

Figura 43: O idadismo midiático	102
Figura 44: O idadismo midiático (2)	104
Figura 45: Grace e o sucesso	106

1. INTRODUÇÃO

“A velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso do qual é indecente falar” (BEAUVOIR, 1970, p. 6). A filósofa Simone de Beauvoir em seu livro *velhice: a realidade incômoda*, lançado em 1970, despertava a atenção para a temática da velhice, sendo seu intuito romper com a “conspiração do silêncio” acerca da temática. Observar como essa “conspiração do silêncio”, essa interdição de sentido, se constituiu durante o percurso histórico e a repercussão dessa na contemporaneidade, foi uma das inquietações iniciais da presente pesquisa.

A partir de um processo de genealogia, foi possível observar a ambivalência de sentidos acerca da velhice durante a História. Nas sociedades de cultura oral, os velhos e as velhas detinham um caráter místico, exerciam papéis fundamentais para o funcionamento dos clãs. Os principais sentidos sobre a velhice dessa época se concentram nas figuras dos xamãs e dos anciãos, ambos eram reconhecidos e valorizados pela sua experiência, sabedoria e por serem os intermediários entre o plano terrestre e o espiritual, além de deterem influências sobre as decisões políticas das comunidades.

Ao passar do tempo, a velhice acabou perdendo essa visão prestigiosa e mítica. As mulheres velhas¹ aparecem associadas aos sentidos negativos da velhice, principalmente em relação às suas formas físicas. Ao serem retratadas em pinturas e contos da Idade Média, são associadas à feiura e à feitiçaria. Desde essa época, as pinturas valorizavam a beleza do corpo jovem feminino, sendo o corpo das mulheres velhas apresentados com extremo desgosto, como se representasse “a própria morte em pessoa” (BEAUVOIR, 1970, p. 191).

O avanço do capitalismo agravou a discriminação com os velhos, pela própria associação ao corpo como meio produtivo. A experiência e a sabedoria perderam o seu valor social em detrimento da capacidade produtiva dos indivíduos. No avanço da sociedade industrial, os velhos não conseguiram acompanhar o ritmo de trabalho exigidos nas fábricas e acabaram fadados à miséria e ao silenciamento. Nessa época, a velhice começou a ser analisada a partir dos efeitos na forma corpórea, sendo considerada uma moléstia incurável, associando-a à senescência. O que garantia o prestígio social para os idosos e as idosas era o acúmulo de bens, caso fossem abastados, eram respeitados. Aos velhos pobres, restavam a indigência e os asilos.

Na sociedade contemporânea, temos o engendramento de novas formas de subjetividades, novas formas de ser e estar no mundo. Seguindo as características da atualidade, com seus avanços tecnológicos, pela midiatização e pelo incentivo à produtividade, há a ascensão de uma personalidade alterdirigida, voltada para o olhar alheio. O eu passa a ser mais visível e

¹ No presente trabalho será utilizado o termo “mulheres velhas” para referir-se a etapa da vida correspondente à velhice. O termo é utilizado sem estar relacionado aos sentidos negativos que o cercam, assim como Goldenberg (2013) utiliza o termo “coroa” em suas pesquisas como uma forma de resistência política, buscando combater os sentidos negativos que cercam essas denominações.

epidérmico, voltado para a exterior e que almeja a visibilidade (SIBILIA, 2008). A lógica de exposição de si gera um ímpeto pela exposição e pelo consumo da intimidade, pois o relevante é aparecer e ser visto. Nesse movimento de visibilidade constante, a aparência apresenta um papel fundamental, pois é a partir dela que somos observados e visíveis, uma vez que “hoje somos o que aparentamos ser” (COSTA, 2004, p. 198).

Como é por meio da aparência que somos percebidos e também legitimados, o corpo exerce o papel de protagonista nas subjetividades contemporâneas. O corpo é o objeto das práticas ascéticas atuais, visando o seu constante aperfeiçoamento e sendo digno de diversos cuidados que interferem em atividades físicas, na alimentação e em uma série de produtos que prometem a sua “melhoria”. Nesse contexto, há a ascensão de uma cultura somática (COSTA, 2004) em que corpo é o determinante para o julgamento e valorização social dos indivíduos. Vale ressaltar que não é qualquer forma corpórea considerada digna para essa valorização social, o corpo valorizado e cultuado é o corpo magro, torneado, saudável, e, acima de tudo, jovem. A busca por esse modelo de corpo considerado “ideal” cria um incessante processo de insatisfação, sendo assim, Costa (2004, p. 200), aponta que “o mal do século é o mal do corpo”.

Diante desse cenário, surge a inquietação de saber como a velhice é percebida na contemporaneidade, ainda mais quando o envelhecimento da populacional é um fato eminente. Um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) demonstra que a população mundial vai crescer 32% até 2050 e 53% até 2100, chegando aos 11,2 bilhões de pessoas. Conseqüentemente, a população idosa, com sessenta anos ou mais, irá duplicar até 2050 e triplicar até 2100 (O GLOBO, 2015). Além disso, dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) apontam que a população das Américas atingiu setenta e cinco anos, mais de quatro anos acima da expectativa de vida mundial (ONUBR, 2017).

Apesar dos dados alarmantes em relação ao envelhecimento populacional, a temática da velhice ainda é pouco abordada. “quando fiz 50 anos parece que me tornei invisível” (SIBILIA, 2011, p.83). Esse depoimento de uma professora trata de uma questão recorrente, principalmente para as mulheres idosas, o sentimento de invisibilidade. Essa invisibilidade perpassa os meios de comunicação, nos quais a velhice é pouco retratada nas novelas, em publicidades, em filmes e em séries.

Além disso, quando a velhice é abordada, há uma rejeição ao termo “velho” ou “velha”, pois esse é considerado uma espécie de ofensa, um insulto (SIBILIA, 2015). Na tentativa de atenuar os significados negativos associados ao termo, são utilizadas outras palavras como “terceira idade”, “melhor idade”, “idosos”, “maturidade”. A velhice é vista como algo a ser escondido a qualquer custo (CASTRO, 2016) e a ela são atribuídos diversos sentidos vistos como negativos bem como a decadência física, a feiura, a falta de lucidez e a dependência.

Em meio ao culto ao corpo contemporâneo, o corpo velho é percebido como objeto de desgosto. Por estar distante do corpo considerado desejável, ao corpo velho não é dado o direito à tão cotada visibilidade, constituindo algo que não deve ser exibido (SIBILIA, 2011).

A rejeição ao corpo velho é acentuada quando se refere às mulheres velhas, conforme aponta Sibilia (2011, p. 84) “não é fácil ser velho no mundo contemporâneo, ser velha então, pior ainda”. À mulher incide o mito da beleza descrito por Wolf (1992) que dissemina e impõe um padrão de beleza idealizado, visando um corpo belo, magro e jovem. O corpo é apresentado como um capital de valorização social, sendo “um verdadeiro capital físico, simbólico, econômico e social” (GOLDENBERG, 2007, p. 13). Sendo assim, o corpo das mulheres velhas detém menor capital, ou seja, são menos valorizados socialmente, devendo as marcas da velhice serem submetidas à “correções” e reconfigurações. As técnicas de rejuvenescimento são amplamente difundidas, com todo o aparato mercadológico e de técnicas, incluindo os cosméticos, as cirurgias estéticas, os exercícios físicos e as dietas focadas na tentativa da manutenção da juventude. As rugas são consideradas sinais de “lassitude moral” (DEDERT, 1999), além de representarem “uma afronta à tirania da pele lisa” (SIBILIA, 2011).

Nesse contexto, surge a série “Grace and Frankie”, uma produção autoral do serviço de streaming Netflix. O elenco principal da série é composto por atores com mais de setenta anos, incluindo as duas protagonistas Grace, interpretada por Jane Fonda, e Frankie, interpretada por Lily Tomlin. A série concede visibilidade à velhice por abordar diversos temas que ainda são vistos como “tabu” como a sexualidade, a invisibilidade, a medicalização, a amizade da velhice, dentre outros. Por ser uma série de comédia, os temas são abordados de uma forma divertida e bem-humorada. Embora explore a visão negativa da velhice, a série tenta atrelar novos sentidos a essa fase, como um período de possibilidades, de atividades e descobertas.

A motivação para essa pesquisa surgiu do meu pouco conhecimento e contato com a velhice. Ao observar o quanto o tema é explorado de forma superficial pelos meios de comunicação, escolhi me aprofundar na temática, tentando compreender as teias de sentidos acerca das mulheres velhas. Após ler o texto “A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas” de Paula Sibilia (2011), comecei a explorar a temática privilegiando reflexões sobre a velhice das mulheres e no corpo das mulheres velhas.

A partir da pesquisa bibliográfica e do maior contato com a velhice², surgiram algumas inquietações que auxiliaram a construção do presente trabalho, a saber: Como se configura a velhice na contemporaneidade? Quais os sentidos negativos e positivos atrelados à velhice atualmente? Qual a construção social desses sentidos? Qual a relação das mulheres velhas com os seus corpos? Qual a visão da sociedade acerca do corpo velho? De que forma a cultura somática interfere na visão da velhice? Como se configura o processo de ressignificação da velhice? Quando a velhice é retratada em algum produto audiovisual, de que forma é abordada e quais sentidos são atrelados? Diante dessas inquietações, o problema de pesquisa definido para ser explorado no presente trabalho foi o seguinte: Quais são os sentidos sobre o corpo e a mulheres velhas apresentados na série “Grace e Frankie”?

Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa foi a partir de um olhar genealógico sobre a velhice, analisar, identificar e mapear os sentidos sobre o corpo e as mulheres velhas na série “Grace and Frankie”. Os objetivos específicos foram os seguintes: realizar uma genealogia da construção dos significados da velhice no ocidente; identificar e descrever os sentidos sobre o corpo das mulheres velhas na contemporaneidade; identificar e mapear os sentidos sobre o corpo e as mulheres velhas disseminados na série “Grace and Frankie”; e analisar os sentidos sobre o corpo das mulheres velhas apresentados na série e correlacioná-los aos modelos de velhice contemporânea.

Além da velhice ser uma temática cada vez mais relevante diante do cenário de envelhecimento populacional, o presente trabalho explora temas relacionados ao campo da comunicação denominado Estudos Culturais, o qual permite a reflexão da cultura como algo que além de reproduzir a realidade, também a produz. A relevância do estudo de temáticas relacionadas à cultura contemporânea é apontado por Calazans (2013):

A cultura contemporânea é, pois, dominada pela mídia, a qual se oferece como um entretenimento audiovisual agradável por meio de espetáculos com imagens, sons, discursos e mitos, com os quais os indivíduos constroem significados em suas vidas cotidianas, ao mesmo tempo em que são seduzidos por eles (CALAZANS, 2013, p. 25).

Sendo assim, é relevante para a comunicação a análise minuciosa sobre os produtos de entretenimento audiovisuais difundidos na contemporaneidade. Além disso, observar os sentidos estão sendo propagados acerca da velhice é importante não somente para a comunicação, assim como para outras áreas das ciências sociais, como sociologia,

² Durante o processo de pesquisa, realizei uma viagem para São Paulo na qual tive oportunidade de aprofundar meu contato com a temática, ouvindo as inquietações, medos e satisfações de diversas mulheres velhas, além de debater sobre os sentidos acerca da velhice na contemporaneidade.

antropologia e psicologia. Vale ressaltar que o presente trabalho discorre acerca da construção social da velhice, da cultura somática, do discurso do risco, da bioassociabilidade, exposição de si e do corpo, bem como do culto à performance contemporânea.

Visando atingir os objetivos propostos nesse trabalho, foi definido o método para a pesquisa, sendo esse “a elaboração, consciente e organizada, dos diversos procedimentos que nos orientam para realizar o ato reflexivo, isto é, a operação discursiva de nossa mente” (RUDIO, 1992 apud SANTAELLA, 2001, p. 133). A partir dessa definição, o método de abordagem utilizado para essa pesquisa foi o método dedutivo, o qual consiste em partir de premissas maiores para análise de fenômenos particulares (SANTAELLA, 2001).

A pesquisa exploratória bibliográfica foi realizada com assuntos relacionados a temas e autores que pudessem contribuir para a análise do *corpus* do trabalho. Nessa pesquisa, foram identificadas obras sobre o processo histórico da velhice (SIMMONS, 1961; BEAUVOIR, 1970; FOUCAULT, 1979), velhice na contemporaneidade (DEBERT, 1999; GOLDENBERG, 2013; SIBILIA, 2011; CASTRO, 2016) corpo (DELEUZE, 1992; WOLF, 1992; FOUCAULT, 1999; BEZERRA, 2002; COSTA, 2004; SIBILIA, 2008), culto à performance (EHRENBERG, 2010), exposição de si (COSTA, 2004; SIBILIA, 2008;) e o processo de ascese e bioascese (ORTEGA, 2008).

Essas obras foram fundamentais para a compreensão da temática do corpo velho na contemporaneidade, considerando diversos contextos históricos e socioculturais, a fim de ancorar as análises da série “Grace and Frankie”.

Para a compreensão dos sentidos da velhice no percurso histórico, foi utilizado o método genealógico, a qual é uma forma de problematizar os eventos históricos observando as relações de poder presentes nos discursos, sendo assim, “um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico” (FOUCAULT, 1979, p. 172). Essa análise genealógica histórica da velhice forneceu insumos para a identificação, categorização e análise dos sentidos relacionados à velhice durante diferentes épocas e como essas visões influenciaram sentidos contemporâneos acerca da velhice.

O quadro referencial teórico que endossou a análise genealógica dos sentidos da velhice foi composto pelas autoras e autores Simone Beauvoir (1961), Leo W. Simmons (1961) e Michel Foucault (1979) que auxiliaram a análise da construção histórica e social da velhice. Para compreensão do contexto sociocultural contemporâneo, recorreu-se a uma gama de autores transdisciplinares, como Gilles Deleuze (1992), Benilton Bezerra Jr. (2002),

Jurandir Freire Costa (2004), Francisco Ortega (2008), Paula Sibilia (2008) e Alain Ehrenberg (2010). Após a compreensão do contexto contemporâneo, foi possível compreender os sentidos acerca do corpo das mulheres velhas na contemporaneidade, à luz das autoras Guita GrinDebert (1999), Paula Sibilia (2011), Mirian Goldenberg (2013) e Gisela G. S. Castro (2016).

Afim de analisar o *corpus* da pesquisa, foram utilizadas duas metodologias que possibilitaram a compreensão e problematização dos sentidos sobre o corpo das mulheres velhas manifestados na série “Grace and Frankie”.

Nesse trabalho utilizou-se, primeiramente, a Análise de Conteúdo abordada por Martin W. Bauer (2002), sendo essa uma técnica híbrida que articula elementos quantitativos e qualitativos de pesquisa. Essa metodologia é “uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetificada” (BAUER, 2002, p. 191). A Análise de Conteúdo utiliza a sistemática de regras de categorização para a análise, com enfoque nas frequências e ausências do material analisado. A partir da observação, categorização e análise das três temporadas da série junto aos achados da genealogia, foi possível traçar um mapa de sentido sobre o *corpus* analisado. Para a criação do mapa de sentidos, utilizou-se os *trailers* das três temporadas como suporte dos principais sentidos propagados sobre o corpo das mulheres velhas na série “Grace and Frankie”.

Além da Análise de Conteúdo, foi empregada a Análise do Discurso de Michel Foucault (2009), a partir da obra “A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970”. Foucault apresenta sua tese, na qual considera que em toda a sociedade:

A produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2009, p. 9).

Sendo assim, o discurso é permeado pelo desejo e pelo poder, é algo pelo que se luta (FOUCAULT, 2009). Para esse trabalho foi utilizada uma Análise do Discurso de linha francesa que não privilegia uma análise estruturalista, mas uma análise sobre as construções ideológicas presentes na linguagem que forma o discurso, observando o dito e o não dito. Segundo Foucault (2009), a análise investiga os princípios de ordenamento, de exclusão e de rarefação do discurso.

A partir das metodologias destacadas, foi possível detalhar o *corpus* da pesquisa. A análise bibliográfica e a genealogia possibilitaram o contexto amplo acerca da temática da

velhice, elencando os sentidos presentes junto aos contextos sociocultural e histórico. A Análise de Conteúdo concedeu instrumentos para a construção do mapa de sentidos acerca do corpo da mulher na velhice que, concatenados com os sentidos elencados na etapa anterior, forneceram um aprofundamento na análise dos sentidos apresentados na série. Por fim, a Análise do Discurso muniu o estudo das redes de sentido na observação detalhada de elementos da narrativa presentes na série “Grace and Frankie”, tanto para a narrativa explícita do roteiro quanto para uma análise implícita das relações de poder do discurso inserido na série. Assim, o intuito da utilização dessas metodologias foi o de desvelar as formações de sentidos presentes e propagadas pela série “Grace and Frankie” dentro do contexto sociocultural da velhice na contemporaneidade, que acabam influenciando os espectadores acerca das noções do corpo das mulheres velhas na sociedade ocidental.

2. BREVE GENEALOGIA DA VELHICE

2.1. Velhice mágica

A velhice constitui uma etapa da vida repleta de significados construídos socialmente durante a história da humanidade. Como defendido por Beauvoir (1970), a velhice somente pode ser compreendida em sua totalidade, pois além de ser um fato biológico, é um fato cultural. Para compreender os diversos sentidos da velhice na contemporaneidade, é fundamental estabelecer um breve recuo genealógico a fim de compreender a quais significados essa etapa esteve associada.

Nas sociedades de tradição oral³, a velhice designava um privilégio para o percurso da vida. Em comunidades com uma mortalidade elevada pelos mais diversos fatores, estima-se que somente 4% da população chegava aos cinquenta anos (SIMMONS, 1962). Alcançar a velhice concedia aos indivíduos um caráter especial e, muitas vezes, mágico.

A família era fundamental para os idosos. Conforme Simmons (1962, p. 36). “acima de todas as outras instituições, a família forneceu para as pessoas idosas condições essenciais para a existência física prolongada e fatores básicos para a segurança social”. A convivência de três gerações era comum nas comunidades, os idosos tinham estreitas ligações com as crianças, pois cuidavam de seus netos enquanto os adultos buscavam suprimentos. Criando assim, um importante vínculo entre as três gerações que facilitava o convívio e favorecia todos os membros da família.

A forma como os idosos eram tratados dependia da cultura de cada povoado. Conforme aponta Beauvoir (1970), em grupos sedentários o principal problema da velhice era o sustento dos indivíduos. Nos grupos nômades, o transporte era difícil, sendo uma escolha do grupo abandonar os mais velhos ou levá-los em tempos de migração. Nas sociedades agrícolas, a abundância de alimentos bastava para alimentar os mais velhos. Contudo, em épocas de escassez de colheitas, os velhos eram deixados pela família e fadados à inanição.

Um padrão observado por Simmons (1962) foi de que raramente havia uma aposentadoria abrupta, os idosos gradualmente optavam por tarefas mais leves, permanecendo ativos até muito próximo do fim da vida. Diversas eram as atribuições dos mais velhos, como o reparo de estruturas, manufatura de armas para caça, o cuidado de crianças e animais

³ Embora Simmons (1962) e Beauvoir (1970) utilizem o termo “sociedades primitivas” para descrever as sociedades do período em questão, utilizarei o termo “sociedades de tradição oral”, sendo esse utilizado para descrever os povos caracterizados pela transmissão da cultura entre as gerações por meio da oralidade. A utilização desse termo é uma tentativa de “uma visão sequencial do desenvolvimento da cultura, implícita nos termos pré-letrados e primitivo” (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986).

domésticos, assim como a responsabilidade de cuidar do fogo e de vigiar a comunidade enquanto os outros dormiam. A ideia de velhice associada a um período de descanso é oposta ao papel dos idosos nessas sociedades. A retomada de uma “velhice ativa” é um ideal que está sendo valorizado na contemporaneidade. Aos poucos a aposentadoria está sendo reinventada para um período de exercer novas atividades, assim como ocorria nas sociedades de tradição oral.

Segundo Simmons (1962), os idosos eram valorizados nas sociedades de tradição oral, pois a memória possuía um valor fundamental. De fato, na cultura oral, os mais velhos eram considerados os detentores de informações valiosas e responsáveis por repassar o seu conhecimento, instruindo e guiando os mais novos a tomarem as decisões. Em muitas dessas sociedades os idosos eram admirados por sua “inteligência, experiência e habilidades” (SIMMONS, 1962, p.42). Essas características concediam aos mais velhos uma posição privilegiada, de grande importância, que era o papel de ancião. Diversas eram as atribuições desse cargo, como demonstra Beauvoir (1962):

Por seu intermédio se transmitem as cerimônias, ritos, danças e cantos indispensáveis à celebração do culto. Ele os ensina aos demais, mas se vê designado de modo especial para os executar ele mesmo, devido ao seu saber. Além do motivo já apontado, é ele o *intermediário entre este mundo e o sobrenatural*. Na qualidade de detentor das tradições, de intercessor, de protetor contra as potências sobrenaturais, o homem de idade garante, através do tempo e no momento presente, a coesão da comunidade (BEAUVOIR, 1962, p. 92, grifos nossos).

O ancião representava ao mesmo tempo essa figura mística e o responsável por perpetuar as tradições do grupo, exercendo um papel fundamental para a comunidade. A religiosidade é uma característica marcante nas sociedades de tradição oral. Havia a crença de que os idosos possuíam poderes especiais, esses eram responsáveis por explicar os fenômenos desconhecidos, não por acaso “os médicos, parteiras, magos e sacerdotes eram, na maioria das vezes, homens idosos” (SIMMONS, 1962, p. 46). A maioria das funções religiosas cabia aos mais velhos, sendo eles os guardiões dos templos e santuários e os responsáveis pelos ritos, cerimônias e festas das comunidades. Um outro cargo religioso ocupado pelos idosos era o de xamã, o qual constituía uma figura com funções de mago, médico e sacerdote, presente na cultura de muitas sociedades de tradição oral. O registro da velhice associado a uma figura mística nas culturas orais também foi abordado por Beauvoir (1970, p.95) no seguinte trecho: “O velho nessas sociedades constitui um super-homem e um sub-homem. Impotente e inútil, ele é ao mesmo tempo intercessor, mágico e sacerdote: acha-se aquém ou além da condição humana e, com frequência, nas duas situações simultaneamente”. Segundo Beauvoir (1970), o destino dos idosos dependia dos interesses e possibilidades da comunidade, sendo uma

decisão tomada pelos adultos. Aos mais velhos cabia aceitar a sua sina. A partir disso, podemos observar que o tratamento direcionado aos mais velhos variava muito dependendo da cultura de cada povoado.

Em tempos com tantos perigos como alterações climáticas, escassez de comida e doenças, a morte era mais associada aos mais novos do que aos mais velhos. Segundo Simmons (1962), a morte para os idosos era, em sua maioria, uma experiência degradante, consequência de negligência e abandono, uma noção que parece perdurar na atualidade. Contudo, havia sociedades em que era uma experiência digna e glorificante. Em algumas comunidades, o suicídio dos mais velhos era, inclusive, uma prática comum e considerada um direito a uma morte digna e honrável. A busca por uma morte digna é um movimento que perdura na contemporaneidade e também será abordado na série “Grace and Frankie”.

A primeira referência à velhice documentada é oriunda do Antigo Egito em 2500 a.C. citada pelo filósofo e poeta Ptah-hotep, o qual em sua velhice escreveu uma série de instruções ao seu filho sobre as relações humanas. O texto ficou conhecido como “As máximas de Ptah-hotep” e logo no início o poeta apresenta o seu amargor em relação à velhice. Um trecho de suas máximas é citado por Beauvoir (1970), no qual a velhice é descrita a partir dos seus efeitos no corpo humano e considerada a pior desgraça que pode ocorrer ao ser humano, um estágio de decadência, o que corrobora a noção de que o final da vida era algo degradante.

Quão penoso é o fim de um ancião! Vai dia a dia se enfraquecendo: a vista baixa, as orelhas se tornam surdas; a força declina; o corpo não encontra repouso, a boca se torna silenciosa e já não fala. Suas faculdades intelectuais se reduzem e torna-se impossível recordar hoje o que foi ontem. Doem-lhe todos os ossos. As ocupações a que outrora se entregava com prazer só as realiza agora com dificuldade e desaparece o sentido do gosto. *A velhice é a pior desgraça que pode acometer um homem.* O nariz se obstrui e nada mais pode cheirar (BEAUVOIR, 1970, p.103, grifos nossos).

Desde o Antigo Egito podemos observar o sonho da eterna juventude. Na cultura egípcia a relação com o corpo era política e espiritual, no âmbito político a nobreza era determinada desde o nascimento, sendo o corpo como uma forma de distinção social, conforme é apresentado no trecho “um corpo é nobre porque assim determinaram os deuses, e como tal, devia ter a aparência divina que os destacava dos demais, os não nobres” (COSTA, 2010, p. 249). Segundo Costa (2010), o corpo era considerado um empecilho para a evolução do espírito, uma barreira para a transcendência. O ato de mumificar os corpos era uma forma de distinção de classes etambém visava que esse servisse de moradia para a alma na eternidade. Embora a visão negativa da velhice tenha sido predominante, os egípcios

acreditavam que ingerindo glândulas frescas de animais poderiam rejuvenescer. Essa esperança do rejuvenescimento é presente em diversos momentos históricos, desde os rituais de regeneração, na mitologia grega, com a imortalidade e a eterna juventude sendo um presente dos deuses e que concedia um status de divindade aos agraciados.

Temos um mito característico dessa relação com a juventude descritas por Beauvoir (1970) no livro *Velhice*. A lenda de Títon casado com a deusa do amanhecer Aurora, a qual pediu a Zeus a imortalidade para seu marido após os seus dois filhos falecerem. Contudo, esqueceu-se de pedir também a eterna juventude. Aos poucos, seu marido chegou à decrepitude, ficando miserável e solitário. Quando não podia mais andar, a deusa o transformou em uma cigarra para que pudesse sempre ouvir a voz do amante. Nesse mito podemos observar que a imortalidade sem a eterna juventude é considerada um castigo. Ser condenado a eterna decrepitude é pior do que a própria morte. Essa visão sobre a velhice perdura na contemporaneidade, sendo esse mito relevante para a compreensão da velhice na atualidade.

Na cultura judaica a velhice era vivenciada de forma divergente. Influenciados pelos textos bíblicos, a velhice era tida como “a recompensa máxima da virtude” (BEAUVOIR, 1970, p. 104). O respeito pelos velhos é relevante no Antigo Testamento, trechos como “Os cabelos brancos são como uma coroa de glória a quem se encontra no caminho da justiça” (BÍBLIA Provérbios, 16, 31). Outro trecho do Levítico resgata a figura do ancião: “Levanta-te diante dos cabelos brancos; honra a pessoa do velho e teme a teu Deus. Eu sou o Senhor” (BÍBLIA, Levítico, 19, 32). Os anciãos eram considerados figuras importantes nas sociedades cristãs, pois exerciam função política nos conselhos, influenciavam as leis e também participavam dos assuntos relacionados à religião.

A partir da Alta Idade Média, os jovens começaram a protagonizar a esfera pública, de modo que o ancião começou a perder o seu status de poder. O governo era baseado nas guerras, então a experiência dos idosos não era tida como tão relevante. Há, segundo Beauvoir (1970), duas exceções a esse modelo. Khindaswintz, eleito rei dos visigodos aos 79 anos e Calos Magno que reinou até os 72 anos.

A velhice também era retratada nos contos, os irmãos Grimm do folclore alemão, escreveram um texto que reflete as etapas da vida de forma interessante. Conforme é descrito a seguir:

Havia Deus concedido 30 anos de vida ao homem e a todos os animais, parecendo-lhe penosa tão longa existência, o asno, o cão e o macaco obtiveram dele uma redução de 18,12 e 10 anos do prazo estabelecido: o homem é menos sábio que os

animais. Pediu um prolongamento, obtendo os 18 anos do asno, os 12 do cão e os 10 do macaco. Tem o homem, portanto 70 anos de vida. Os 30 primeiros anos lhe pertencem e passam depressa. Chegam, em seguida, os 18 anos do asno, durante os quais tem de carregar nas costas fardos e mais fardos.... Vem depois os 12 anos do cão, no decorrer dos quais não faz mais que rosnar, arrastando-se de um canto para o outro, pois já não tem dentes para morder.... Decorrido esse tempo, só lhe restam os 10 anos do macaco. Já não é senhor de todo o seu juízo, torna-se meio esquisito e faz coisas estranhas que provocam o riso e a zombaria das crianças.... Cabe, assim ao homem toda a responsabilidade, por ser sua velhice mais longa e penosa que a dos animais: sua própria avidez imprudente a tanto o condenou (BEAUVOIR, 1970, p. 152-153).

Nesse conto a fase da velhice é descrito com tamanha aversão que é associada as características de animais. Está presente a ideia de decrepitude relacionada ao último período da vida, esse é o principal aspecto da velhice explorado não somente nesse conto, mas presente em literaturas, pinturas em diversos períodos históricos, sendo um dos estereótipos da velhice mais abordados. No conto a velhice é tida como um período de punição em consequência de o homem não ser sábio, sendo ele responsável e fadado a sua escolha.

A partir do século XIII, há uma mudança na condição de vida com um Renascimento na vida urbana na Europa. O comércio torna-se uma das principais atividades econômicas, o que proporciona o acúmulo de bens e de propriedade. A força física passa a um recurso secundário, dando lugar para a negociação e os contratos. Esses avanços proporcionaram o ganho de poder dos velhos de classes altas. Com a possibilidade do acúmulo de riqueza, esses tornam-se poderosos.

A Igreja estava consolidada como uma instituição relevante para a sociedades. Desde o século IV a fundação de hospícios e hospitais ajudaram os idosos e os doentes, sendo esses excluídos da sociedade. Muitas vezes abandonados pelas famílias, a alternativa para os velhos era a caridade, principalmente para os que pertenciam as classes sociais mais baixas. Para os cristãos, a velhice constituiu a última etapa para a busca da redenção, além de ser um período preparatório para a morte. Surgem as *ArsMoriendi* (A arte de morrer), as quais eram uma “espécie de guia de conduta destinados a leigos, mostrava práticas, orações e atitudes que o enfermo e seus familiares deveriam adotar para ajudá-lo no momento da morte e na passagem para a vida eterna” (BEATY, 1970, p. 20, apud SOUZA, 2015, p. 4). Esses guias contavam com um ciclo de xilogravuras intercalados com textos que “representam a luta entre anjos e demônios pelo destino da alma do moribundo” (SOUZA, 2015, p. 5).

Figura 1: *ArsMoriendi*



Fonte: Site History of Graphic Design (HISTORYGRAPHICDESIGN, 2017)

Conforme descrito por Souza (2015), na figura acima é demonstrado o ciclo do desespero do moribundo, no qual os demônios apontam os seus pecados que estão anotados no “livro de contas” pelos quais o indivíduo será julgado. As inscrições em latim apresentam os pecados cometidos como o amor pelas coisas terrestres, a fornicação, assassinato. Ao relembrar dos seus pecados, o moribundo entra em desespero “atentando, assim, contra a segunda virtude teleológica: a esperança” (SOUZA, 2015, p. 9).

O gênero literário das *ArsMoriendi* tornou-se muito popular, principalmente para o público leigo pela sua linguagem pedagógica, instruindo os indivíduos a como atingir a salvação espiritual. Sobre o conteúdo dos livros, Beauvoir aponta (1970, p. 159) “neles também se encontram conselhos aos velhos a respeito da maneira de elaborar um testamento: é de muito bom aviso que os que possuem bens, leguem uma parte deles aos conventos ou aos hospícios”

O papel das mulheres velhas é interessante de ser observado no decorrer da história. Segundo Beauvoir (1970), desde as sociedades de tradição oral havia a disparidade entre o papel do homem e da mulher. A velhice feminina era valorizada nas sociedades matrilineares, nas quais a mulher possuía um papel cultural, religioso, social e político relevantes. Havia a atribuição de poderes sobrenaturais às idosas. A figura da feiticeira é um papel recorrente em diversos momentos históricos. Embora dignas de prestígio em algumas sociedades, isso não evitava que fossem consideradas inferiores e fossem abandonadas e queimadas.

Nos contos da Idade Média, a figura da mulher velha é associada às características de “ogras, feiticeiras malévolas e perigosas” (BEAUVOIR, 1970, p. 153), a ponto de costumeiramente, na comuna francesa Roussilon, uma boneca de uma mulher velha com sete pés ser queimada no dia de Páscoa, representando a Quaresma (BEAUVOIR, 1970). No século XV, o poeta francês Eustache Deschamps estabeleceu o início da velhice aos trinta anos para as mulheres e aos cinquenta anos para os homens, sendo a velhice motivos de “desgosto, decadência da alma e do corpo, ridículo, feiura” (BEAUVOIR, 1970, p. 164). O Renascimento, período característico por diversas transformações nas sociedades europeias, inclusive a transição entre o feudalismo e o capitalismo, também foi um período de intensa produção artística. As pinturas valorizavam a beleza do corpo jovem da mulher. A velhice foi associada à feiura, principalmente para as mulheres. Diversos pintores retrataram a temática da “velha feia”, como se pode observar nas figuras abaixo:

Figura 2: Vecchia de Giorgiane



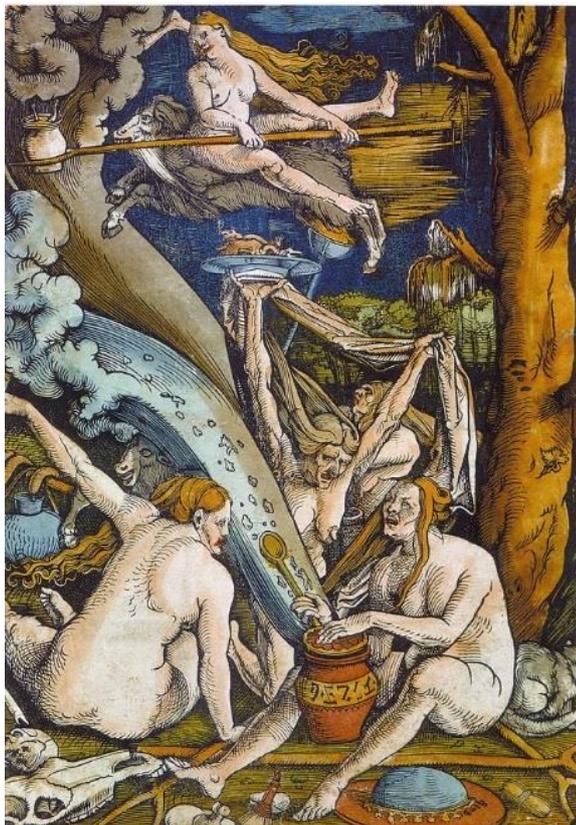
Fonte: (GIORGIANE, 1506)

Figura 3: A Duquesa Feia de Quentin Matsys



Fonte: (MATYS, 1513)

Figura 4: Hexen (Witches) de Hans Baldung



Fonte: (BALDUNG, 1508)

Nas figuras 2, 3 e 4 a feiura das mulheres velhas é exacerbada. Na pintura de Giorgione (1506) é perceptível o olhar de sofrimento da idosa. A pintura de Quentin Metsys (1513) “A Duquesa Feia” representa uma figura “grotescamente ataviada, hediodamente decotada, de fisionomia bestial” (BEAUVOIR, 1970, p. 182). Na obra do alemão Baldung (1508) podemos observar a feiura retratada de uma forma caricata. A associação das mulheres velhas à feitiçaria também está presente. No século XVII, o escritor Francisco de Quevedo demonstrou sua repulsa às mulheres velhas no trecho “é hedionda, enrugada, abjeta, com a boca ‘despavimentada’, buracos em lugar de molares, nariz encontrando-se com o mento; é fetido o seu hálito, *é um saco de ossos, a morte em pessoa*” (BEAUVOIR, 1970, p. 191, grifos nossos).

Diante do que foi apresentado podemos observar a pluralidade de sentidos que envolvem a velhice desde o período das sociedades de tradição oral até a Idade Média. O ponto de vista é alterado de acordo com o gênero, classe social e cultura, não podendo ser simplificado a uma ótica maniqueísta de visão positiva ou negativa sobre a velhice. Cada

sentido deve ser analisado de acordo com a posição do indivíduo e o contexto histórico, político e social presentes em cada sociedade.

2.2. Velhice marginalizada

Os séculos XVII, XVIII e XIX foram períodos de intensas transformações na sociedade europeia. As condições de trabalho no campo não favoreciam os camponeses, fazendo-os migrar para os centros urbanos. Segundo Beauvoir (1970), o êxodo rural foi característico desses séculos em diversos países da Europa. Esse movimento aliado a um grande surto populacional em toda a Europa fez com que as cidades se desenvolvessem. Contudo, os Estados não estavam preparados para suprir as demandas dessa população. A medicina moderna se desenvolveu em meio a esse cenário e tornou-se um instrumento para o Estado. Foucault apresenta o conceito de biopolítica, sendo “a maneira pela qual, a partir do século XVIII, se buscou racionalizar os problemas colocados para a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes, enquanto população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raça” (CASTRO, 2009, p. 59). Sendo assim, a biopolítica é uma forma de poder utilizada pelo Estado para o controle da população, utilizando-a como “máquina para produzir, para produzir riquezas, bens, para produzir outros indivíduos” (CASTRO, 2009, p. 59). Nesse contexto, a medicina foi instrumentalizada pelo Estado como uma ferramenta para gerir a produção da população, isso corrobora a ideia de corpo biopolítico, conforme cita Foucault: “O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica” (FOUCAULT, 1979, p. 47).

Na França, ocorreu o primeiro passo para a medicina social, a medicina urbana. O Estado sentiu a necessidade da centralização de poder nos centros urbanos por fatores econômicos e políticos. A população pertencente as classes mais baixas da sociedade estavam insatisfeitas com os impostos e as dificuldades das colheitas, por isso as revoltas camponesas marcaram o século XVII.

Outro passo para a medicina social foi a medicina de Estado da Alemanha do século XVIII (FOUCAULT, 1979). Essa ciência do Estado era a forma de adquirir conhecimento sobre a população, fornecendo uma melhoria nas condições de saúde e então, assegurar o funcionamento e o poder do Estado. A medicina tornou-se tão relevante na época que foi normatizada pelo governo, além de ter sido criada uma organização administrativa para controle e fiscalização dos profissionais. A partir do controle dos médicos o Estado conseguiu o controle da população. Outro elemento é apontado por Foucault (1979) como alarmante para o desenvolvimento dessa forma da medicina, o medo urbano constituído pela

insegurança da população com a construção das fábricas, da aglomeração populacional, dos cemitérios que invadiam as cidades. A alternativa da medicina urbana foi inspirada nos planos de quarentenas de épocas de epidemias de doenças, nas quais eram designadas pessoas para controle e vigilância da população. As informações coletadas permitiram o controle das regiões que forneciam perigo aos cidadãos, como os cemitérios e também uma preocupação com a circulação hídrica e de ar pela cidade. Um conceito importante definido no século XVIII e relevante para a noção de higiene pública foi o de salubridade, a qual “não é a mesma coisa que saúde, e sim o estado das coisas, do meio e seus elementos constitutivos, que permitem a melhor saúde possível. Salubridade é a base material e social capaz de assegurar a melhor saúde possível dos indivíduos” (FOUCAULT, 1979, p. 55).

A terceira etapa para a medicina social, considerada o modelo mais sucedido, foi o da medicina dos pobres, da força de trabalho. No século XVII na Inglaterra, após o aumento da população e a migração de trabalhadores rurais para as cidades, a rainha Elizabeth criou a “Lei dos Pobres”, na qual o Estado se responsabilizava pelos indigentes. Foram criados impostos para sustentar o programa e os indigentes trabalhavam para o Estado ou a Igreja para conseguir o auxílio. Os velhos que não podiam trabalhar eram recolhidos aos asilos. No século XVIII as melhores condições de higiene contribuíram para o rejuvenescimento da população em toda a Europa, o que favoreceu a longevidade (BEAUVOIR, 1970). Contudo, esse avanço para a longevidade foi perceptível somente nas classes mais altas. Os indivíduos de classes mais pobres eram fadados à indigência ao chegar na velhice. A “Lei dos Pobres” foi o primeiro passo para a medicina inglesa tornar-se social, além de ser um instrumento de controle. Para receber o benefício, o indivíduo se submetia a diversos controles médicos. Podemos observar que os interesses do Estado perpassavam todas as formas de intervenção, como apontado a seguir:

Com a “Lei dos Pobres” aparece, de maneira ambígua, algo importante na história da medicina social: a ideia de uma assistência controlada, de uma intervenção médica que é tanto uma maneira de ajudar os mais pobres a satisfazer suas necessidades de saúde, sua pobreza não permitindo que o façam por si mesmos, quanto um controle pelo qual as classes ricas ou seus representantes no governo asseguram a saúde das classes pobres e, por conseguinte, a proteção das classes ricas (FOUCAULT, 1979, p.56)

No século XVIII, alguns papéis sociais se alteram com a ascensão da burguesia. Segundo Beauvoir (1970), os adultos modificaram a visão dos velhos, reconhecendo neles o seu futuro. Em tempos em que o acúmulo de riquezas passou a ser uma prática, o velho é o responsável pela permanência do status social da família, deixando o que acumulou de

herança. O velho ganha status de chefe da família, detentor de poder econômico e respeitado por seus familiares.

O capitalismo no século XVIII se instaura como modelo econômico em parte da Europa, o avanço desse modelo altera a visão de tempo e começa a afetar diretamente os mais velhos. Na Idade Média, tinha-se a visão do tempo de que o universo era algo capaz de ser alterado em um processo lento. O avanço do capitalismo em conjunto com a vontade de progresso da burguesia favorecera para o modelo de um mundo em constante evolução. O velho sente-se “incapaz de acompanhar a evolução, ele fica para trás, sozinho, murado, no meio de um mundo em alteração, incessantemente rejuvenescido” (BEAUVOIR, 1970, p. 214). Essa visão dos idosos como indivíduos ultrapassados, incapazes de acompanhar as inovações é muito presente na contemporaneidade e também representada na série *Grace & Frankie*. Nela podemos observar as personagens tentando ao máximo se afastar desse estereótipo ao utilizarem *smartphones*, embora tenham dificuldades de utilizá-los.

Entre o século XVIII e XIX, a Revolução Industrial, marcou um momento histórico de avanços tecnológicos e econômico, que transformaram a sociedade moderna. Essa Revolução marcou a alteração da produção de manufatura pela maquinofatura. A partir do emprego de máquinas nas produções e fábricas, houve a divisão de trabalho em série e a possibilidade de maior produção em menor espaço de tempo. A mão de obra na época era abundante com o notório aumento populacional que ocorreu na Europa no século XVIII. Com a Revolução Industrial houve o surgimento do proletariado, sendo esse composto pela “massa de trabalhadores constituída pelos simples operários — força de trabalho maciça, separada do capital ou de qualquer espécie de satisfação mesmo limitada” (MARX; ENGELS, 1999). A situação de trabalho do proletariado era precária, o ritmo de trabalho era intenso, com jornadas abusivas. Conforme Sadi Dal Rosso (2017, p. 1), “o número médio de horas de trabalho por ano subiu das 2,5 mil horas nos períodos pré-industriais para 3 mil a 3,5 mil horas durante as revoluções industriais”. Diante desse modelo que prezava a maximização da produtividade, os velhos de classes baixas que não tinham mais condições de trabalhar, eram abandonados à miséria. Nos países que aderiram ao regime industrial, como a Inglaterra e a França, os velhos eram marginalizados e indigentes.

Todavia, o mesmo sistema que explorou os velhos pobres, beneficiou os anciãos das classes privilegiadas, os detentores de latifúndios e dos meios de produção, obtinham grande poder econômico e social. No século XIX instaurou-se um regime de gerontocracia conforme afirmado por Beauvoir (1970), no qual os idosos tinham preponderância política. Os mais

velhos detinham maior influência política e econômica devido ao tempo superior para o acúmulo de bens, sendo eles os principais protagonistas das camadas mais ricas da sociedade. A gerontocracia entrou em declínio a partir do ano de 1848 quando o poder político passou a ser dos bancos e da indústria (BEAUVOIR, 1970). O capitalismo familiar perdeu seu espaço para as sociedades anônimas e para os empresários, em sua maioria, jovens.

Uma outra política médica foi instaurada no século XIX denominada de serviços de *health service*, os quais obrigavam à vacinação compulsória da população, o registro de doenças e epidemias e a identificação e destruição de locais insalubres (FOUCAULT, 1979). Essas etapas da medicina visavam a socialização do corpo como objeto detentor de força de trabalho. O modelo inglês obteve êxito ao propagar “uma medicina que é essencialmente um controle da saúde e do corpo das classes mais pobres para torná-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas” (FOUCAULT, 1979, p. 57).

Segundo Beauvoir (1970), a partir do século XVII, a medicina buscou a compreensão do fenômeno da velhice. Galeno, importante médico e filósofo grego, detinha uma visão da velhice que a considerava um período intermediário entre a saúde e a doença. Essa visão persistiu do século II até o século XIX. Os discípulos de Galeno compreendiam a velhice como uma moléstia incurável. De fato, a velhice foi reforçada pela sociedade e pela medicina como um período de declínio e decadência física. Sobre a temática foram escritos tratados de higiene, com o intuito preventivo da velhice. A prática de dissecação dos corpos possibilitou a criação da anatomia moderna, com a qual foi possível a análise dos efeitos da velhice sob o corpo humano. No século XVIII houve a correlação entre os sintomas físicos e as análises das autópsias sobre a velhice, de modo que o campo de estudo foi gerando maior interesse para os médicos. As concepções mecanicistas da Antiguidade, as quais relacionavam o corpo ao de uma máquina que se desgasta após um longo tempo de uso, retornaram e se fortaleceram nas sociedades industriais. Tal visão acerca do corpo perdura na contemporaneidade, principalmente com o avanço da tecnociência que possui uma visão de constante aperfeiçoamento em relação ao corpo, utilizando da tecnologia para intervir no funcionamento fisiológico corporal, criando “melhorias”, como a tão almejada imortalidade.

A partir do século XIX, em meio às diversas transformações na sociedade, o envelhecimento da população tomou proporções de forma que não possibilitava o esquecimento ou a total marginalização dessa parcela da população. Na França foram criados diversos e grandiosos asilos, como a *Salpêtrière*, a qual pode ser considerada a primeira instituição geriátrica, pois possuía cerca de três mil velhos. A observação e o estudo dos

idosos nos asilos ajudaram o avanço da medicina preventiva para a terapêutica, na qual buscava a cura dos velhos. No século XX, surgiu o ramo específico da medicina para os idosos, denominada geriatria, sendo Ignatz Leo Nascher considerado o pai dessa vertente. O interesse de Nascher surgiu ao visitar asilos e observar a longevidade e o estado de saúde dos idosos, a partir disso decidiu dedicar-se a esse público. Fundou em 1912 a Sociedade de Geriatria de Nova Iorque e lançou, em 1914, um livro sobre a geriatria, difícil de ser publicado, devido à falta de interesse pelo assunto (BEAUVOIR, 1970).

Diante desse cenário, pode-se observar as ambivalências que perpassaram a velhice durante a história, sendo essa uma etapa muito divergente dependendo da condição familiar, política e econômica dos indivíduos. Beauvoir (1970) faz uma crítica a como a perspectiva sobre a velhice é retratando os eupátridas, termo que a autora utiliza para retratar os membros da nobreza, pertencentes às classes privilegiadas da sociedade. Durante muito tempo as perspectivas sobre a velhice não denunciavam como viviam os idosos de classes pobres, estando seu destino nas mãos da maioria trabalhadora. Em virtude da posição de poder na sociedade, as classes dominantes detêm o protagonismo e o direito à visibilidade, sendo os velhos e velhas de classes abastadas, visíveis. O protagonismo das classes dominantes no historicismo é algo apontado e criticado por Walter Benjamin (1940), tendo algumas classes sociais mais destaque no percurso histórico do que outras, conforme afirma Löwy (2002):

O historicismo se identifica enfaticamente (Einfühlung) com as classes dominantes. Ele vê a história como uma sucessão gloriosa de altos fatos políticos e militares. Fazendo o elogio dos dirigentes e prestando-lhes homenagem, confere-lhes o estatuto de “herdeiros” da história passada. Em outros termos, participa – como essas pessoas que levantam a coroa de louros acima da cabeça do vencedor – de um “cortejo triunfal em que os senhores de hoje caminham por sobre o corpo dos vencidos” (Tese VII) (LÖWY, 2002, p. 203).

Os interesses da classe dominante determinavam a forma como a velhice era abordada. Quando a sociedade era governada por idosos, havia a atribuição dos significados de virtude e da valorização da experiência. Embora tivessem os poderes políticos, sociais e econômicos, a classe dominante não valorizava igualmente os velhos pobres, pois não era de seu interesse. Conforme aponta Beauvoir (1970, p. 241) “foi a luta de classes que conferiu ambivalência à noção de velhice”.

A Revolução Industrial alterou as relações de trabalho, a forma de comércio, a noção de produtiva e também alterou a noção de tempo. Foram diversas as formas de classificação da Modernidade. O modelo de divisão do trabalho, classificando a forma de trabalho e a atividade do trabalhador, assim como a classificação e a catalogação da medicina como forma de controle de doenças e da população. Além disso houve a classificação do tempo com o

advento do relógio doméstico, sendo a máquina mais emblemática do capitalismo industrial, segundo Sibilía (2015). Para a pesquisadora, o aparelho simboliza a transição para o industrialismo e a lógica disciplinar.

A classificação do tempo gerou a “cronologização da vida”, termo utilizado por Kohli e Meyer (KOHLI, M. & MEYER, J. W., 1986, Apud DEBERT, 1999, p. 50) alterando a forma como a vida é periodizada. O estudo do processo de “cronologização da vida” surgiu na Modernidade, analisando e classificando as etapas da vida, assim como a transição entre uma etapa e outra. Essa classificação passou a ser fundamental para a organização social. Em meio à transformação da economia familiar para a economia de mercado houve o processo de tomada dos Estados Modernos que passaram a administrar e controlar assuntos que antes eram da esfera privada e passar a ser de ordem pública. Esse processo de classificação das faixas etárias definiu etapas que não eram claras como a infância e a velhice, sendo relevante para o Estado o período intermediário entre essas duas etapas, as quais representavam o período de intenso potencial produtivo dos indivíduos. Segundo Debert (1999):

A institucionalização crescente do curso da vida envolveu praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho e está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas do mercado de consumo e nas políticas públicas que, cada vez mais, têm como alvo grupos etários específicos (DEBERT, 1999, p. 51).

A divisão do curso da vida não foi realizada com base nos estágios de maturidade e nos estágios biológico dos indivíduos, ao invés disso foi definido por um aparato cultural, um consenso que foi imposto aos indivíduos e que regularizaram seus direitos e deveres. Segundo Debert (1999), as etapas da vida foram um mecanismo do Estado Moderno para atribuir status aos indivíduos, definir e estabelecer os papéis e deveres ocupacionais e também estabeleceu os direitos dos indivíduos com suas demandas sociais. A utilização do tempo como um aparato de controle alterou a perspectivas das etapas da vida que na época pré-moderna eram definidas pelo status e pelo poder familiar e passou a ser definido por um processo de burocratização do curso da vida em prol das demandas industriais.

O ritmo industrial impôs a divisão da vida em tempos cronometrados, mudança que fez com que os indivíduos alterassem o modo de ser ou criassem novas formas de ser e estar, compatíveis com o ritmo de trabalho e com as incessantes transformações da época. Segundo Sibilía (2015), “as sociedades industriais desenvolveram toda uma série de dispositivos destinados a moldar os corpos e as subjetividades de seus cidadãos, a fim de extrair deles o maior proveito possível (SIBILIA, 2015, p. 32). O Estado utilizou-se do tempo como um

dispositivo de poder, como uma forma de alteração e de controle da subjetividade dos indivíduos na sociedade moderna, assim como fez com a medicina.

Os dispositivos de poder funcionavam como tecnologias disciplinadoras dos indivíduos, alterando seus modos de ser em torno da produtividade. Diversas eram as instituições propagadoras dessa disciplina, como as escolas, as fábricas, hospitais, prisões, assim como as casas de família. Paula Sibilia (2015) aponta os dispositivos de poder empregados nessas instituições, como a arquitetura panóptica, na qual um indivíduo vigiava muitas, a técnica de confissão propagada pelo cristianismo e apropriada pelo Estado como uma forma de autovigilância e o controle do tempo dos indivíduos, desde seu nascimento até a morte. Esses mecanismos tinham como objetivo a autovigilância generalizada (SIBILIA, 2015, p. 32) visando o assujeitamento dos indivíduos às normas estabelecidas. Esse assujeitamento foi uma forma encontrada pelo Estado de não utilizar a violência como mecanismo institucionalizado para o cumprimento das ordens, e, ao invés disso, fazer com que essa responsabilidade fosse transferida ao indivíduo que internalizava as normas e constantemente se autovigiava para garantir o cumprimento destas.

Gilles Deleuze (1992) utiliza-se do conceito de Foucault (1999) de sociedades disciplinares⁴, para descrever as sociedades dessa época, para ele os meios de confinamento tinham o projeto de “concentrar, distribuir no espaço, ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares” (DELEUZE, 1992, p. 219). Nas sociedades disciplinares o indivíduo é identificado pela sua assinatura e pelo seu número de matrícula. O sistema buscou moldar a população em padrões predefinidos com um projeto de modo de ser em série, expandindo a lógica de produção das fábricas para toda a sociedade.

Foucault denominou tais formas de sujeição às normas de “tecnologias de biopoder, ou seja, de um poder que focalizava diretamente à vida, administrando-a e modelando-a para adequá-la à normalidade e, com isso, canalizar produtivamente suas energias e potências” (SIBILIA, 2015, p. 32). O corpo foi instrumentalizado para ser ao mesmo tempo dócil, no sentido de exercer pouca resistência às normas e útil, garantindo assim seu potencial produtivo. A gestão do corpo alternou-se de um processo individualizado para ser algo instrumentalizado pelo Estado, gerando corpos submissos. Essa gestão dos corpos modernos era delicada, pois havia a necessidade de unir os estímulos e as repressões em um equilíbrio. Esse processo é descrito por Paula Sibilia (2015):

⁴As sociedades disciplinares fazem referência à estrutura social caracterizado pela “extensão progressiva dos dispositivos de disciplina ao longo dos séculos XVII e XVIII” (FOUCAULT, 1999, p. 232).

Assim, nesse complicado esforço cotidiano, as sociedades industriais pretendiam gerar corpos submissos e produtivos, dispostos a trabalhar no âmbito das escolas e das fábricas, por exemplo, enquanto suas potências políticas eram sufocadas a fim de inibir as tentativas de rebelião (SIBILIA, 2015, p. 33).

A implementação desses dispositivos de poder foi intencional e fundamental para o desenvolvimento do capitalismo industrial, pois foram utilizados para fins econômicos e políticos. Ao mesmo tempo que esses objetivos são claros, não é possível atribuir-lhes uma autoria ou responsabilidade. Trata-se de um projeto histórico, coletivo e consensual, conforme apontado por Sibilía (2015).

A ascensão da sociedade disciplinar com o processo de assujeitamento, alterou as formas de ser e estar no mundo dos indivíduos, modificando assim, as subjetividades. Segundo Sibilía (2008), as subjetividades são elásticas e são alteradas de acordo com as tradições culturais. A pesquisadora aponta que nos séculos XVIII e XIX a esfera da privacidade começou a se tornar relevante, o que auxiliou o processo de desenvolvimento da sociedade industrial e do modo de vida urbano. Com essas alterações na sociedade, a burguesia começou a buscar espaços de refúgio para os indivíduos e para as famílias, sendo esses espaços “um território a salvo das exigências e dos perigos do meio público, aquele espaço ‘exterior’ que começava a ganhar um tom cada vez mais ameaçador” (SIBILIA, 2008, p. 60). O ritmo industrial acelerado, o intenso aumento populacional nas cidades, a proliferação de doenças e da pobreza, contribuíram para um ambiente tido como ameaçador. Nesse contexto, houve a necessidade de distinção entre a esfera pública e a privada, uma forma de divisão do tempo e também do espaço entre o que tangia ao trabalho e o que era referente à vida cotidiana, sendo essa mais uma forma de classificação da Modernidade. Sibilía (2008) aponta a instituição da família nuclear burguesa como um fator para a cisão do público-privado. A estrutura da família burguesa, constituída pelo “marido, esposa, os filhos e uns poucos servos” (NADER, 1992), buscou a intimidade em detrimento do espaço público, conforme a seguir:

Apesar da compreensão de se viver socialmente, a família moderna voltou-se para si. O conforto familiar nasceu na intimidade do lar. O tratamento entre os membros da família é mais afetivo e a preocupação com os detalhes da vida doméstica é levada muito a sério pelo pai. As questões de saúde, de higiene e de educação passam a ser as principais inquietações da família moderna, onde as crianças e os jovens conquistam seu espaço familiar (NADER, 1992, p. 66).

Segundo Sibilía (2008), a disposição da casa foi alterada, o quarto próprio passou a ser objeto de desejo e ambição. A solidão também passou a ser desejada, uma forma de refúgio resguardada “dos olhares intrusos” e do “império austero do decoro burguês” (SIBILIA, 2008,

p. 63). O tempo para si começou a ser cultuado “em contraposição ao protocolo hostil da vida pública, o lar foi se transformando no território da autenticidade e da verdade: um refúgio onde o eu se sentia resguardado, um abrigo onde era permitido ser si mesmo” (SIBILIA, 2008, p. 61). O espaço privado tomou uma importância tão relevante na vida dos indivíduos que surgiram as denominadas “tirantias da intimidade”, conceito descrito por Richard Sennet (1993) e abordado por Sibilia (2008) como um sentimento de indiferenças em relação aos assuntos públicos. As ações políticas passaram a ser avaliadas levando em conta primeiro os efeitos para o eu privado e posteriormente os efeitos para a sociedade.

A estrutura familiar, a divisão do espaço-tempo entre trabalho e vida cotidiana estimularam uma subjetividade interiorizada com enfoque nas profundezas do próprio eu. Os devaneios da autodescoberta resultavam, muitas vezes, nos relatos de si. Segundo Sibilia (2008), esses relatos pertencem ao gênero autobiográfico e se manifestam na escrita de diários e cartas, sendo assim caracterizadas como escritas íntimas. Os autores desses relatos inspiravam-se nos romances e contos, absorvendo algumas de suas características textuais. As narrativas de si alteraram a forma como o indivíduo percebia si mesmo, algo que resultou no surgimento da interioridade psicológica. Sibilia (2008, p. 65) aponta que “o repertório afetivo dessa esfera íntima devia ser cultivado, agasalhado, sondado e enriquecido constantemente”, sendo um processo de nutrição do próprio eu intensificado pelos relatos de si que permitiram a ruminação dessa interioridade. Segundo a autora, essa forma de interioridade psicológica daria, posteriormente, origem à psicologia, disciplina importante para a compreensão dessas formas de subjetividade. Sibilia (2008, p. 33) explicita de uma forma muito interessante a relação dos relatos de si com o processo de construção de subjetividade na constatação de que “é preciso escrever para ser, além de ser para escrever”.

Os relatos de si também não deixam de ser mecanismos de confissão, nos quais os indivíduos compartilham o que há de mais íntimo em sua vida. Como já citado a confissão foi apropriada como um dispositivo de poder, o qual segundo Sibilia (2008, p. 72): “trata-se de um formidável mecanismo de sujeição dos homens, tendente à sua constituição como sujeitos compatíveis com um determinado projeto histórico da sociedade”. Sendo assim, os relatos de si fortaleceram, de certa forma, a sociedade industrial que “precisa saber para aperfeiçoar seus mecanismos” (SIBILIA, 2008, p. 72).

As características apresentadas formaram as subjetividades modernas, denominada pelo sociólogo David Riesman de “personalidades introdirigidas” pela característica de serem

voltadas para dentro de si (SIBILIA, 2008). O doutor em Saúde Coletiva Benilton Bezerra Jr. (2002) destaca o surgimento da subjetividade moderna sendo essa uma forma que:

Emergiu uma forma subjetiva particular, caracterizada pela interioridade psicológica, pela construção de identidades fundadas em atributos e sentimentos privados, pela problematização e exploração do repertório afetivo íntimo. O *homo psychologicus* aprendeu a organizar sua experiência em torno de um eixo situado no centro de sua vida interior (BEZERRA, 2002, p. 232).

O pesquisador utiliza o termo *homo psychologicus* para descrever a subjetividade predominante entre os séculos XVIII e XIX, subjetividade essa concentrada na interioridade psicológica e na descoberta de si. A subjetividade moderna possui elementos fundamentais para a compreensão das formas de ser e estar do mundo contemporâneo, possuindo elementos contrastantes, principalmente no que tange ao campo da intimidade. Na contemporaneidade, o eixo da subjetividade é alterado do interior, para o exterior. Além disso, o enfoque não está somente no eu e também no outro, o qual possui a capacidade de legitimar e reafirmar o nosso eu. Embora haja elementos de ruptura entre a subjetividade moderna e contemporânea, há também elementos de continuidade, como a permanência e fortalecimento dos relatos de si na contemporaneidade, como por exemplo, nos vídeos do YouTube em que há a intimidade dos indivíduos é exposta para todos aqueles que possuem acesso à Internet. A plataforma diverge, assim como as tecnologias disponíveis em cada tempo, mas o princípio desses relatos de si permanece. Os dispositivos de poder ainda são pertinentes no processo de subjetivação dos indivíduos, na contemporaneidade a vigilância aparece como umas das formas de controle marcantes na formação da subjetividade. Observar essas rupturas e continuidades entre as subjetividades modernas e as contemporâneas, assim como seu contexto histórico e social acerca delas, é relevante para compreensão da contemporaneidade assim como de qual caminhos estamos trilhando com as novas formas de subjetivação.

2.3. Velhice performática

Segundo Gilles Deleuze (1992), após a Segunda Guerra Mundial, os meios de confinamento das sociedades disciplinares entraram em uma crise, na qual muitos desses permanecem até hoje. Os meios de confinamento não deixaram de existir, mas estão imbuídos em um processo de renovação para se manterem pertinentes, esse processo ocorre nas escolas, igrejas, prisões, indústrias, dentre outros meios de confinamento. Os ícones das sociedades disciplinares, as indústrias, acabaram sendo substituídos pelas empresas. Essas instituições são demarcadas pelo regime de meritocracia, estimulando e premiando, muitas vezes, os funcionários que competem entre si. A união dos funcionários das fábricas, a qual possibilitou

a criação dos sindicatos e das reivindicações trabalhistas, foi substituída por uma “rivalidade inexpréssível como a emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo” (DELEUZE, 1992, p. 221). Devido a essa constante competitividade no ambiente de trabalho, o funcionário é visto como algo dispensável, um elemento que pode ser trocado, caso apareça alguém mais qualificado para a função.

As sociedades de controle são demarcadas pelo engendramento de novos dispositivos de poder, bem como por tecnologias contemporâneas que possibilitam a conexão, a troca e o gerenciamento de informações. Um dos principais capitais da sociedade contemporânea é a informação e o conhecimento. Segundo Deleuze (1992), a linguagem das sociedades de controle é numérica e no caso da Internet é binária, o fluxo de informação é constante e imperceptível. Deleuze (1992, p. 222) aponta que a identificação dos indivíduos é realizada por uma forma de código, sendo a linguagem numérica do controle feita por cifras, que demarcam “o acesso à informação, ou a rejeição”. As informações de identificação dos indivíduos estão cada vez mais conectadas, de modo que, o número de ID⁵ de cada computador identifica o aparelho e também pode ser conectado aos hábitos de consumo da Internet captados por meio dos *cookies*⁶. Há tantas informações disponíveis a partir da utilização da Internet que surge uma nova forma de processamento e compreensão desses dados, chamado de *Big Data*⁷, o qual possibilita a utilização desses dados para as mais diversas finalidades desde políticas públicas, aumento de vendas de produtos e serviços e também em campanhas para eleições presidenciais.

A forma de capitalismo também foi alterada, o capitalismo de produção predominante nas sociedades disciplinares cede espaço para o capitalismo de sobre-produção, conforme aponta Deleuze (1992), as máquinas energéticas foram substituídas pelos computadores, a venda é de serviços e o enfoque é no produto. A escassez de destes foi substituída pela abundância e variedade de produtos e serviços, formando um mercado muito competitivo. Em meio a uma abundância de oferta, há a necessidade de incorporação de diferenciais e novas abordagens aos produtos, para isso o marketing surge como fundamental para o mercado.

⁵ “O endereço IP (*Internet Protocol*, ou Protocolo de Internet, em Português), é um número responsável por identificar os computadores em uma rede local ou pública” (TECHTUDO, 2011).

⁶ “Arquivos de internet que armazenam temporariamente o que o internauta está visitando na rede. Esses bytes geralmente possuem formato de texto e não ocupam praticamente nenhum espaço no disco rígido do computador” (UOL SEGURANÇA DIGITAL, 2013).

⁷ O *Big Data* é caracterizado como um “conjunto de grande quantidade de dados que são produzidos por pessoas a partir da utilização da Internet, e que podem somente serem armazenados e compreendidos com o auxílio de métodos e ferramentas específicas” (CAMBRIDGE DICTIONARY, 2017).

A noção do tempo também foi alterada com a ascensão das sociedades de controle. Segundo Deleuze (1992), nas sociedades disciplinares nunca se parava de recomeçar, as etapas da vida exigiam a passagem de um meio de confinamento a outro; já nas sociedades de controle, nunca se termina nada, pois o tempo é tido como algo contínuo e ainda mais abstrato. Sibilia (2015) aponta o relógio digital como um marco para essa ideia de tempo contínuo, pois “o tempo não é mais compartimentado geometricamente, passando a ser um contínuo fluido e ondulante, sempre escoando e nunca suficiente” (SIBILIA, 2015, p. 29). Nesse universo em constantes alterações, temos a sensação de estarmos sendo engolidos pelo tempo. Com efeito, o sentimento dos idosos de estarem ultrapassados na Modernidade, é acentuado e estendido a todos os indivíduos na contemporaneidade. Afim de para combater esse sentimento busca-se a constante renovação e o maior consumo de informação para manter-se atualizado.

Diante dessas características da sociedade de controle, Sibilia (2015) aponta que os mecanismos de poder das sociedades disciplinares foram refinados, tornando-se mais sutis e menos evidentes. Além disso, “eles parecem ter agregado eficácia, permitindo exercer um controle total em lugares abertos e fechados, burlando todos os limites espaciais e temporais que poderiam obstaculizá-las” (SIBILIA, 2015, p. 28). A partir disso, podemos observar que o poder se apresenta de forma difusa na contemporaneidade, apesar de estar sempre presente. Vivemos em tempos de uma constante vigilância e controle.

A subjetividade do *homo psychologicus* sofreu marcantes transformações na contemporaneidade, de modo que os espaços privados não são mais o principal objeto de desejo. O processo vigente é a publicização do privado, conforme aponta Sibilia (2008). Em meio às intervenções tecnológicas e a uma cultura midiaticizada, o imperativo é a visibilidade do eu, para que esse eu seja notado. Segundo Sibilia (2008), esse tipo de eu é mais flexível e epidérmico, sendo a personalidade do indivíduo alterdirigida, ou seja, voltada para o olhar alheio, para a alteridade. Podemos observar uma mudança contrastante em relação às formas de subjetividade modernas, o refúgio que era buscado em si, agora clama o outro. As escritas de si com as confidências da intimidade dos indivíduos burgueses cedem espaço para os relatos de si, narrativas em que há a exposição da intimidade, sendo manifestada nos *realitys shows*, nos canais do YouTube, escancarada nas redes sociais, além de perpassar todo o discurso midiático. Há uma necessidade de exposição e de consumo do cotidiano alheio. Sibilia (2008, p.137) afirma que esses relatos “tendem a ser cada vez mais instantâneos, presentes, breves e explícitos”.

A exposição da intimidade cria uma lógica da visibilidade, na qual a aparência tem uma função predominante, aparecer é um imperativo a todo o custo. Conforme cita Sibilia (2008, p. 84) “se não se mostra, se não aparecer à vista de todos e os outros não o veem, então, de pouco servirá ter seja lá o que for. Agora, o importante é parecer”. Costa (2004, p. 198) reforça essa visão da aparência como uns dos elementos fundamentais para a constituição da subjetividade contemporânea, “hoje somos o que aparentamos ser, pois a identidade pessoal e o semblante corporal tendem a ser uma só e a mesma coisa”. Nessa lógica, a exibição de suas conquistas, derrotas, cada detalhe do seu cotidiano é valioso a ser exibido, a lógica da confissão da modernidade chega ao extremo na contemporaneidade. O instrumento da confissão é internalizado pelos indivíduos que voluntariamente exibem seu dia a dia, muitas vezes, ao vivo para todos os que desejam ver. A confissão é utilizada como um meio para ser notado, ser reconhecido ao olhar do outro, sendo esse reconhecimento um valor social valioso. Sibilia (2008) descreve o fenômeno da evasão da intimidade, em que os indivíduos voluntariamente expõem sua vida nas telas globais, e mais atualmente, nas telas de qualquer dispositivo de computador e de *smartphones*. Essa exposição da vida e do cotidiano motiva a publicização de um eu aberto e sem temores, um eu visível.

Segundo Sibilia, as tiranias da intimidade engendradas na modernidade se transformam na contemporaneidade em um tipo de tirania “mais audaciosas e opressivas” (SIBILIA, 2008, p. 90) podendo ser denominadas “tiranias da visibilidade”. A relação dos indivíduos contemporâneos com a intimidade diverge da Modernidade. A intimidade conecta-se com a visibilidade, pois o íntimo na contemporaneidade é visto como algo que deve ser divulgado. O culto a intimidade moderno perde valor para a publicização de si em um movimento de constante visibilidade. Sibilia (2008) descreve o processo de mutação da noção de intimidade:

Assim, a noção de intimidade vai se desmanchando e se reconfigura: deixa de ser um território onde imperavam – porque deviam imperar – o segredo e o pudor do que era estritamente privado, para se tornar um palco onde cada um pode – e até mesmo deveria – encenar o show de sua própria personalidade. Com esses deslocamentos, perdem sentido as velhas definições e diferenciações, reforçando a ideia de que está ocorrendo uma mudança de regime: uma verdadeira mutação (SIBILIA, 2008, p. 256).

A formação de subjetividades cada vez mais espetacularizadas, caracteriza a contemporaneidade, pois essas devem gerar e manter o interesse de sua plateia que legitima o seu estilo de vida, afirmando assim, o seu eu. Algumas métricas são traçadas para “medir” essa legitimação, nos *realitys shows* e nos programas de televisão é a audiência o número a

ser contabilizado, nas redes sociais é o alcance e o número de *likes* que o conteúdo gerado recebe e que caracteriza o quanto o público afirma o seu jeito de ser e estar no mundo.

A sociedade de controle ascendeu com a crise das instituições do confinamento como a igreja, escola, fábrica e família. Considerando essa crise, qual ou quais instituições acabaram ascendendo? Segundo Jurandir Freire Costa (2004), essas instituições não foram substituídas, mas acabaram perdendo a força normativa que possuíam. Nesse processo o mito cientificista acabou ascendendo, sedimentado como algo de extrema relevância para a sociedade contemporânea, sendo algo universal e incontestável (COSTA, 2004).

O capitalismo com seu consumismo desenfreado, a biotecnologia com seus projetos de alteração e aperfeiçoamento do nosso corpo por meio da tecnologia, e a medicina com sua cartilha de regras disciplinares para uma boa saúde, são elementos que afetam as formas de subjetivação dos sujeitos. A medicina na contemporaneidade exerce um papel de grande confiabilidade e de influência no processo de subjetivação dos indivíduos. A mídia legítima e propaga o discurso da medicina que divulga todas as recomendações para uma vida saudável, longa e feliz. Atingir uma vida com esses atributos é um dos maiores desafios da contemporaneidade, as práticas ascéticas com sua disciplina e renúncia é vista como um meio para essa vida feliz.

O fenômeno do ascetismo está presente no processo de alteração da subjetividade dos indivíduos, esse processo é analisado por Francisco Ortega (2008) que o descreve como “um instrumento fundamental na transformação cultural e hermenêutica. (ORTEGA, 2008, p. 19). O autor aponta algumas características da prática ascética, uma delas aponta que a ascese é um processo de alteração da subjetividade, conforme Ortega (2008, p. 20) “o asceta oscila entre uma identidade a ser recusada e outra a ser alcançada”. Outra característica é a afirmação da ascese como uma prática social, alterando-se de acordo com os anseios de cada cultura. Ortega (2008) relaciona a prática da ascese aos processos de disciplinamento característicos da Modernidade, podendo ser um processo de libertação ou de assujeitamento.

O pesquisador Francisco Ortega (2008) comenta o conceito de “biossociabilidade” de Rabinow (1999) para descrever como a ascese atua na contemporaneidade:

A biossociabilidade é uma forma de sociabilidade apolítica constituída por grupos de interesses privados, não mais reunidos segundo critérios de agrupamento tradicionais como raça, classe, estamento, orientação política, como acontecia na biopolítica clássica, mas segundo critérios de saúde, performances corporais, doenças específicas, longevidade, entre outros (ORTEGA, 2008, p. 30).

Nesse trecho podemos observar o processo de alteração da subjetividade moderna para uma subjetividade contemporânea baseada no mito científico. Conforme apontado por Ortega

(2008), o processo de biossociabilidade se distingue do processo do biopoder analisado por Foucault, o qual era baseado na sexualidade, raça e no processo de degeneração visando a maximização da qualidade biológica das populações. Na biossociabilidade novos aspectos são valorizados e cultuados, o corpo é o protagonista das práticas ascéticas e a constante otimização da saúde é um imperativo da contemporaneidade. Diversas práticas são características desse processo de otimização, os quais envolvem procedimentos corporais, estéticos, médicos e higiênicos que tem por objetivo alcançar o corpo tido como perfeito. Para atingir os ideais desejados, o indivíduo submete-se a um constante processo de vigilância para seguir as estritas “regras” da biossociabilidade. Essa vigilância foi incorporada e introjetada desde a modernidade com a arquitetura panóptica utilizada em presídios que possibilitou que um guarda vigiasse todos os presos. Segundo Ortega (2008, p.32): “trata-se da formação de um sujeito que se autocontrola, autovigia e autogoverna”. A recompensa concedida para esse disciplinamento corporal com constante controle é a felicidade, conforme afirma Costa (2004, p. 190) “ser jovem, saudável, longevo e atento à forma física tornou-se a regra científica que aprova ou condena outras aspirações à felicidade”

O processo de biossociabilidade pautado nas práticas ascéticas corporais levam a um processo de formação de identidades somáticas, também denominadas bioidentidades segundo Ortega (2008). Os moldes das subjetividades introdirigidas da modernidade cedem para uma subjetividade voltada para a exterioridade, tendo o corpo como centro:

O corpo é central para a experiência do eu. As práticas bioascéticas fundem o corpo e mente na formação da bioidentidade somática, produzindo um eu que é indissociável do trabalho sobre o corpo, o que torna obsoletas antigas dicotomias, tais como corpo-alma, interioridade-exterioridade, mente-cérebro (ORTEGA, 2008, p. 42)

O movimento no qual o corpo é o protagonista é caracterizado como cultura somática, como descreve Costa (2004, p. 192), nela “o desempenho corporal foi posto no mesmo patamar do aperfeiçoamento sentimental ou das finalidades cívicas”. Os indivíduos passam a ser admirados moralmente pela sua forma corporal. O sentimentalismo enaltecido na modernidade com os diários íntimos e os romances perde força para a exibição de uma forma corporal saudável e dentro dos padrões divulgados na mídia.

A cultura somática finalizou o assédio ao fazer do corpo espelho da alma. O corpo se tornou a vitrine compulsória de nossos vícios e virtudes, permanentemente devassada pelo olhar do outro anônimo (COSTA, 2004, p. 198).

Os valores para o julgamento moral dos indivíduos passam a ser os atributos físicos. A cultura somática utiliza o corpo como suporte para a valorização social do indivíduo, sendo

assim, o processo de formação de identidade dos indivíduos está intrínseco à noção do corpo, como afirma Costa (2004, p. 203) “referir o sentimento de identidade ao corpo significa definir o que somos e devemos ser, a partir de nossos atributos físicos”. Nessa cultura somática a moral dos sentimentos é esvaziada beneficiando a moral do corpo e das sensações (COSTA, 2004). O corpo tem o protagonismo de ser a forma de diferenciação e identificação de cada indivíduo, fenômeno compatível a uma sociedade contemporânea baseada na exposição e visibilidade. No processo de exibição dos corpos em busca da aprovação do outro travamos uma competição em busca da boa forma, afinal, no mundo do “aparentar para ser”, sem ela não temos chances de sermos vencedores (COSTA, 2004).

A exibição de corpos saudáveis, torneados e bronzeados preenche a grade horária dos programas televisivos e está acessível a um clique do seu dispositivo *smartphone*. O discurso propagado na mídia é de que apenas com algumas alterações no seu estilo de vida, seguindo algumas receitas e etapas esse corpo “perfeito” está ao seu alcance, basta querer. Segundo Costa(2004), cria-se assim uma obsessão de um corpo-espetacular que deve ser constantemente aperfeiçoado. Nesse processo para alcançá-lo, Costa (2004, p. 230) aponta que “quase todos desconhecendo, desrespeitando ou violentando as suas particularidades físicas, travam uma guerra encarniçada contra o próprio corpo para torná-lo signo imaginário de um modo de vida ao qual jamais terão acesso”. Com isso, a procura pelo corpo desejado gera um processo de constante insatisfação, pois quase sempre, o padrão desejado é impossível de ser alcançado. Esse culto ao corpo é apresentado por Costa (2004, p. 131) como algo prejudicial aos indivíduos, pois “o culto ao corpo vem produzindo uma obsessão pela forma e pela saúde que se transformou em uma verdadeira hipocondria cultural”.

Esse fenômeno da hipocondria cultural também é propagado por outra característica da biossociabilidade, o discurso do risco. Sendo esse um discurso no qual o indivíduo sente-se responsável e autônomo de si. Segundo Ortega (2008, p. 33), esse processo atua “na constituição de um indivíduo responsável, que orienta suas escolhas comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito e o afastamento dos riscos”. Bezerra Jr. (2002) comenta esse discurso e de que forma ele afeta os indivíduos:

Propaga-se a crença de que o indivíduo pode e deve ser capaz não só de evitar doenças, mas sobretudo gerenciar os riscos à sua saúde, minimizando de forma consciente a possibilidade de patologias e otimizando seus próprios recursos (BEZERRA, 2002, p.233).

A biossociabilidade leva a uma espécie de rejeição à dependência na contemporaneidade. O indivíduo deve ser responsável por si e autônomo em suas atividades.

Essa visão de autonomias dos indivíduos é um fenômeno das empresas que foi expandido para o nível individual. Esse fenômeno é analisado por Ehrenberg (2010) que analisa a incorporação de características dos esportes para as empresas, o que levam a um sentimento de constante competitividade entre os membros das empresas:

O esporte-aventura em terra de empresa é, portanto, um programa que consiste em fabricar, nos assalariados, uma verdadeira mentalidade de empreendedor, transformando-os em apoiadores da empresa na qual eles trabalham (EHRENBERG, 2010, p. 111).

As características do esporte são incorporadas em vários aspectos de nossa vida, pois conforme cita Ehrenberg (2010, p. 26), “hoje, o esporte simboliza e promove a imagem do indivíduo autônomo, produzindo tanto sua saúde, sua aparência física, quanto sua implicação na vida profissional como empreendedor de sua própria existência”. O funcionário ideal exerce a figura do empresário que é empreendedor de si em seus deveres, sendo autônomo e eficaz. A autonomia é um imperativo das empresas contemporâneas. Segundo Ehrenberg (2010, p. 131): “nesse estilo de existência, cada um suporta, cada vez mais, os pesos de suas responsabilidades”. O culto à performance das corporações e a competitividade empresarial é extrapolada para a vida dos indivíduos, os quais são estimulados a tornarem-se gestores de si. Nesse processo, o projeto de vida é gerido pelo indivíduo que busca o sucesso, além de manter uma “boa imagem” perante os outros, seus “concorrentes”.

Segundo Ortega (2008), a lógica do discurso do risco cria uma sensação de angústia e apreensão constantes, tornando os indivíduos cheios de medo e incertezas. A responsabilidade pela gestão de si em uma sociedade pouco tolerante ao erro e com uma extrema competitividade gera, segundo Ehrenberg (2010), uma depressão nervosa generalizada. Não é por acaso os surtos do transtorno de ansiedade na contemporaneidade, sendo o Brasil responsável pela maior taxa de ansiedade do mundo (ESTADÃO, 2017). Não é somente a ansiedade predominante na contemporaneidade, Ehrenberg (2010, p. 132) aponta que “depressão, insônia, estresse, angústia, nervosismo, dor nas costas e outras doenças individuais são objeto de uma atenção alimentada há anos nas mídias”. Para dar conta do imperativo da performance empresarial de si, os indivíduos recorrem a estratégias como o abuso de medicamentos psicotrópicos, conforme explicado a seguir:

A obsessão de ganhar, de vencer, de ser alguém, e o consumo em massa de medicamentos psicotrópicos estão estreitamente ligados, pois uma nova cultura da conquista é, necessariamente, uma cultura da ansiedade, que é a face de sombra dela. As pequenas pílulas da felicidade são o perfil cocoon no próprio coração do perfil training, a reintrodução do bem-estar em um estilo de vida em que a tomada de risco, a prioridade da singularidade individual e o autocontrole definem as normas de conduta de cada um (EHRENBERG, 2010, p. 139).

O abuso de substâncias psicotrópicas é descrito por Ehrenberg (2010) como uma forma de livrar-se do peso da autonomia, sendo utilizadas com outro intuito das drogas tradicionais, que têm por objetivo a fuga da realidade. “Os medicamentos psicotrópicos estão aí para nos fazer enfrentar a realidade” (EHRENBURG, 2010, p. 143). São diversas os medicamentos utilizados, tanto os estimulantes como as anfetaminas aumentam a concentração e estimulam a atividade, sendo “perfeitas” para aumentar a produtividade no ambiente de trabalho ou nos estudos. Os medicamentos denominados depressores servem para reduzir nossa atividade e são as drogas calmantes utilizadas para o combate da insônia e da ansiedade. O abuso dessas substâncias é endossado pelos médicos, o calmante Rivotril chegou a ser o remédio mais receitado do país (R7, 2014). Sendo assim, os psicotrópicos apresentam-se como técnicas, auxiliando os indivíduos a darem conta de todas as atividades e pressões do dia a dia.

A partir dessas características, podemos observar como se configura o processo de formação de subjetividades na contemporaneidade. Ortega (2008) afirma que os processos de subjetivação da contemporaneidade não estão em prol da liberdade dos indivíduos e sim do seu disciplinamento corporal, uma tentativa de encaixar o indivíduo em moldes considerados desejáveis. Um dos termos mais utilizados na contemporaneidade, o termo em inglês *fitness*, do verbo *to fit*, pode ser traduzido como encaixar, sendo reflexo desse disciplinamento do indivíduo a um modelo introjetado.

Os elementos teóricos apresentados da sociedade contemporânea influenciam na formação da subjetividade dos indivíduos e por isso, possuem influência nos sentidos apresentados na noção da velhice contemporânea. Os elementos teóricos contemporâneos e os significados da velhice apresentados na genealogia possibilitam a compreensão de quais significados prevalecem e formam a velhice contemporânea.

Uma característica esperada dos velhos atualmente é a autonomia. Segundo Ortega (2008), foi a partir da ideologia da autonomia e autossuficiência que a concepção atual da velhice foi reconfigurada. O idoso é considerado um indivíduo praticamente obrigado a cuidar de si, caso um indivíduo não seja capaz de ser autônomo na velhice, é sinal de que ele não desempenhou os cuidados corporais, estéticos, higiênicos e médicos devidos durante sua vida. Assim, esse idoso é visto como “mau” idoso, totalmente responsável pela sua “falha”. O “bom” idoso corresponde àquele que seguiu as práticas bioascéticas durante a vida e, por isso, é capaz de cuidar de si mesmo. Ao discorrer sobre a ideologia da saúde que corrobora essa visão da velhice, Ortega (2008) mostra que “a ideologia da saúde e da perfeição corporal nos

faz acreditar que uma saúde pobre se deriva exclusivamente de uma falha de caráter, um defeito de personalidade, uma fraqueza individual, uma falta de vontade” (ORTEGA, 2008, p. 35). A antropóloga Guita Grin Debert (1999) também aborda essa questão do “mau” velho, sendo esse idoso visto como negligente, como pode ser observado a seguir:

Não pode nos levar à consideração de que, se alguém não é ativo, não está envolvido em programas de rejuvenescimento, se vive a velhice no isolamento e na doença é porque não teve o comportamento adequado ao longo da vida, recusou a adoção de formas de consumo e estilos de vida adequados e, portanto, não merece nenhum tipo de solidariedade (DEBERT, 1999, p. 35).

As formas de consumo e o estilo de vida saudável correspondem a um mercado de produtos que prometem um “envelhecimento saudável” (OMS, 2015), com rotina de exercícios intensa e dieta alimentar restrita, muitas vezes extremamente hipocalóricas e sem glúten. Aos indivíduos que não seguem essas instruções, cabe o julgamento e a repulsa moral. Elementos dessa dicotomia do “mau” e “bom” velho podem ser observadas na série “Grace and Frankie”, na qual a personagem Grace está em constante cuidado com seu corpo, garantindo assim seu “valor” perante a sociedade.

O desejo da eterna juventude presente desde a Antiguidade egípcia se fortalece na contemporaneidade. Diversos estudos científicos buscam formas de alcançar esse objetivo. Segundo Sibilia (2011, p. 86), “as novas ciências da vida sonham com a possibilidade de ‘reprogramar’ esses corpos para torná-los imunes às doenças, driblando as penúrias da velhice e a fatalidade da morte”. A juventude na contemporaneidade exerce um papel central na mídia, ela está presente nos diversos produtos midiáticos que enaltecem seus atributos. Esses atributos são incorporados por indivíduos de todas as idades no intuito de perpetuarem a juventude. Embora a eterna juventude ainda não seja possível, o imperativo sobre o corpo é o de permanecer sempre jovem. Segundo Debert (1999, p. 21), a juventude passou por um processo de ressignificação em que “perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio de vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade”. Sibilia (2011, p. 105) concorda com a visão da juventude como um valor quando observa o movimento entre as décadas de 60 e 70 que a juventude “se impôs como um valor indiscutível e universal e a aparência *teen* se converteu em sinônimo exclusivo da ‘boa forma’”. Na atualidade contemporânea na qual a aparência e a visibilidade são enaltecidas, o olhar do outro é fundamental para a legitimação do eu, Sibilia (2011, p. 107) afirma que “o direito de ‘ser alguém’ ou ‘ser eu’ é um privilégio só concedido aos jovens”.

Na cultura em que a juventude é fundamental para a constituição das subjetividades, qual o papel atribuído à velhice na contemporaneidade? Ser velho hoje é, muitas vezes, como

ser invisível. Essa invisibilidade é pior para as mulheres e, conforme cita Sibilia (2011, p. 89) “não é fácil ser velho no mundo contemporâneo, ser velha, então, pior ainda! ”. A invisibilidade social percebida pelas mulheres é observada também pela antropóloga Mirian Goldenberg (2013, p. 91), segundo a qual “muitas mulheres se queixam por se sentirem invisíveis socialmente, não serem mais consideradas desejáveis, serem ignoradas e praticamente transparentes ao olhar masculino”. A velhice é vista como um período de perdas do capital erótico e corporal, na medida em que o afastamento desses capitais característicos da juventude, acabam favorecendo o sentimento de invisibilidade pelas mulheres velhas.

A velhice na contemporaneidade é algo digno de ser escondido, mascarado, camuflado, a qualquer custo (CASTRO, 2016). As visões negativas sobre a velhice percebidas durante a genealogia, como sinônimo de decadência física, moribundo, se perpetuam na contemporaneidade. Segundo Castro (2016, p. 86): “para os mais velhos, reservam-se as conotações desagradáveis relacionadas com a deterioração de sua condição física e/ou mental na senescência”. Em uma sociedade na qual o culto ao corpo é predominante, a decadência física é objeto de desgosto. Além disso, o imperativo contemporâneo é voltado para a visibilidade, estimulando que os corpos considerados “ideais” sejam exibidos. Nesse contexto, o corpo velho, por não corresponder aos “padrões” recomendados, é algo que deve ser combatido, que não deveria ser exibido, conforme aponta Sibilia (2011):

Em meio a uma crescente tirania das aparências juvenis, *a velhice é censurada como algo obscuro e vergonhoso*, que deveria permanecer oculto, fora de cena, sem ambicionar a tão cotada visibilidade. *Um estado corporal que deveria ser combatido* – ou, quanto menos, sagazmente dissimulado – por ser moralmente suspeito, e, portanto, humilhante. *Algo indecente que não deveria ser exibido* (SIBILIA, 2011, p. 94, grifos nossos).

A realidade dos velhos na contemporaneidade está repleta desses significados negativos atribuídos à essa etapa da vida. Conforme aponta Goldenberg (2013), esses significados da velhice estão presentes no próprio discurso do idoso, os quais apontam como características da velhice “a decadência do corpo, gordura, flacidez, doença, medo, solidão, rejeição, abandono, vazio, falta, invisibilidade e aposentadoria” (GOLDENBERG, 2013, p. 44). Esses significados negativos atrelados à velhice e a constante desvalorização do velho estão relacionados ao idadismo, sendo esse “uma das formas insidiosas de preconceito que acarreta a discriminação por idade”(CASTRO, 2015, p. 108). Amparada na visão da juventude como um valor, essa forma de preconceito é disseminada na sociedade contemporânea e a velhice é vista com repúdio.

O idadismo leva a efeitos além da visão negativa sobre a velhice, pois conforme afirma Castro (2015, p. 80), “a opressão do idadismo aciona graus variados de desrespeito e, eventualmente, maus tratos”. A violência contra os idosos é uma realidade mundial, dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) demonstram que um em cada seis idosos é vítima de algum tipo de violência em todo o mundo (EBC, 2017). Dentre os casos percebidos na pesquisa da OMS estão os de negligência e os de violência física, psicológica e sexual. No Brasil, uma pesquisa do Ministério dos Direitos Humanos demonstra que 80% dos casos de violência contra o idoso acontecem na própria casa, cometidos por algum familiar (BRASIL, 2016). Segundo Minayo (2005, p. 11), os abusos se manifestam de diversas maneiras como nos “castigos em cárcere privado, abandono material, apropriação indébita de bens, pertences e objetos, tomadas de suas residências, coações, ameaças e mortes”.

A repulsão em relação a velhice leva à rejeição do termo “velho”, esse é tido como uma espécie de ofensa, insulto (SIBILIA, 2015). Diversos são os termos que são utilizados para substituir, como “terceira idade”, “melhor idade”, “idosos”, “maturidade”, esses termos são utilizados com o intuito de positivar a velhice, porém, não passam de eufemismos. A partir da visão negativa da velhice, muitos indivíduos não se reconhecem nessa etapa da vida, tentando se afastar dos sentidos decadentes associados à idade longínqua. Beauvoir (1970) aponta que os velhos são sempre os outros, o que demonstra essa dificuldade de aceitar a velhice. Essa questão também é abordada por Goldenberg (2011, p. 9), a qual afirma que “o velho não se vê como velho. Ele vê a si mesmo como sempre se viu ao longo da vida. Isso faz com que, para cada indivíduo, o velho seja sempre o outro ou um outro. O velho não vê em si mesmo aquelas características que usualmente são atribuídas às pessoas velhas”. A segmentação da velhice em etapas também pode ser observada como um reflexo de afastamento dos significados negativos da velhice. Essas etapas designam “a juventude da velhice” como “meia-idade”, a “idade da loba”, “terceira idade”, “aposentadoria-ativa” (DEBERT, 1999). Aos termos descritos por Debert (1999), adicionam-se ainda termos em voga na contemporaneidade, como “envelhecimento saudável” (OMS, 2015) e “envelhecimento ativo”. O médico e especialista em envelhecimento Alexandre Kalache (TEDx, 2013) utiliza o termo “gerontolescência” para designar a fase que começa aos cinquenta e cinco anos e pode durar de vinte a trinta anos (TEDx, 2013). Essa fase é caracterizada como uma etapa “em que vamos ter a oportunidade de redefinir o que é ser uma pessoa que não é mais jovem, mas ainda não está fragilizada e se recusa a aceitar o estereótipo do vovô velhinho” (TRIP, 2017). Podemos observar na recusa ao termo e no afastamento da velhice, uma incessante busca por incorporar significados da juventude ao envelhecimento, na tentativa de aumentar o valor social da velhice.

Além dos significados da juventude, na velhice também é importante parecer jovem. Na cultura somática contemporânea caracterizada pelo culto ao corpo, sendo esse espetacularizado e que deve seguir as normas da “boa forma”, o corpo velho é desvalorizado em relação ao corpo jovem (SIBILIA, 2011). Além de desvalorizado, Sibilia (2011, p. 83) aponta que o corpo velho é visto como um “estado corporal vergonhoso”. O corpo é um elemento principal na formação das subjetividades contemporâneas, um elemento relevante durante todas as etapas da vida. A aparência do corpo exerce fatores para o julgamento moral dos indivíduos e, nesse processo, os velhos, figuras que desviam do ideal do “corpo perfeito”, acabam sendo marginalizados, perdendo seu valor social. Sobre esse processo de valorização, Castro (2016) aponta que os velhos chegam a ser vistos como indivíduos ausentes de atributos de qualidade:

Quando a imagem do corpo é tomada como capital a ser investido na busca incessante do êxito social, os sinais de velhice são interpretados como sinais de deterioração do patrimônio individual. Ao se envelhecer, é como se fosse ultrapassado o prazo aceitável de validade e, assim, a experiência vivida estaria desatualizada, obsoleta, incompatível. O corpo envelhecido passa a apontar uma pessoa esvaziada de atributos de qualidade (CASTRO, 2016, p. 88).

A partir dessa compreensão da percepção do corpo envelhecido, podemos observar como esses corpos aparecem na mídia. A representação de corpos velhos nas mídias audiovisuais é restrita e muitas vezes simplificada. Quando as imagens de idosos aparecem, geralmente são retocadas por programas de edição de imagem como o Photoshop, utilizados para suavizar as marcas da velhice, como as rugas, as quais são tidas como uma afronta à tirania da pele lisa contemporânea (SIBILIA, 2011). Os corpos velhos “dignos” de serem exibidos são meticulosamente escolhidos para serem propagados nos produtos midiáticos, sendo escolhidos os que são considerados “bem conservados”, conforme aponta Sibilia (2011) no trecho a seguir:

Quanto aos meios de comunicação de massa, eles só abrem suas cobiçadas vitrines para expor os vultos de uns poucos homens e mulheres “maduros”. Quais? Aqueles que, de alguma maneira, não parecem tão velhos assim. Um seletivo grupo de damas e cavalheiros que, por obra de um milagre ou de outro, conseguem se sair mais ou menos airosos dessa ingrata tarefa da dissimulação e, por tal motivo, viram preciosos espécimes dos “bem conservados” (SIBILIA, 2011, p. 95).

O relevante na contemporaneidade está em não parecer “tão velho assim”, a constatação de Sibilia (2008, p. 84) “agora, o importante é parecer” é alterado, na velhice, o que vale á aparentar ser jovem. A figura de um corpo “bem conservado” está ligada à escolha das atrizes principais para a série “Grace and Frankie”, as atrizes Jane Fonda, de setenta e nove anos, e a Lily Tomlin, de setenta e oito anos, são símbolos de uma velhice “bem conservada”, ambas não aparentam a idade que tem. Além disso, as personagens interpretadas pelas atrizes afastam-se constantemente da visão naturalizada de “decrepitude” da velhice.

É importante ressaltar que os significados atribuídos à velhice masculina e feminina são divergentes. A velhice masculina pode ser percebida como sinônimo de experiência, sabedoria, segurança, às vezes até como algo charmoso. Na velhice, podem-se observar elementos oriundos desde as pinturas que retrataram as mulheres velhas na Modernidade, os significados atribuídos à velhice feminina ainda estão relacionados à bruxaria, loucura e feiura. As mulheres velhas permanecem sendo julgadas pelas suas aparências e pouco por atributos, como são avaliados os homens. Essa divergência entre os gêneros foi observada por Goldenberg (2013, p. 99), a qual constatou que “as mulheres são muito mais julgadas pelo comportamento e pela aparência. Já os homens foram avaliados pela atividade, pela produtividade e pelo sucesso”. Embora a mulher esteja galgando cada vez mais seu espaço na sociedade contemporânea, os julgamentos em relação à velhice feminina são mais severos, principalmente no que tange a forma corporal. Castro (2016) considera que o idadismo e o machismo são os elementos principais que corroboram a imagem deteriorada associada à velhice feminina. As marcas corporais da velhice não são toleradas, devendo ser corrigidas, conforme aponta Debert (1999, p. 20), “as rugas ou a flacidez se transformam em indícios de lassitude moral e devem ser tratadas com a ajuda dos cosméticos, da ginástica, das vitaminas, da indústria do lazer”. Há uma indústria do rejuvenescimento, com uma gama de cremes, procedimentos, cirurgias, exercícios, dentre outros produtos que possuem o intuito de afastar os indivíduos da forma corpórea velha. Essas soluções são “alternativas e sempre temporárias” (SIBILIA, 2011, p. 87). Ainda assim, esses procedimentos são vastamente adotados por mulheres que possuem o medo de envelhecer, e por isso, aderem a comportamento e um vestuário joviais, além de almejar um corpo mais próximo à juventude (GOLDENBERG, 2013).

A forma de velhice aceita na contemporaneidade, consiste em um envelhecimento performático⁸ em constante aperfeiçoamento que tem por objetivo o rejuvenescimento. Esse envelhecimento performático é o que está nas entrelinhas dos termos “envelhecimento ativo” e “envelhecimento saudável” (OMS, 2015). Castro (2016) utiliza o termo “velhice turbinada” para descrever o tipo de velhice “tolerável” na contemporaneidade, “nas individualizadas e flexíveis formações identitárias atuais, prevalece, de um modo geral, o ideário do envelhecer bem associado ao manter-se ativo, bem-disposto e jovem” (CASTRO, 2016, p. 86). Nessa “velhice turbinada” a tecnociência assume o papel de protagonista, capaz de oferecer

⁸ A partir da análise genealógica acerca dos sentidos atrelados à velhice na contemporaneidade e da análise da série “Grace and Frankie”, chegou-se ao conceito do “envelhecimento performático” para descrever o processo de envelhecimento contemporâneo voltado para a performance corporal em constante aprimoramento e também na propagação de uma velhice orientada para o rejuvenescimento.

possibilidades para afastar os mascarar o envelhecimento, esse é visto como objeto de intervenções e de constantes aprimoramentos (CASTRO, 2016). O “envelhecimento ativo” é proveniente de diversas características contemporâneas, esse envelhecimento é possível por meio de uma constante lógica de vigilância e de disciplina. Para atingir esse tipo de envelhecimento, deve-se ter um cuidado com a aparência corpórea, uma rotina de exercícios regrada acompanhada de uma alimentação saudável, seguir a lógica da prevenção do discurso de risco, uma sexualidade ativa, além de alguma atividade relacionada à produtividade.

Goldenberg (2013) atribui um adjetivo valorizador ao modo de viver a velhice, o termo utilizado é a “bela velhice”, descrito pela autora como uma alternativa para um envelhecimento feliz (GOLDENBERG, 2013), sendo algo ao alcance de todos:

A “bela velhice” não é um caminho apenas para celebridades. A “bela velhice” é o resultado natural de um belo projeto de vida”, que pode ser construído desde muito cedo, ou mesmo tardiamente, por cada um de nós. A beleza da velhice está, exatamente, na singularidade, nas pequenas e grandes escolhas que cada indivíduo faz ao buscar concretizar o seu projeto de vida (GOLDENBERG, 2013, p. 18).

O projeto de vida é apresentado como um dos pilares para a “bela velhice”, conforme cita a autora, esse pode ser traçado em diversas etapas da vida e nele está incumbido a liberdade e a responsabilidade individual de cada indivíduo com o seu projeto pessoal. O intuito desse projeto está em fornecer significado à nossa existência (GOLDENBERG, 2013).

Em sua pesquisa, Goldenberg (2013) decide apresentar os aspectos positivos e belos da velhice, a fim de mostrar que a velhice pode ser vivenciada pelas mulheres como uma fase da conquista tardia da liberdade. Goldenberg (2013) descreve esse processo de libertação feminina como “a revolução subjetiva dessas mulheres é exatamente esta mudança de foco: elas deixam de existir para os outros e passam a existir para si. É uma verdadeira libertação” (GOLDENBERG, 2013, p. 47). Essa liberdade é exercida na menor preocupação com o olhar do outro, um desprendimento do julgamento alheio presente em todas as etapas da vida da mulher, principalmente no que tange ao corpo e ao comportamento. Ao se libertar do olhar alheio, as idosas cultivam o cuidado de si e suas próprias vontades (GOLDENBERG, 2013). Essa liberdade é algo significado para a subjetividade feminina para as idosas que “só na maturidade, descobriram a possibilidade de ‘ser eu mesma’” (GOLDENBERG, 2013, p. 72).

Apesar de uma maior libertação em relação ao corpo, nem todas as mulheres velhas conseguem se desprender da pressão da “boa forma” e assumir o corpo velho. Sobre isso, Goldenberg (2013, p. 96) relata que observou em suas pesquisas “um enorme sofrimento de muitas mulheres em função da busca do corpo jovem, sexy e magro. Muitas estão obcecadas com a aparência e têm um verdadeiro pânico de envelhecer”.

Outro achado de pesquisa de Goldenberg (2013) relaciona-se à importância das amizades na velhice, principalmente entre as mulheres. Os altos índices de violência doméstica com os idosos e a negligência da família, contribui para que as amigas sejam “as verdadeiras cuidadoras” (GOLDENBERG, 2013, p. 64). Nas amizades, as velhas encontram a compreensão, o respeito, o apoio e o carinho necessário para enfrentar os desafios da velhice. A amizade e cumplicidade feminina são os alicerces da série “Grace and Frankie”, na qual podemos observar o apoio e o cuidado entre as personagens diante dos empecilhos da vida.

Goldenberg (2013) aponta que na “bela velhice”, a noção de tempo se altera, sendo esse mais valorizado, conforme aponta “o tempo, para eles (os idosos), é algo extremamente valioso e não pode ser desperdiçado” (GOLDENBERG, 2013, p. 17). A gestão do tempo é praticada, o tempo despendido é visto como um investimento. Há a valorização do tempo voltado para si, em atividades que fortalecem o próprio eu dos velhos, fornecendo uma relação mais saudável consigo. Além da valorização do tempo, o bom humor é outra característica para enfrentar o envelhecimento. A risada acaba tornando mais fácil o processo de envelhecer, mantendo uma perspectiva “positiva” e feliz sobre a vida (GOLDENBERG, 2013). O recurso do humor é amplamente explorado na série “Grace and Frankie”, na qual as personagens lidam de forma bem-humorada com os percalços da velhice.

Apesar das tentativas de atribuição de novos significados à velhice, com a propagação de modelos de velhices “belas”, “saudáveis” e “ativas”, Debert (1999) aponta que essas tentativas de posituação da velhice não são suficientes para lidar com a questão da velhice na sociedade:

A nova imagem do idoso não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais, na nossa sociedade, para que um indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania. A dissolução desses problemas nas representações gratificantes da terceira idade é um elemento ativo da reprivatização do envelhecimento, na medida em que a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem-sucedidas fecha o espaço para as situações de abandono e dependência. Estas situações passam, então, a ser vistas como consequência da falta de envolvimento em atividades motivadoras ou da adoção de formas de consumo e estilos de vida adequados (DEBERT, 1999, p. 15).

No trecho acima, Debert aponta o processo de “reprivatização da velhice”, no qual a velhice deixa de ser uma questão social e de responsabilidade do Estado, para tornar-se uma questão individual. Esse fenômeno está relacionado ao imperativo da autonomia contemporânea e a velhice é encarada como uma forma de empreendimento de si, no qual o indivíduo possui responsabilidade se o seu envelhecimento será “bem-sucedido” ou não. Para Ehrenberg (2010), ser “bem-sucedido” consiste em “fazer uma figura de começo, ou seja,

fazer-se a si mesmo, ter por passado aquele que se produziu por si mesmo” (EHRENBERG, 2010, p. 53). Sendo assim, o indivíduo “bem-sucedido” é aquele ser autônomo e que tem orgulho disso. O indivíduo “bem-sucedido” deve manter esse status inclusive em sua velhice, sendo um velho ou velha autônomo. Caso contrário, o idoso é considerado um “mau” idoso, aquele que não adotou as condutas de consumo e os estilos de vida considerados “adequados” para obter um envelhecimento “bem-sucedido” (DEBERT, 1999). Na contemporaneidade, ser dependente de outros indivíduos algo digno de repúdio, sendo esses “maus” idosos negligenciados e marginalizados. Castro (2016) dialoga com as afirmações de Debert (1999) e fornece um caminho alternativo para a valorização da velhice, para isso:

Seria preciso resistir e rebelar-se contra o imperativo da gestão de si como marca no competitivo mercado das aparências. Assim sendo, vale afirmar as potências criativas da vida e inventar outros modos de ser que se contraponham aos que tomam como abjeto o corpo envelhecido e equacionam o envelhecimento com uma falha de caráter pessoal (CASTRO, 2016, p. 89).

A partir desse panorama traçado acerca da contemporaneidade e da velhice, foram identificados como ocorre o processo de assimilação de sentidos às velhas e velhos. Alguns sentidos perduram desde momentos históricos distantes, principalmente os sentidos negativos acerca da velhice. Na contemporaneidade, podemos observar um movimento que tenta ressignificar à velhice, atrelando essa fase da vida com características juvenis que possuem um valor social relevante. O intuito é que a partir dessa assimilação, a velhice seja mais valorizada socialmente. Contudo, algumas pesquisadoras apontam que na tentativa de ressignificação, há ainda o reforço dos sentidos negativos da velhice, criando um abismo entre o que é considerado “boa” e “má” velhice. Cabe ressaltar que a principal característica que divide essas duas categorias é a autonomia e o empreendimento de si, sendo o envelhecimento autônomo visto como “bem-sucedido”.

3. NETFLIX E “GRACE AND FRANKIE”

3.1. A Netflix

A Netflix é a maior empresa de *streaming*⁹ de vídeo pago mundialmente (UAI, 2017). Atualmente, essa empresa está presente em 190 países do mundo e já ultrapassou a marca dos cem milhões de assinantes (NETFLIX, 2017). A empresa foi criada em 1997 no estado da Califórnia por Reed Hastings e Marc Randolph, na época o serviço oferecido era a locação de filmes *online*. Em 1999, o serviço de assinatura mensal foi lançado, possibilitando a locação ilimitada de DVDs. A Netflix acompanhou as inovações tecnológicas e com a redução do consumo de DVDs, em 2007 alterou o seu modelo de negócio para a transmissão *online* instantânea de filmes e séries. Nos últimos seis anos, a companhia expandiu-se para todos os continentes, tornando-se o principal serviço de entretenimento *online* do mundo, somando 125 milhões de horas de consumo de filmes e séries diariamente (NETFLIX, 2017).

Um dos principais fatores para a ascensão da empresa é a tecnologia de análise de dados em constante aprimoramento e que direciona os negócios de toda a empresa visando o lucro. Em 2006, a Netflix lançou um desafio, o “Netflix Prize”, como prêmio de um milhão de dólares para quem desenvolvesse o algoritmo capaz de aperfeiçoar a assertividade das previsões sobre o quanto o indivíduo vai gostar de determinado conteúdo com base em suas preferências de filmes (NETFLIX, 2009). Desde então, a empresa tem utilizado a inteligência do *Big Data* para criar conteúdo específicos para seus assinantes. O *streaming* coleta dados das preferências de filmes e séries dos indivíduos, quantos episódios e quantas horas são assistidos por dia, dados de localização do usuário, em qual momento o usuário pausa, volta ou avança algum conteúdo, em qual dispositivo o conteúdo é assistido, dentre outros dados utilizados para o aprimoramento da plataforma (BULYGO, 2016). Um exemplo dessa inteligência de dados foi utilizada para a primeira produção original do Netflix, a série “*House of Cards*”. Para a produção da série foram levantados diversos dados como a repercussão positiva da versão inglesa da série e a preferência dos assinantes pelo filme “A Rede Social” do diretor David Fincher¹⁰. Na intersecção desses dados, a empresa constatou que os indivíduos que assistiram a versão britânica também assistiam filmes dirigidos por David

⁹ O streaming consiste em uma tecnologia que transmite dados de informações multimídia, por meio da Internet, o que possibilita a transmissão de dados mais rápida. Essa tecnologia é utilizada para transmissão de vídeos, em jogos online, em sites de armazenamento de arquivos e também para transmissão de músicas (SIGNIFICADOS, 2017).

¹⁰ Diretor e produtor norte-americano, reconhecido pelos filmes “Clube da Luta”, “A Rede Social”, “Se7en – Os Sete Crimes Capitais” e “O Curioso Caso de Benjamin Button”.

Finchere/ou filmes com o ator Kevin Spacey¹¹. A inteligência de dados pautou toda a produção da série, tendo como protagonista o Kevin Spacey e como diretor o David Fincher (BULYGO, 2016). O resultado da série foi impactante, chegando ao primeiro lugar de audiência no streaming (TERRA, 2013) e com nove indicações ao *Emmy Awards*¹² no ano de 2013 (DCM, 2013), o que concedeu a Netflix o título de primeira rede de televisão por Internet indicada ao prêmio (NETFLIX, 2017).

Desde a série *House of Cards* a empresa tem investido cada vez mais em conteúdo autoral, tornando-se a maior produtora de séries televisivas do mundo com mais de quarenta programas produzidos, entre eles a série “*Grace and Frankie*” (OLHAR DIGITAL, 2017). Em pouco tempo de existência, a Netflix revolucionou o mercado de streaming, é um dos maiores exemplos na utilização do *Big Data* e também está alterando a forma como os usuários consomem conteúdos audiovisuais.

3.2. A série “Grace and Frankie”

A série “*Grace and Frankie*” é uma produção exclusiva da Netflix lançada em 2015 e criada por Howard J. Morris e por Marta Kauffman, conhecida pela produção e pelo roteiro da série “*Friends*”. Até novembro de 2017, havia três temporadas dessa série, cada uma com treze episódios, O elenco da série é composto por protagonistas com mais de setenta anos, entre eles Jane Fonda (79 anos), Lily Tomlin (78 anos), Martin Sheen (77 anos) e Sam Waterston (76 anos), algo que não é comum nas produções audiovisuais da contemporaneidade.

As protagonistas principais Jane Fonda e Lily Tomlin interpretam, respectivamente, as personagens que dão nome a série. As atrizes são amigas há trinta e sete anos, aproximadamente o mesmo tempo de amizade entre as personagens. As duas contracenaram pela primeira vez no filme “*Como Eliminar Seu Chefe*” em 1980 e se reencontraram em cena com a série.

A atriz Lily Tomlin é reconhecida pela carreira de comediantes e um percurso que perpassa os palcos da Broadway, em 1977. No cinema teve destaque no filme “*Nashville*”, de 1975, que a concedeu uma indicação ao Oscar de melhor atriz coadjuvante (IMDB, 2017). O seu papel na série “*Grace and Frankie*” interpretando Frankie Bergstein lhe concedeu três

¹¹ Ator, diretor e comediantes norte-americano, reconhecido por suas atuações nos filmes “*Beleza Americana*”, “*Os suspeitos*” e “*Se7en – Os Sete Crimes Capitais*”.

¹² *Emmy Awards* é o principal prêmio atribuído aos profissionais e programas de televisão concedido pela Academia de Artes & Ciências Televisivas

indicações consecutivas ao *Emmy Awards*, em 2015, 2016 e em 2017, na categoria Melhor Atriz em Séries de Comédia.

A atriz Jane Fonda possui uma carreira marcante para o cinema estadunidense e, ao longo de sua carreira ganhou dois Oscars, em 1971 e em 1978, na categoria *Melhor Atriz*. Começou sua carreira em 1960 no filme “Tall Story” e foi considerada um “símbolo sexual” pela atuação no filme “Barbarella”. Jane Fonda é reconhecida como ativista política contra a guerra do Vietnã, sendo até grampeada pelo Federal Bureau of Investigation (FBI) e também presa no governo Nixon. O posicionamento público da atriz em relação a temas sociais foi algo que causou desconforto em parte da população que a considerou uma “traidora” (VALKIRIAS, 2017), pois ao demonstrar uma opinião política controversa na época, acabou decepcionando o público que a via somente como um símbolo sexual. Jane Fonda também foi ativista pelos direitos civis e das mulheres. Outro marco na carreira de Jane Fonda foi quando ela começou a gravar fitas VHS de exercícios aeróbicos aos quarenta anos. A atriz tornou-se “guru” *fitness* responsável pela popularização da ginástica aeróbica nos anos 1980, a primeira fita VHS vendeu mais de um milhão de cópias (PETISCOS, 2015). Jane Fonda popularizou a frase “No pain, no gain” que serve de *slogan* para o movimento *fitness* da contemporaneidade (ACFAOM, 2017). Precursora dessa cultura do culto ao corpo, Jane Fonda conta em seu livro, “O melhor momento: aproveitando ao máximo toda sua vida” (FONDA, 2011), que conviveu com a bulimia desde sua adolescência. Desde seu primeiro filme “Tall Story”, Fonda sentiu as pressões para a alteração da sua aparência, pois os produtores queriam que ela fizesse cirurgia plástica no nariz e que colocasse silicone nos seios (VALKIRIAS, 2017). A atriz afirma que não voltaria aos seus tempos de juventude, pois esses foram tempos de insegurança, como pode ser observado na citação a seguir:

Mas não sou a única que não gostaria de voltar à adolescência — e por nada deste mundo! É uma fase complicada demais! As tentativas de se adequar causam muita angústia! Também não tenho vontade nenhuma de repetir meus vinte ou trinta anos, aliás. Para mim, essas décadas foram dominadas pela tensão de tentar deixar minha marca. E Deus me livre de reprisar a época “intermediária” dos quarenta ou cinquenta e tantos. Na minha opinião, os “bons tempos” na verdade foram “tempos mais ou menos”. Eu perdia muito tempo preocupada com *não ser boa o bastante, inteligente o bastante, magra o bastante, talentosa o bastante*. Posso dizer com toda a sinceridade que, no que diz respeito ao bem-estar, o momento atual é o melhor da minha vida (FONDA, 2011, p. 19).

Na citação acima, podemos observar a angústia de Jane Fonda ao lembrar os seus tempos de juventude, segundo ela eram tempos de controle, pois havia uma preocupação excessiva com a sua performance. A angústia apresentada pela atriz, demonstra que mesmo considerada um “símbolo sexual”, Fonda sofreu pressões para estar dentro de um “modelo”

de corpo propagado como “ideal”. A busca por esse modelo causa um desgaste físico e mental devido ao processo constante insatisfação em relação ao seu corpo. Além disso, é notável a importância do papel exercido pelo outro, o olhar alheio que julga as condições de estética, inteligência e competência profissional, pois é o outro que nos legitima na contemporaneidade.

No primeiro episódio de “Grace and Frankie” ocorre uma grande revelação, Grace (Jane Fonda) e Frankie (Lily Tomlin) descobrem que o casamento de ambas terminara após quarenta anos, pois seus respectivos maridos Robert (Martin Sheen) e Sol (Sam Waterston) são homossexuais e estão em um relacionamento há vinte anos. A partir desse evento, a série se desenvolve entorno da vida das ex-esposas desse casal e, em como elas lidam com a separação e os desafios de ser mulher aos setenta anos. A personagem Grace é uma empresária de sucesso recentemente aposentada de sua própria empresa de cosméticos. Grace é requintada, com um vestuário elegante, utiliza sempre maquiagem e cabelo com laquê. Na série é apresentada como uma pessoa afetivamente distante, inclusive dos seus filhos. No decorrer das temporadas, Grace vai se abrindo a novas experiências, alterando sua subjetividade para algo mais leve, descontraído e ousado. Mesmo com essas alterações de personalidade, Grace não deixa seu lado empresarial, criando, aos setenta anos, uma empresa de vibradores específicos para mulheres velhas. Frankie possui características divergentes de sua amiga, é uma hippie que não liga muito para a aparência, se auto intitula uma bruxa, realizando diversos rituais de purificação e renovação energética. Além disso, é uma artista plástica que dá aulas para ex-criminosos reabilitados em sua casa, vegetariana, consumidora de maconha, Frankie se mostra mais aberta às experiências e aos sentimentos.

Na série, essas duas personagens muito divergentes, acabam morando juntas em uma casa de praia, única parte material da partilha do casamento com a qual ficaram. Essa casa de praia foi adquirida em sociedade pelos ex-maridos das personagens ainda quando eram casados. Após a separação, as duas personagens reivindicaram a casa e acabaram morando juntas. Após muitos conflitos entre elas, conseguem firmar uma amizade, com o apoio mútuo para superar a separação, encarar a sociedade e lidar com os dilemas da velhice na contemporaneidade. “Grace and Frankie” aborda de forma descontraída diversos temas que são considerados “tabus” da velhice, como a questão da sexualidade, sendo essa uma das temáticas principais da série. A série não se isenta de mostrar as visões negativas sobre a velhice, há episódios sobre morte, doenças, medos, inseguranças e a invisibilidade da velhice, mas sempre apresenta maneiras de como lidar com essas questões. Em uma entrevista, Jane

Fonda afirma querer mostrar uma mensagem esperança nessa série, de modo que a velhice possa ser encarada como um processo de autodescoberta, desassociando a velhice do sentido de declínio da vida. De alguma forma, a série auxilia a audiência a ter menos medo de envelhecer (TEC, 2015).

A quarta temporada da série “Grace and Frankie” foi confirmada pelo serviço de streaming Netflix e será lançada em 2018. Nesta temporada haverá a participação de Lisa Kudrow, reconhecida pelo papel de Phoebe em “Friends”. Além disso, Marta Kauffman afirmou que a temporada será focada nos efeitos físicos e mentais da velhice nos indivíduos (INDIEWIRE, 2017). A confirmação de uma próxima temporada é um indicativo de que a série está fazendo sucesso com o público. Infelizmente, a Netflix não divulga os dados de audiência de suas séries, e essa inferência não pode ser constatada. Para essa pesquisa foram solicitados os dados de audiência da série, porém não houve retorno da empresa, vide anexos A e B

“Grace and Frankie” possui um papel importante para a construção discursiva da velhice na mídia contemporânea, pois confere visibilidade às mulheres velhas. Ao abordar temas raramente expostos na mídia, de forma cômica e inteligente, a série ajuda a desconstruir as concepções naturalizadas da velhice. Na análise dos episódios da série, investigam-se os sentidos da velhice apresentados na série. A partir dessa investigação, busca-se compreender de que forma os significados da velhice são propagados na série exibindo novas formas de envelhecer, resignificando a velhice tentando atrelar sentidos vistos como positivos à essa fase da vida. Sendo assim, compreender como a série confere um sentimento de “esperança” em relação à velhice, conforme apontado pela atriz Jane Fonda (TEC, 2015).

4. OS SENTIDOS DA VELHICE E DO CORPO DAS MULHERES VELHAS EM “GRACE AND FRANKIE”

4.1. O processo de análise

A presente análise teve como objeto de estudo as três temporadas da série “Grace and Frankie” produzidas pelo serviço de *streaming* Netflix. A escolha desse objeto de estudo se deu pela relevância da série em abordar a temática da velhice que ainda é vista como um tabu em nossa sociedade. Além disso, a série traz como protagonistas duas mulheres velhas, o que não é algo comum no cenário audiovisual contemporâneo.

O corpo das mulheres velhas foi o elemento principal desta análise, pois na cultura somática em que vivemos, ele é um elemento fundamental para a formação do eu, sendo considerado o espelho da alma (COSTA, 2010). Wolf (1992) aponta que sobre o corpo da mulher incide o mito da beleza, sendo essa a disseminação e imposição de um padrão de beleza idealizado, de um corpo jovem magro e belo. Essa propagação desse modelo “ideal” de beleza, acaba gerando sentimentos de angústia e insatisfação constantes na mulher que recorre a diversos métodos para tentar subverter sua situação. Nesses métodos estão inclusos os distúrbios alimentares, as cirurgias plásticas, os cosméticos, sendo a insatisfação com o corpo uma fonte de lucro. Como o modelo “ideal” é associado ao corpo jovem, o corpo velho é avaliado como um estigma e um pecado, Wolf (1992) aponta situações de desemprego e de pobreza em que as mulheres velhas são submetidas, a invisibilidade das idosas nas revistas femininas, a existência de uma indústria focada no combate ao envelhecimento, com produtos que prometem afastar e/ou mascarar essa etapa da vida. Nesse contexto, foi escolhida a análise, a partir de um olhar genealógico sobre a velhice, analisar, identificar e mapear os sentidos sobre o corpo e as mulheres velhas na série “Grace and Frankie”.

O processo de categorização da série “Grace and Frankie” ocorreu por meio da utilização do *trailer* como âncora para os sentidos acerca da velhice mais relevantes na série. O *trailer* consiste em “uma peça audiovisual que resume ou sintetiza um filme” (IUVA, 2007, p. 11). Além de um recorte com cenas relevantes de produtos audiovisuais, a montagem do *trailer* inclui uma lógica criativa e industrial própria, pois é por meio dele que o produto audiovisual é propagado. O *trailer* deve conquistar e chamar a atenção da audiência, unindo o discurso publicitário com a narrativa cinematográfica (IUVA, 2007). Sendo assim, o *trailer* exhibe ao espectador os sentidos mais relevantes a serem propagados para o espectador, sendo o produto responsável para que o filme ou série seja consumido e vendido, para isso, são atrelados à narrativa, elementos da comunicação persuasiva, afim de garantir a audiência.

Nesse sentido, utiliza-se o *trailer* como recurso metodológico, que exerceu na presente pesquisa o papel de suporte dos principais sentidos propagados acerca do corpo das mulheres velhas na série analisada.

Os *trailers* de cada temporada de “Grace and Frankie” estão disponíveis na plataforma do Netflix. Cada *trailer* foi assistido repetidamente a fim de encontrar os principais sentidos veiculados, buscando as frequências e as ausências sobre os sentidos atrelados ao corpo das mulheres velhas apresentados. Posteriormente, esses sentidos foram catalogados e foi possível a construção de um mapa de sentidos acerca da temática analisada. A partir desse mapa de sentidos, foram selecionados os episódios de cada temporada que abordavam de maneira aprofundada cada significado elencado para uma análise detalhada.

O mapa de sentidos acerca dos sentidos atribuídos ao corpo das mulheres velhas identificado após a categorização dos *trailers*, apresenta diferentes sentidos para cada temporada. Na primeira temporada temos os seguintes sentidos associados à velhice e ao corpo das mulheres velhas: a “invisibilidade”, a “negação da velhice”, a “mulher histórica”, a “valorização da juventude”, a “performance estética” e o “medo da solidão”. Na segunda temporada, os sentidos patentes a serem analisados foram: a “sexualidade”, o “corpo entorpecido” e a “amizade”. Na terceira temporada estão presentes os sentidos do “corpo falho”, o “discurso de risco”, o “idadeísmo” e o “olhar alheio”. A partir da identificação desses sentidos, é possível observar que as temporadas são construídas de forma a concatenar sentidos amplos que podem representar cada temporada.

A primeira temporada é demarcada pelo processo de percepção da velhice e constante rejeição do próprio corpo pelas personagens, em uma tentativa de afirmação de uma juventude que já se passara. Na segunda temporada, as personagens Grace e Frankie começam a explorar novas atividades e descobertas, percebendo que a velhice pode ser um período de novas experiências, em um processo de transição de aceitação da velhice. Na terceira temporada, há a consolidação do processo de aceitação da velhice, as personagens se afirmam, aceitam seu corpo velho e se identificam com outras mulheres velhas. Contudo, Grace e Frankie visualizam a reação da sociedade em oposição ao movimento de afirmação da velhice, sendo discriminadas em diversas ocasiões, o que demonstra ao processo de aceitação da velhice ser um movimento individual.

É notável observar a relação da sociedade com o processo de afirmação da velhice. Foucault (2009), aponta que o discurso de cada sociedade é permeado pelas relações de poder e do desejo, sendo alguns discursos submetidos à interdição discursiva, sendo esse um

procedimento de exclusão em que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância” (FOUCAULT, 2009, p. 9). Esse processo de interdição discursiva é aplicado em assuntos relacionados à velhice, em um processo social de renegação e de invisibilização da velhice.

4.2. A primeira temporada

A partir da observação e análise do *trailer* referente à primeira temporada de “Grace and Frankie”, foram elencados os seguintes sentidos da velhice mais relevantes para análise: “invisibilidade”, “negação da velhice”, “mulher histérica”, “valorização da juventude”, “performance estética” e “medo da solidão”. Tais sentidos perpassam os treze episódios da temporada que enfatizam o processo doloroso da separação matrimonial, após os maridos das protagonistas revelarem que são um casal homossexual. Grace e Frankie, que não possuíam muita afinidade entre elas, acabam morando juntas em uma casa de praia em San Diego, o que gera muitos conflitos entre as duas. Apesar disso, há um apoio mútuo por estarem vivendo a mesma situação.

Os episódios que demonstram os significados identificados no *trailer* de forma mais significativa são “O Jantar” e “A Queda”, o terceiro e quinto episódios da temporada. Em ambos episódios vemos as protagonistas Grace e Frankie tendo de lidar com os aspectos “negativos” da velhice. Diante dessas situações, as personagens tentam se afastar desses sentidos negativos da velhice.

No episódio “O Jantar”, Grace sente-se entediada após cancelar todos os compromissos de sua agência devido a sua separação de Robert, então decide voltar a trabalhar na empresa em que fundou e que atualmente é de sua filha Brianna. Grace vai até a empresa para conversar com Brianna e ambas se desentendem, conforme pode ser observado no trecho abaixo:

Grace: Eu. Eu adoraria voltar a trabalhar aqui. Você continuaria sendo a diretora.

Brianna: Mas...

Grace: seria uma progressão natural para nós duas, não acha?

Brianna: Sim. Mas você se aposentou. Nós fizemos uma festa. Tivemos bolinhos de camarão e discursos. A Margaret chorou.

Grace: Seria um problema?

Brianna: Bem, não sei. Nós tomamos uma direção diferente, e isso exigiu capital. Não sei se tenho dinheiro para contratar outra pessoa.

Grace: O que quis dizer com uma direção diferente?

Brianna: Puxa.... Quis dizer mais... relevante.

Grace: Está dizendo que sou irrelevante? Porque isso seria interessante, dado que meu rosto está na maldita caixa.

Brianna: Eu sei. Mas só até o outono.

Grace: Você substituiu meu rosto por uma planta?

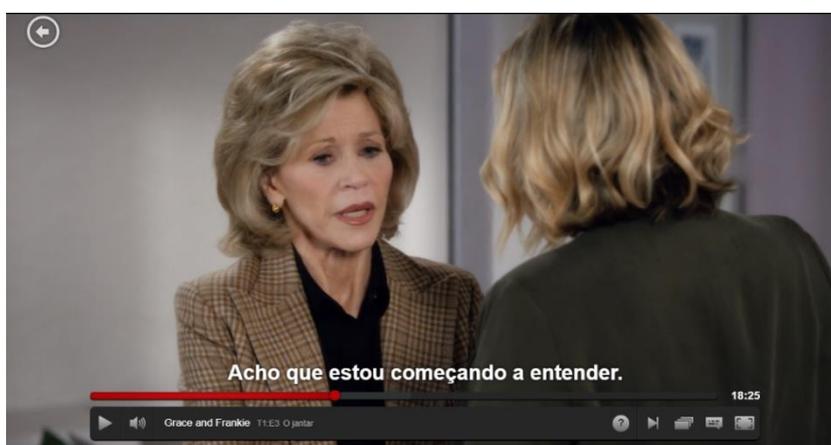
Brianna: Sim.Sabe, *queremos atingir uma clientela mais jovem, e ela é urbana, é ativa* e ela reage melhor a uma planta do que a um rosto.
Grace: *Eu fui apagada* (O JANTAR, 2015, grifos nossos).

No diálogo acima, é possível analisar a partir da citação de Brianna, que há um reforço da juventude como valor. Ao tentar atingir um público mais jovem nos negócios, o rosto velho é considerado irrelevante, invisível. A série reforça a ideia da juventude como um valor na sociedade contemporânea, valor esse que pode estar presente nas diversas etapas de vida, os velhos na contemporaneidade são apresentados como joviais (ORTEGA, 2008). Diante da valorização da juventude, o corpo velho é visto como desprovido de valor, algo que não deve ser visto, e então marginalizado. No diálogo entre a mãe e a filha, fica evidente essa relação da marginalização, o rosto velho da personagem Grace é considerado irrelevante, digno de ser apagado e substituído por algo mais interessante mercadologicamente, no caso em questão, por uma planta. Ao se despedir de Grace, Brianna fala sobre a invisibilidade, conforme apresentado no diálogo a seguir:

Brianna: Se você voltasse, eu seria completamente invisível. Você não entende o que é isso.
Grace: Acho que estou começando a entender (O JANTAR, 2015).

Na figura 5, é notório o pesar na expressão de Grace ao perceber que está se tornando invisível, sendo essa uma preocupação recorrente entre as mulheres velhas, conforme aponta Goldenberg (2013, p. 91): “muitas mulheres se queixam por se sentirem invisíveis socialmente, não serem mais consideradas desejáveis, serem ignoradas e praticamente transparentes ao olhar masculino”. Grace sente-se frustrada ao percebe que mesmo após construir a sua própria empresa, sacrificando seu tempo com a família em prol do trabalho, nada disso impediu que se tornasse irrelevante na sua velhice, inclusive para a própria filha.

Figura 5: Grace e a invisibilidade na velhice



Fonte: Episódio “O Jantar” da série “Grace and Frankie” (O JANTAR, 2015).

Enquanto Grace tenta voltar a sua empresa, Frankie vai a uma entrevista para vaga de professora de artes em um asilo. Um funcionário da instituição leva Frankie para ver as instalações do lugar, entre eles o refeitório e os dormitórios. Na figura 6, podemos observar como são retratados os idosos que estão nesse asilo e o contraste deles com a imagem de Frankie. Nas duas imagens há a predominância de sentido de velhas decrepitas. As figurantes nas cenas possuem cabelos curtos e quando longos, estão presos, utilizam óculos, andam com dificuldade, algumas sozinhas e outras utilizando andadores. Em contraste com o cenário de velhice decadente, aparece Frankie, com seu cabelo longo grisalho parcialmente preso, exibindo seus inúmeros e grandes acessórios. Embora tenha setenta anos, fica evidente nessa cena que Frankie aparenta vivenciar diferentemente a velhice, se comparada com as pessoas velhas do asilo.

A forma de velhice apresentada no asilo é correlata a visão da velhice apontada na genealogia, sendo essa uma velhice repleta de sentidos negativos, relacionada à doença, à decrepitude e à senescência.

Figura 6: Frankie no asilo



Fonte: Episódio “O Jantar” da série “Grace and Frankie” (O JANTAR, 2015).

No término de sua visita pelo asilo, Frankie está empolgada com a possibilidade de ensinar arte na instituição, porém o funcionário, William, a confunde com outra pessoa que seria uma futura residente da instituição, por isso mostrara todas as acomodações do local. Ao perceber o engano, Frankie fica irritada pois a haviam confundido com alguém que ficaria instalada em um asilo, conforme é apresentado no diálogo seguinte:

William: Você não é MyrnaRosenblum? Eu ia fazer uma turnê de nova residente com ela às duas.

Frankie: Para viver aqui? Meu Deus. Eu pareço alguém que precisa de uma cama com motor?

William: As pessoas estão se cuidando muito bem hoje em dia.

F: Não, eu cuidei terrivelmente mal de mim. *Eu sou jovem*. Sinto muito. *Minhas articulações são flexíveis* (O JANTAR, 2015, grifos nossos).

Nesse diálogo é notória a necessidade de diferenciação da Frankie em relação aos outros velhos do asilo, apresentando um receio da personagem em aparentar sentidos relacionados à decrepitude. Na figura 7, essa diferenciação é demonstrada quando Frankie esbarra em uma idosa que vive no asilo. Segundo Ortega (2008, p. 35), na contemporaneidade centrada na exposição do corpo, os idosos são divididos em duas categorias “o idoso se constitui como um indivíduo responsável e autônomo capaz de cuidar de si. Aparece assim a figura do idoso “bom” e do idoso “mau”, este último sem competência para cuidar de si”. A partir dessa perspectiva moralizante da velhice, a idosa em que Frankie esbarra seria considerada uma “má idosa”, pois necessita estar em um asilo para ser cuidada. Frankie indignada ao ser comparada os idosos do asilo, afirma que é jovem e faz questão de “provar” a sua juventude mostrando que possui “articulações flexíveis”.

O ambiente do asilo, por definição, é um espaço em que se fornece amparo, proteção e refúgio para os idosos (MICHAELIS, 2017). Essa definição carrega sentidos relacionados à dependência. Utilizando os sentidos moralizantes da velhice, seria um local para abrigar os “maus” idosos que não conseguem cuidar de si.

Figura 7: Frankie no asilo (2)



Fonte: Episódio “O Jantar” da série “Grace and Frankie” (O JANTAR, 2015).

A necessidade de atrelar a subjetividade aos significados da juventude é recorrente nas duas personagens principais da série. Há um constante movimento de negação da velhice, um processo de comprovação de que Frankie e Grace fazem parte do considerado “bom” idoso, aquele que é independente, saudável e mais próximo às características da juventude. Ortega (2008, p. 36) apresenta como os idosos são retratados, “os idosos da atualidade são apresentados como saudáveis, joviais, engajados, produtivos, autoconfiantes e sexualmente ativos”. A partir dessa análise, percebe-se que os sentidos de velhice presentes e difundidos na série “Grace and Frankie” são muitos semelhantes à descrição da velhice na contemporaneidade de Ortega (2008).

Para se afirmar como pertencente à “boa velhice” há a necessidade de afastamento e de apontar o outro como um “mau” velho. Com isso, podemos observar que o idadismo, forma de preconceito apresentado por Castro (2015) também é presente entre os próprios

velhos, reafirmando a visão da velhice como um estado patológico e digno de aversão (ORTEGA, 2008).

No episódio “A Queda”, Grace tem a impressão de que deslizou em algo e caiu no chão. O que ocorre é que Frankie a segura antes de cair, porém o episódio segue com o que aconteceria com Grace caso ela tivesse de fato caído, a fantasia de Grace é composta pelos seus maiores medos. A próxima cena mostra Grace em uma maca no hospital aguardando o resultado de sua radiografia, Frankie e Brianna estão com ela no quarto. O médico Dr. Mason chega com os resultados dizendo que Grace quebrou o quadril. A seguir, Frankie interpela o médico sobre o diagnóstico:

Frankie: Ela quebrou o quadril?

Dr. Mason: Sim.

Frankie: Meu Deus, vai ter que operar? Como essas histórias de velhas que sempre ouvimos? Com cirurgia, fisioterapia, pneumonia e abuso sexual? E termina.... Sabemos como termina. *Morta* (A QUEDA, 2015, grifos nossos).

A sentença de Frankie “essas histórias de velhas” denota um distanciamento de Frankie em relação a essas velhas. Isso denota a dificuldade de se reconhecer como velha, sendo o velho “sempre o outro ou um outro” (GOLDENBERG, 2011, p. 9). Grace também tem dificuldade em se ver como velha, na figura 8, é possível notar o processo de percepção de Grace sobre sua velhice, admitindo que está velha. O processo de percepção de Grace ocorreu devido a uma funcionária ter se referido a ela como velha após Grace ter caído. Sobre esse processo, Goldenberg (2011, p. 9) afirma que “é muitas vezes por meio do olhar do outro que o indivíduo se percebe como um velho”.

Figura 8: Grace percebe que está velha



Fonte: Episódio “A Queda” da série “Grace and Frankie” (A QUEDA, 2015).

No ambiente hospitalar, a personagem se depara com diversas imagens que associam velhice a um estado patológico e de decadência, conforme aponta Ortega (2008, p. 36) “o modelo biomédico dominante define o envelhecimento exclusivamente em termos de declínio da idade adulta, como um estado patológico, uma doença a ser tratada”. Na figura 9, temos um velho sendo carregado por um enfermeiro e um andador, essas imagens associam o significado de dependência à velhice. Na sociedade contemporânea com a ênfase concedida ao indivíduo autônomo, os indivíduos dependentes são vistos com desconfiança, sendo

considerados “parasitas sociais” (ORTEGA, 2008). Para Grace que possui orgulho de sua autonomia durante toda a série, a possibilidade de tornar-se um indivíduo dependente é algo assustador.

É interessante observar os ambientes em que Grace e Frankie aparecem, sendo eles o hospital e o asilo. Essas duas instituições são cercadas de sentidos que atrelam a velhice à dependência e à doença. Nesses ambientes estão utensílios relacionados à velhice decrépita, como o andador, a cama elétrica e a cadeira de rodas. As duas personagens quando estão nesses locais demonstram o sentimento de medo e necessidade de afirmação de sua juventude para “provar” que estão distantes dessa velhice ligada à decrepitude.

Figura 9: Sinais de decrepitude



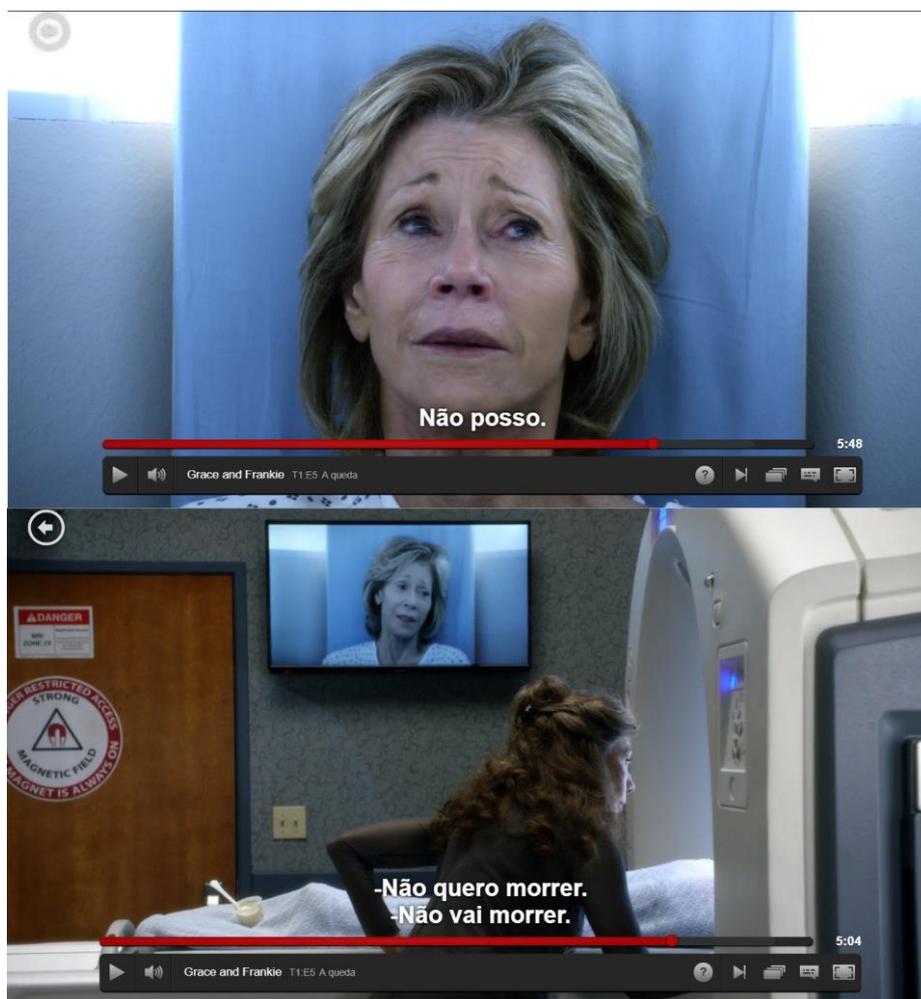
Fonte: Episódio “A Queda” da série “Grace and Frankie” (A QUEDA, 2015).

Após a cirurgia, o Dr. Mason pede que Grace faça uma ressonância magnética para verificar se alguma parte do seu cérebro foi afetada durante a queda, Grace implora para o médico para não fazer o exame pelo fato de ter claustrofobia, mas o médico não atende ao seu pedido e a encaminha para o exame. Ao entrar no tubo de ressonância, Grace entra em pânico,

como é demonstrado na figura 10. A imagem de Grace gritando “não posso” é uma das mais marcantes da primeira temporada, nela Grace aparece chorando, sem maquiagem e com suas rugas evidentes, algo que não ocorre em nenhum outro momento na série.

Na mesma cena da ressonância, Frankie aparece para ajudar Grace durante o exame. Grace está desesperada pensando que vai morrer. A morte é em diversos momentos associada à velhice, conforme afirma Castro (2016, p. 80) ao descrever que o idadismo “ocasiona graus diferentes de rejeição diante da figura do velho, que nos faz lembrar de forma perturbadora a finitude e desperta fantasias ligadas à morte”. Essa associação não é recente pois desde o século XVII, havia a correlação das mulheres velhas como um “saco de ossos, a morte em pessoa” (BEAUVOIR, 1970, p. 191). Ao se perceber como velha, Grace acredita que será o fim da sua vida, o que a causa desespero.

Figura 10: Grace e o medo da morte

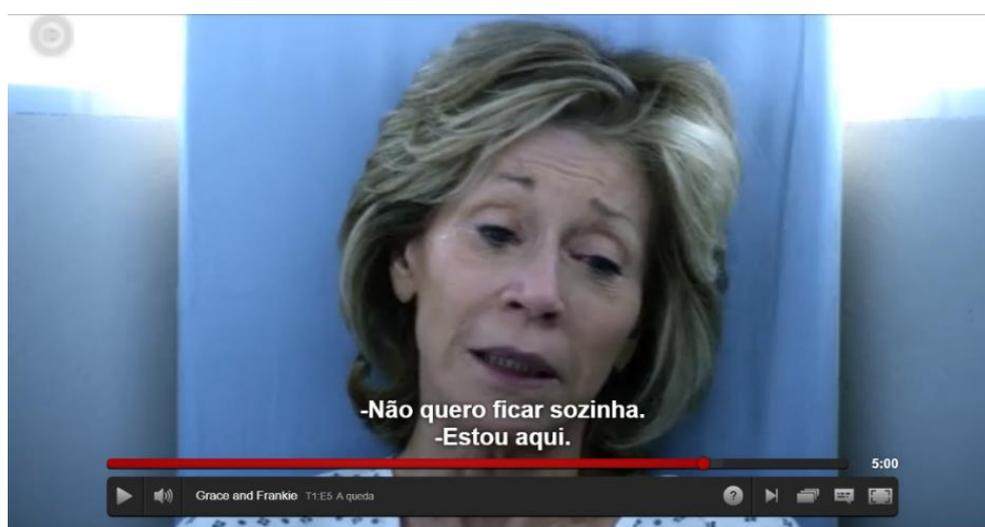


Fonte: Episódio “A Queda” da série “Grace and Frankie” (A QUEDA, 2015).

Além do medo da morte, o medo da solidão também é algo relevante no episódio “A Queda”. Nas figuras 11 e 12, esse medo é expressado por Grace e Frankie, principalmente

após o divórcio, aos setenta anos elas consideram que irão morrer sozinhas, sendo esse futuro ameaçador. Esse medo é algo que assola os velhos, principalmente pelos dados de abandono com a população idosa. No Brasil, a negligência ou abandono corresponde ao primeiro lugar em denúncias do Disque 100¹³ (O TEMPO, 2015). Como uma forma de não ficarem sozinhas, Grace e Frankie moram na casa de praia juntas, mesmo com uma relação de amizade repleta de atritos. A companhia de alguém parece melhor do que ficar sozinha para as duas personagens.

Figura 11: Grace e o medo da solidão



Fonte: Episódio “A Queda” da série “Grace and Frankie” (A QUEDA, 2015).

Figura 12: Frankie e o medo da solidão



Fonte: Episódio “A Queda” da série “Grace and Frankie” (A QUEDA, 2015).

¹³ Central de ouvidoria do Ministério dos Direitos Humanos

Em outra cena da primeira temporada, as duas personagens estão frustradas e decidem comprar um cigarro. Ao chegarem no mercado, tentam chamar um funcionário para atendê-las, porém ele não dá atenção a elas. Frankie continua chamando, até que o funcionário decide atender uma moça jovem em outro caixa. Na figura 13, é demonstrada a reação de Grace ao saber que não foi vista pelo atendente, mesmo após inúmeros chamados. Grace tem um episódio histérico na loja, se apropriando do significado da mulher histérica para conseguir a atenção do atendente. A mulher histérica tende a ser ignorada, e é geralmente associada ao estado de raiva, devido às alterações hormonais. Segundo Ferraz (2010, p. 170), tendemos a ignorar a motivação da mulher ao ter essas reações, como explicitado no trecho a seguir: “de nervosa à histérica, a mulher tende cada vez mais a ser mero efeito (sempre instável) de seus hormônios. Evidentemente, essa equação desinveste o sujeito de sua potência transformadora de mundo e de si”. A histeria de Grace desabafa toda a sua indignação de como a sociedade as tratam, considerando-as seres invisíveis apenas pelo fato de não serem jovens. A invisibilidade da velhice não tange somente a falta de desejo sexual, mas está presente em todas as facetas da vida, sendo um reflexo da perda de valor social que a velhice possui na sociedade contemporânea. Sendo o corpo um “capital físico, simbólico, econômico e social” (GOLDENBERG, 2007, p. 13), é notável a divergência de capitais que envolvem o corpo jovem e o corpo velho. O capital do corpo velho é defasado em relação ao corpo jovem, forma corpórea mais capitalizada na contemporaneidade.

Figura 13: Grace e a histeria



Fonte: Episódio “O Jantar” da série “Grace and Frankie” (O JANTAR, 2015).

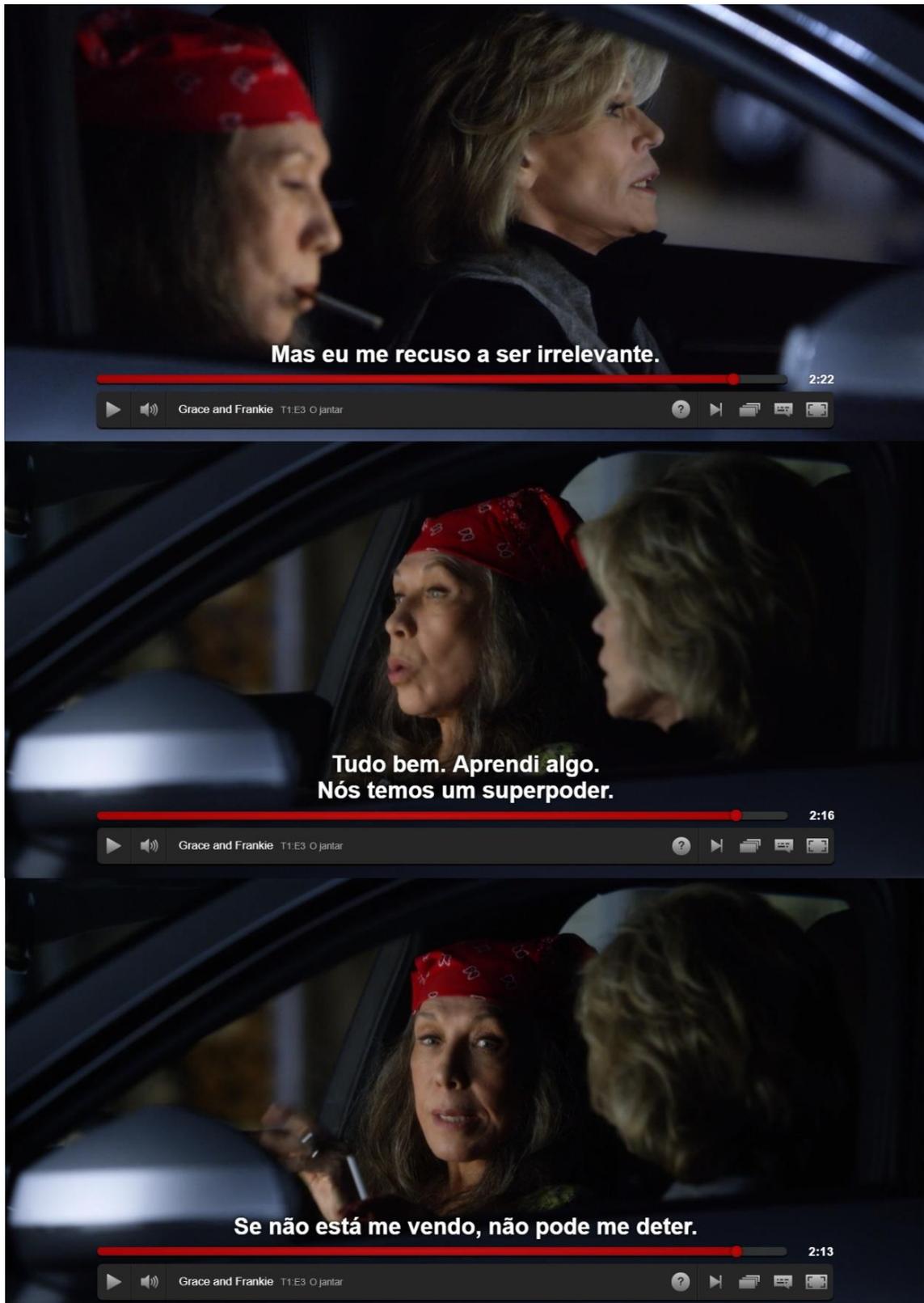
Continuação da figura 13



Fonte: Episódio “O Jantar” da série “Grace and Frankie” (O JANTAR, 2015).

Na lógica contemporânea de constante visibilidade, em que é necessário “aparecer para ser” (SIBILIA, 2008, p. 111), parecer invisível é um dos piores castigos, por isso a tamanha indignação de Grace. Sibilía (2008, p.111) aponta que segundo a moral da visibilidade “se ninguém vê alguma coisa é bem provável que essa coisa não exista (...) Nesse monopólio da aparência, tudo o que ficar do lado de fora simplesmente não é”. Na figura 14, Grace se opõe a essa ideia de não ser, ela se recusa ser invisível. Em sua fala fica evidente a sua rejeição a ser irrelevante, pois não ser notada e não ser relevante significa não ter importância. Enquanto isso, Frankie consegue um jeito de se aproveitar dessa característica. A invisibilidade torna-se um superpoder, pois não ser notada, não ser vista, isso não a impede de roubar o cigarro que tanto desejava.

Figura 14: Frankie e o superpoder



Fonte: Episódio “O Jantar” da série “Grace and Frankie” (O JANTAR, 2015).

No episódio “A Queda”, também é demonstrado o cuidado de Grace com a sua alimentação. A figura 15 mostra o prato de Grace composto por um frango sem nenhum acompanhamento, a partir disso, pode-se inferir que a personagem está de dieta, comendo somente proteína. No diálogo com Brianna, Grace enfatiza que o importante é o seu alimento ser saudável:

Brianna: Nossa, mamãe. Que frango triste.

Grace: E daí? É saudável.

Brianna: Um jantar de micro-ondas para uma pessoa às 16h30. É um bilhete de suicídio comestível (A QUEDA, 2015).

Figura 15: A alimentação de Grace



Fonte: Episódio “A Queda” da série “Grace and Frankie” (A QUEDA, 2015).

O cuidado que Grace apresenta com sua alimentação é um elemento recorrente na série e faz parte de sua performance corporal impecável. A dieta de Grace é algo que compõe o seu processo de bioassociabilidade, pois conforme afirma Ortega (2008, p. 32), “os alimentos que consumimos implicam uma seleção reflexiva, refletem um estilo de vida, um ‘hábito’, um critério da biosociabilidade”. Sendo assim, a dieta alimentar restrita e o cuidado com a boa forma são elementos fundamentais para o processo de subjetivação de Grace.

Na figura 16, podemos observar o contraste entre o pote de *frozen iogurte* de Frankie e o de Grace em um copo de degustação. Frankie em toda a série não aparenta o mesmo cuidado com a alimentação, sua dieta é vegetariana, mas ela abusa de guloseimas, sorvetes e chantilly com frutas no café da manhã, por exemplo. No episódio “O terremoto”, Frankie engana Grace de que há algo em sua boca, pedindo para abri-la, quando Grace abre a boca sua amiga dispara um jato de chantilly nela, conforma mostra a figura 17. Mesmo em tom de brincadeira, é visível na piada de Frankie, dizendo que Grace não irá comer até segunda, o quanto a dieta de Grace é rígida e restritiva.

Figura 16: A alimentação de Grace (2)



Fonte: Episódio “A Queda” da série “Grace and Frankie” (A QUEDA, 2015).

Figura 17: A alimentação de Grace (3)



Fonte: Episódio “O Terremoto” da série “Grace and Frankie” (O TERREMOTO, 2015).

Em outra cena do episódio “A Queda”, Grace está preenchendo o seu perfil em um site de relacionamentos *online* e escolhe três características que a melhor descreve. Na figura 18 vemos que as palavras escolhidas foram “inteligente”, “em forma” e “divertida”, Grace demonstra dúvida somente sobre a última característica, que acaba alterando para “cultura” posteriormente. A utilização do termo “em forma” reforça a importância da performance corpórea ótima almejada constantemente por Grace.

Figura 18: Grace preenche seu perfil online



Fonte: Episódio “A Queda” da série “Grace and Frankie” (A QUEDA, 2015).

A subjetividade de Grace corrobora o valor do corpo para a atual cultura somática, que “tem na imagem social do corpo o suporte, por excelência, do caráter ou da identidade” (COSTA, 2008, p. 195). Nessa cultura somática, o corpo tornou-se espelho da alma, sendo uma espécie de vitrine que escancara nossos vícios e virtudes disponíveis ao julgamento do olhar alheio (COSTA, 2008). Nesse contexto, o estar “em forma” de Grace é motivo de extremo orgulho para ela própria e também para os outros, pois a boa forma concede um caráter de “vencedor” e “herói” ao indivíduo (COSTA, 2008). Esse indivíduo é valorizado por ter sido disciplinado em suas ações e por ter conseguido um estado corporal considerado “ideal”.

Embora esteja “em forma”, Grace demonstra insegurança em relação ao seu corpo no episódio “O Sexo” em que tem sua primeira relação sexual após a separação do ex-marido, Robert. Na figura 19, Grace aparece em frente ao espelho, objeto que representa o olhar do outro sobre a nossa aparência corporal. Na sequência da cena, Grace apalpa seu braço e percebe o quanto está flácido, balançando-o de um lado para outro. A expressão de Grace nesse gesto é de frustração com o aspecto do corpo dela. O sentimento de Grace é compreensível quando se considera que, mesmo com uma vida performática, regrada e

disciplinada, com uma rotina de exercícios físicos, mantendo uma dieta rigorosa, nada disso impede que o corpo envelheça e se distancie do modelo corpóreo “ideal”, sendo esse um corpo que aprende a ser jovem, em “boa forma” e torneado.

Figura 19: Grace e o espelho



Fonte: Episódio “O Sexo” da série “Grace and Frankie” (O SEXO, 2015).

Nos dois episódios analisados é interessante notar o processo de negação da velhice de cada uma das personagens. Ainda que sejam velhas, o processo de identificação com a velhice é algo gradual, havendo um processo de ressignificação, no qual as duas personagens se atrelam a atributos joviais para compor sua subjetividade. O intuito de aproximação com sentidos juvenis é a atribuição do valor social da juventude à velhice. Ao se aproximarem dos sentidos juvenis, as personagens são mais aceitas socialmente. Há uma forte diferenciação entre o que é considerado a “má” e a “boa” velhice, algo muito presente nessa primeira temporada. Enquanto se identificam como velhas, Grace e Frankie fazem questão de se distanciar dos significados “negativos” da velhice, o “mau” velho é apresentado sempre como

o outro ou presente somente nas fantasias de Grace. Ao mesmo tempo em que negam esses significados, é perceptível que os sentidos negativos relacionados à velhice como a solidão, a morte, a doença e a invisibilidade correspondem aos medos das duas personagens. Para Grace e Frankie, é assombroso pensar em um futuro em que a realidade delas esteja atrelada a alguns desses sentidos apresentados, por isso tentam constantemente se afastar deles. No processo de identificação e afirmação da velhice, ambas as personagens assumem os significados de uma velhice ativa como um processo de novas descobertas, uma velhice visível e aceita socialmente.

4.3. A segunda temporada

A partir do mapa de sentidos sobre as mulheres velhas, é possível observar que na segunda temporada, as duas personagens principais vivenciam a velhice como uma fase de novas experiências e descobertas. Analisando o *trailer* referente à segunda temporada, pode-se notar alguns sentidos da velhice que mais contribuem para a análise da série. Os principais sentidos observados foram: “amizade”, que representa o apoio afetivo entre as duas personagens principais, “a sexualidade”, sentido relacionado à novas experiências vividas por Grace e Frankie, e, o “corpo entorpecido”, o qual apresenta a frequência e a necessidade de entorpecimento na série. Os sentidos elencados estão presentes em diversos episódios da temporada e demarcam outra fase na vida de Grace e Frankie.

Após o divórcio dolorido para as duas personagens e a insatisfação por estarem velhas, na segunda temporada, Grace se propõe a novas experiências afetivas, reencontrando um antigo amor e explorando sua sexualidade. A personagem Frankie passa por um processo de autodescoberta, tentando resgatar a “essência” de quando era mais nova. Além disso, também tem uma nova experiência afetiva após a separação de Sol.

Os episódios que enfatizam os sentidos da velhice elencados, são: “O Teste” e “O golpe”, quinto e o último episódios da temporada. Nos episódios selecionados podemos observar o processo de busca pela liberdade nas duas personagens principais. Grace e Frankie conseguem se posicionar diante da família sobre o que desejam, em um processo de identificação e afirmação da velhice.

No episódio “O Teste”, Grace decide que precisa fazer novos amigos, sair e se divertir. Contudo, a personagem apresenta uma hesitação nesse processo, como é apresentado na figura 20. Grace demonstra um pesar ao proferir a frase “Quem quer fazer história com alguém que está virando história?”. Essa citação denota a dificuldade de fazer amizades na

velhice. Além disso, apresenta uma mudança no processo de aceitação da velhice de Grace. Na primeira temporada, a personagem tentava constantemente negar que estava velha, nessa fala podemos observar que Grace se inclui ao proferir que está se “tornando história”. Embora o termo “alguém” a afasta um pouco do objeto, denota-se um processo de aceitação mais evidente.

Figura 20: Grace quer fazer novos amigos



Fonte: Episódio “O Teste” da série “Grace and Frankie” (O TESTE, 2016).

Após constatar a dificuldade de encontrar novos amigos, Grace decide entrar em contato com um grupo de amigas antigas para convidá-las para almoçar na casa de praia. No dia do almoço, Grace fica preocupada em arrumar a casa pensando nos minuciosos detalhes para receber suas amigas, como arrumar a mesa, a decoração do ambiente e a estética dos alimentos.

Durante o almoço, Janet, uma das amigas de Grace, comenta sobre a aparência de Grace, como podemos observar na figura 21. Ao comentar que todas desejariam estar tão

bonitas quanto Grace, é possível observar um caráter inspiracional na personagem, como se Grace fosse um “modelo” a ser seguido. Quando Janet enaltece a beleza de sua amiga como algo prestigioso, acaba corroborando todo o aparato de técnicas que Grace utiliza para atingir a performance corporal que exhibe, incluindo a sua alimentação. Frankie aponta o prato com poucos alimentos da amiga, como o responsável para atingir a performance citada. O olhar do outro exerce um papel fundamental na personalidade somática contemporânea, por meio desse olhar, o indivíduo recebe a legitimação e o estímulo para manter a performance corporal.

Figura 21: Performance corporal da Grace



Fonte: Episódio “O Teste” da série “Grace and Frankie” (O TESTE, 2016).

Em outra cena, Grace encontra suas amigas para jogar boliche. Nesse encontro as amigas de Grace, Janet e Arlene, começam a falar de forma depreciativa sobre Frankie, conforme mostra o diálogo abaixo:

Janet: Mas deve estar morrendo, morando sozinha na praia com a Frankie. Eu juro, no almoço, achei que um passarinho ia sair voando do cabelo dela.
Arlene: Lembra como ela costumava protestar na frente da minha manicure?
Grace: Ela é a favor do sindicato. Sei que ela é meio diferente, mas ambas passamos pelo mesmo problema.
Arlene: Foi o que eu disse ao Bob (marido de Arlene). Estão morando juntas porque quem mais entenderia a situação delas?
Janet: Mas isso tudo já passou. Querida, ela está atrapalhando você. *Ninguém quer estar com ela.*
Grace: Não. Só um segundo.
Janet: Vamos, você sempre disse que ela a deixa maluca.
Grace: Bem, ela deixava. E ela deixa. Mas este ano, ela tem me apoiado. De uma forma muito sincera.
Janet: Vai desperdiçar o resto da sua vida morando com aquela hippie maluca?
Grace: Você sempre foi assim nojenta?
Janet: Eu sou direta, você me conhece. Você era pior do que eu.
Grace: As coisas mudaram.
Janet: *Você mudou.*
Grace: Obrigada. Foi a melhor coisa que você disse o dia todo (O TESTE, 2016, grifos nossos).

No diálogo apresentado, as amigas de Grace falam coisas ofensivas sobre Frankie, o que acaba ofendendo Grace. Embora a personagem não gostasse de Frankie antes do divórcio, após se mudarem para a casa de praia, as duas personagens começaram a criar uma relação de amizade. O fato de Grace discordar de suas antigas amizades, demonstra o processo de alteração, ou mudança como apontado no diálogo, da subjetividade da personagem após o convívio com Frankie. Grace vai se questionando ao longo da série sobre sua forma de ser e agir e altera o seu comportamento e o seu eu a partir da experiência do divórcio e do contato com Frankie. Apesar do relacionamento de Frankie e Grace ser repleto de conflitos na primeira temporada, as duas personagens conseguem estreitar os laços de amizade na segunda temporada, criando um apoio mútuo para todo tipo de situação.

A amizade é apresentada por Goldenberg (2013) como uma forma de lidar melhor com a velhice. Em sua pesquisa, essa antropóloga observou o papel fundamental da amizade entre as mulheres na vida de muitas idosas, pois “são as amigas que estão presentes nos momentos de tristeza e de alegria. São as amigas que fazem com que elas se sintam importantes. As amigas são as verdadeiras cuidadoras” (GOLDENBERG, 2013, p. 64). Elas ocupam, muitas vezes, o espaço da família na vida das idosas, pois são elas que acabam levando nos médicos, lembrando dos remédios, cuidando da alimentação. Nessas amizades entre as mulheres, as idosas encontram o cuidado, o apoio e o amor necessário para lidar com a velhice (GOLDENBERG, 2013).

Na série “Grace and Frankie” podemos observar a importância desse laço de amizade, Grace e Frankie constroem essa relação de amizade, auxiliando uma a outra nas dificuldades da velhice, incentivando a obter novas experiências, numa relação de apoio e cuidado mútuo.

Superando o fato de serem muito diferentes na forma como veem o mundo. Na figura 22, temos um exemplo da relação entre Frankie e Grace que mostra o apoio entre as duas na construção da subjetividade e com as questões relacionadas à velhice, tendo Grace a “autoridade” de contar à Frankie quando ela estará “gagá”, sendo um sinal da confiança que as duas personagens possuem uma na outra.

Figura 22: Amizade entre Grace e Frankie



Continuação da figura 22



Fonte: Episódio “O Teste” da série “Grace and Frankie” (O TESTE, 2016).

Outro elemento relevante de ser analisado na série é o corpo entorpecido, composto pela utilização de substâncias entorpecentes, seja em forma de bebidas alcoólicas, maconha ou medicamentos. A utilização dessas substâncias é um dos sentidos mais presentes em toda a série e que abrange as duas personagens. Grace abusa das bebidas alcoólicas, principalmente do *drink* Martini que consome praticamente em todos os episódios. O seu consumo aparece relacionado ao stress, a celebrações, mas também é algo do cotidiano da personagem. Na figura 23, a personagem faz uma piada sobre o seu consumo de álcool, dizendo que o que a ajudou a superar o divórcio foram os “nutricionistas” italianos Martini e Rossi, referindo-se à empresa italiana de bebidas alcoólicas utilizadas em sua bebida preferida. Ainda no mesmo episódio “O Teste”, Grace aparece em outra cena com dois Martinis na mão, andando e bebendo, como podemos observar na figura 24.

Figura 23: Grace e o corpo entorpecido



Fonte: Episódio “O Teste” da série “Grace and Frankie” (O TESTE, 2016).

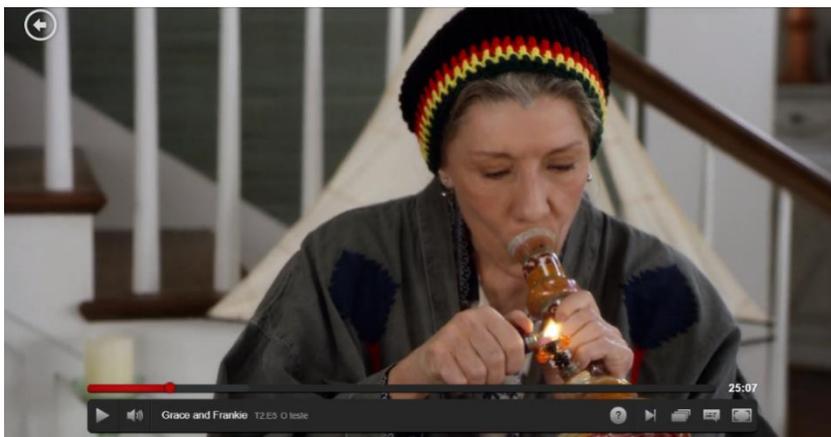
Figura 24: Grace e o corpo entorpecido (2)



Fonte: Episódio “O Teste” da série “Grace and Frankie” (O TESTE, 2016).

A substância utilizada por Frankie é a maconha, hábito recorrente em diversos episódios. No episódio “O Teste” apresenta a relevância da utilização dessa substância por ela. Frankie prepara-se para a prova para recuperar sua carteira de motorista, durante o estudo para a prova, a personagem está ouvindo Bob Marley, fumando maconha em um *bonge* com uma touca com as cores utilizadas no *reggae*, verde, amarelo e vermelho, conforme é apresentado na figura 25.

Figura 25: Frankie e o corpo entorpecido



Fonte: Episódio “O Teste” da série “Grace and Frankie” (O TESTE, 2016).

Após ser reprovada três vezes, Frankie tem dificuldades em continuar estudando, pois não consegue decorar as informações. Coyote, filho de Frankie, acredita que a mãe está tendo problemas de memória, já Grace acredita que o uso da maconha está dificultando a aprendizagem de Frankie. Ao ouvir a opinião de Grace, Frankie compreende outra interpretação da fala de sua amiga, conforme apresentado no seguinte diálogo:

Frankie: existe uma teoria de que a melhor forma de passar em uma prova é recriando o estado exato de quando você estudou para ela. Chama-se "aprendizado situacional".

Grace: Vá direto ao ponto.

Frankie: Foi assim que estudei para a primeira prova. Pijama, touca rastafári e um bongo. Mas não recriei isso no Detran, então, é claro, fiquei travada.

Grace: Você vai levar um *bong* ao Detran?

Frankie: Não. Isso seria ridículo. Vou levar um vaporizador escondido (O TESTE, 2016).

No diálogo acima, podemos observar que Frankie segue o oposto do conselho dado por Grace, ao decidir repetir todo o contexto de aprendizagem no momento da realização da prova, incluindo um vaporizador de maconha que é apresentado na figura 26. O “método” de Frankie foi bem-sucedido, Frankie conseguiu passar na prova e recuperar sua carteira de habilitação.

Figura 26: Frankie e o corpo entorpecido (2)



Fonte: Episódio “O Teste” da série “Grace and Frankie” (O TESTE, 2016).

A utilização dessas substâncias é interessante de ser observada nas duas personagens, principalmente em Grace que cuida rigorosamente da sua alimentação, mas não deixa de consumir doses diárias de álcool, mesmo que afete sua dieta. Segundo Ehrenberg (2010), o ato de drogar-se é distinto do ato de dopar-se, o primeiro representa uma rejeição ao mundo real e o segundo é um meio de lidar com a realidade imposta. Na série “Grace and Frankie”, a utilização dessas substâncias parece buscar os dois objetivos, a rejeição à condição de velhice das duas personagens e também como uma ferramenta para lidar com a realidade. Nesse sentido que utilizo o termo corpo entorpecido para referir-se à utilização dessas substâncias, num intuito de torpor, de amenizar a realidade que é árdua para as mulheres idosas.

O episódio “O Golpe” começa com Frankie e Grace voltando do memorial de Babe, uma antiga amiga das duas personagens que resolveu optar pela eutanásia, pois não queria mais combater um câncer que reapareceu, desejando manter a imagem de uma pessoa alegre, divertida e saudável. A morte de Babe acaba estimulando a reflexão sobre a vida em ambas as personagens, como Frankie afirma em uma cena “a morte tem o hábito de fazer isso com as pessoas. Ao chegarem na casa de praia, Grace e Frankie avistam dois presentes deixados por Babe. O presente de Frankie são pincéis, supostamente utilizados por Picasso e um convite para a exposição de arte da própria Frankie em uma galeria que Babe reservou. A personagem fica muito animada em ter sua própria exposição e desafiada a produzir todas as pinturas necessárias. O presente de Grace é um vibrador, objeto com o qual a personagem não apresenta familiaridade. A reação de Grace ao abrir o presente é apresentada na figura 27. O presente de Grace acompanha um cartão com a seguinte mensagem de Babe “Querida Grace, isto é melhor do que beber e não deixará seu rosto inchado. E não partirá seu coração. Com

amor, Babe.". Em um curto bilhete, Babe consegue citar elementos da subjetividade de Grace já analisados como o abuso do álcool e o culto à aparência.

Figura 27: Grace e ovibrador



Fonte: Episódio “O Golpe” da série “Grace and Frankie” (O GOLPE, 2016).

Na manhã seguinte ao receberem os presentes, Grace aparece na cozinha em busca de sua bolsa térmica para colocá-la em seu punho. Frankie questiona Grace sobre o que aconteceu para ela estar com dor, sua amiga afirma que sua artrite “aparecera”, Frankie não fica contente com as respostas de Grace e sente que ela está escondendo algo. Na figura 28, podemos observar o momento em que Frankie descobre que a dor é devido à utilização do vibrador que ganhara.

Figura 28: Grace e a masturbação



Fonte: Episódio “O Golpe” da série “Grace and Frankie” (O GOLPE, 2016).

Continuação da figura 28



Fonte: Episódio “O Golpe” da série “Grace and Frankie” (O GOLPE, 2016).

A segunda temporada da série aborda temas considerados “tabus”, como a sexualidade e a masturbação na velhice. Esses temas são ressignificados na série. Durante a segunda temporada, Frankie se envolve com Jacob, ou “o cara do inhamé” como a personagem o chama. O processo de admitir que estava apaixonada foi complexo, pois a personagem demonstrou muito medo de se envolver afetivamente e também sexualmente após a separação de Sol. Apesar de a personagem se mostrar mais aberta para falar sobre ressecamento vaginal, vibradores e orgasmos, Frankie demonstra uma dificuldade com o assunto sexo, como pode ser observado na figura 29, em que após declarar seus sentimentos por Jacob, pede que ele “conter seu desejo” referindo-se que não estava pronta para relações sexuais. A relação de Grace na segunda temporada é evidenciada pela chance de reviver um amor antigo com Phil.

Figura 29: Frankie e a sexualidade



Fonte: Episódio “A Galinha” da série “Grace and Frankie” (A GALINHA, 2016).

Continuação da figura 29



Fonte: Episódio “A Galinha” da série “Grace and Frankie” (A GALINHA, 2016).

Na figura 30 são demonstrados dois momentos da sua relação com o Phil, o primeiro reencontro em que Grace fica bastante apreensiva antes e em outro momento com a cena de sexo entre os dois. A cena de sexo mostra o torso de ambos os personagens nus enquanto se beijam, em momentos em que aparecem os movimentos nos lençóis, esses aparecem desfocados, deixando a relação sexual implícita. A cena dura cerca de trinta segundos e é a cena de sexo mais explícita da série com personagens velhos. Segundo a pesquisadora Sueli Santos (2003), a velhice proporciona outra forma de viver as relações amorosas:

Resgatar o direito a uma vida sexual dovelho implica poder pensar o amor em suas formas de transformação libidinal,ou seja, outras formas de amor que passam pela ternura, pelos contatosfísicos que erogenizam o corpo, como o olhar, o toque, a voz, redescobrindeas primeiras formas de amor do ser humano. O velho não deixa de amar, masreinventa formas amorosas (SANTOS, 2003, p. 59).

No trecho acima é abordada a questão da valorização de outras formas de amar na velhice, as quais incluem o reforço de outros estímulos além do sexo, como o toque e o olhar. Na série essa visão é presente principalmente no relacionamento entre Frankie e Jacob. O relacionamento desses personagens é demarcado pela insegurança de Frankie de se entregar emocionalmente após a desilusão amorosa com seu ex-marido Sol, por isso, o relacionamento com Jacob não é baseado no ato sexual, mas na atitude de cumplicidade entre os dois personagens, sendo o casal um exemplo dessa “reinvenção” de formas amorosas conforme apontado por Santos (2003).

Figura 30: Grace e a sexualidade



Fonte: Episódio “A Exceção” da série “Grace and Frankie” (A EXCEÇÃO, 2016).

No episódio “O golpe”, há uma reunião das famílias de Grace e Frankie que acaba sendo repleta de conflitos das personagens com seus filhos. Indignadas com a postura de seus filhos de desconsideração em relação às mães, Grace e Frankie acabam exprimindo nessa reunião o que estavam aguentando. Na figura 31, as duas personagens resolvem apresentar a sua nova ideia de negócio, criar uma empresa de vibradores específica para mulheres velhas.

Figura 31: O desabafo de Grace e Frankie



Fonte: Episódio “O Golpe” da série “Grace and Frankie” (O GOLPE, 2016).

Na figura 31, é interessante observar a reação da família de Grace e de Frankie quando o assunto é masturbação, algo que assim como o corpo velho, “deve” ser camuflado ou escondido. Apesar das reações de interdição de suas famílias, Grace e Frankie continuam firmes na fala, como mostrado no diálogo abaixo:

Brianna: Está bem. Eu duvido que exista um mercado para vibradores para idosas com artrite.

Grace: Existe. Estou agonizando.

Frankie: Demora muito mais para nós gozarmos, Sol.

Grace: O sangue não circula tão fácil e o tecido genital... é mais delicado. Quanto maior o esforço para o orgasmo, mais você o irrita e mais inflama a sua artrite. As mulheres mais velhas não deveriam merecer coisa melhor?

Mallory: Sério! Como vou explicar para meus filhos que a avó deles faz brinquedos eróticos para outras avós?

Grace: Eu lhe direi o que dizer para eles. Fazemos coisas para pessoas como nós porque estamos cansadas de sermos rejeitadas por pessoas como vocês.

Frankie: Fechou com chave de ouro. Vamos para casa (O GOLPE, 2016)

No diálogo acima, vemos que as duas personagens concluindo o seu desabafo para a família, em uma forma de expressar toda a rejeição sentida por elas desde os divórcios. Podemos observar que Grace se coloca como uma mulher velha, sem utilizar o termo “alguém” como fizera antes, mas o pronome “nós” que demonstra o orgulho e a legitimação de que ela não precisa mais negar a velhice, e sim ter orgulho dessa etapa da sua vida. Ao afirmarem o seu direito à sexualidade e à velhice, Grace e Frankie exprimem a sua liberdade de poderem falar o que quiserem, sem a preocupação do julgamento alheio. O orgulho das duas personagens é mais visível na figura 32, em que ambas estão saindo da casa, após terem chocado todos os membros da família. A câmera filme em *slowmotion* a saída de Grace e Frankie e a trilha sonora é um *rap*, o que enfatiza a coragem das duas personagens enquanto se olham e sorriem uma para outra. Na figura 33, temos a cena seguinte após a saída “triumfal” de Grace e Frankie, a qual demonstra o todos os membros da família olhando para a porta da casa ainda incrédulos com o que ouviram.

Figura 32: A saída “triumfal” de Grace e Frankie



Fonte: Episódio “O Golpe” da série “Grace and Frankie” (O GOLPE, 2016).

Figura 33: O choque das famílias de Grace e Frankie



Fonte: Episódio “O Golpe” da série “Grace and Frankie” (O GOLPE, 2016).

4.4. A terceira temporada

Na terceira e última temporada a ser analisada, temos a consolidação do processo de aceitação e afirmação da velhice pelas personagens Grace e Frankie. A partir da observação do *trailer*, foram identificados os seguintes sentidos relacionados à velhice que são patentes para a análise: a ideia do “corpo falho”, o qual consiste no processo de lidar com a realidade de que o corpo velho passará por processos de transformações biológicas que afetam o seu funcionamento, a noção do “discurso de risco”, sentido voltado para a prevenção de doenças que evitam o estado do “corpo falho”, o sentido do “idadismo” forma de preconceito direcionado aos idosos e idosase o último, o do “olhar alheio” que incide sobre a importância do julgamento do outro para a constituição da subjetividade. Os sentidos elencados são predominantes nos seguintes episódios: “O Chão” e “O Musical” possuem a ideia de “corpo falho”, sétimo e décimo segundo episódios, respectivamente. A noção do discurso do risco é predominante no episódio “O Musical”, a noção do “olhar alheio” e do idadismo é evidente no episódio “O Alarme de Pânico”, oitavo episódio da terceira temporada.

Enquanto na primeira temporada as ideias de doença e da decadência física faziam parte de um processo da negação da velhice presentes no imaginário da Grace no episódio “A Queda” e na visita ao asilo de Frankie no episódio “O Jantar”, na terceira temporada as duas personagens acabam tendo que lidar com essas questões em sua realidade. A ideia de “corpo falho”, presente na série, demonstra que apesar dos cuidados de Frankie e Grace para se

manterem ativas, saudáveis e independentes, essas ações não impedem que o corpo sofra as alterações fisiológicas e biológicas da velhice.

No episódio “O Chão”, Frankie acaba travando suas costas enquanto espirra, o que faz com que ela tenha que ficar no chão para aliviar a dor, ao tentar levantar sua amiga, Grace acaba também machucando suas costas e se estende no chão ao lado de Frankie, como podemos observar na figura 34. Na imagem é evidente no semblante das duas personagens a expressão de dor.

Figura 34: A dor nas costas de Grace e Frankie



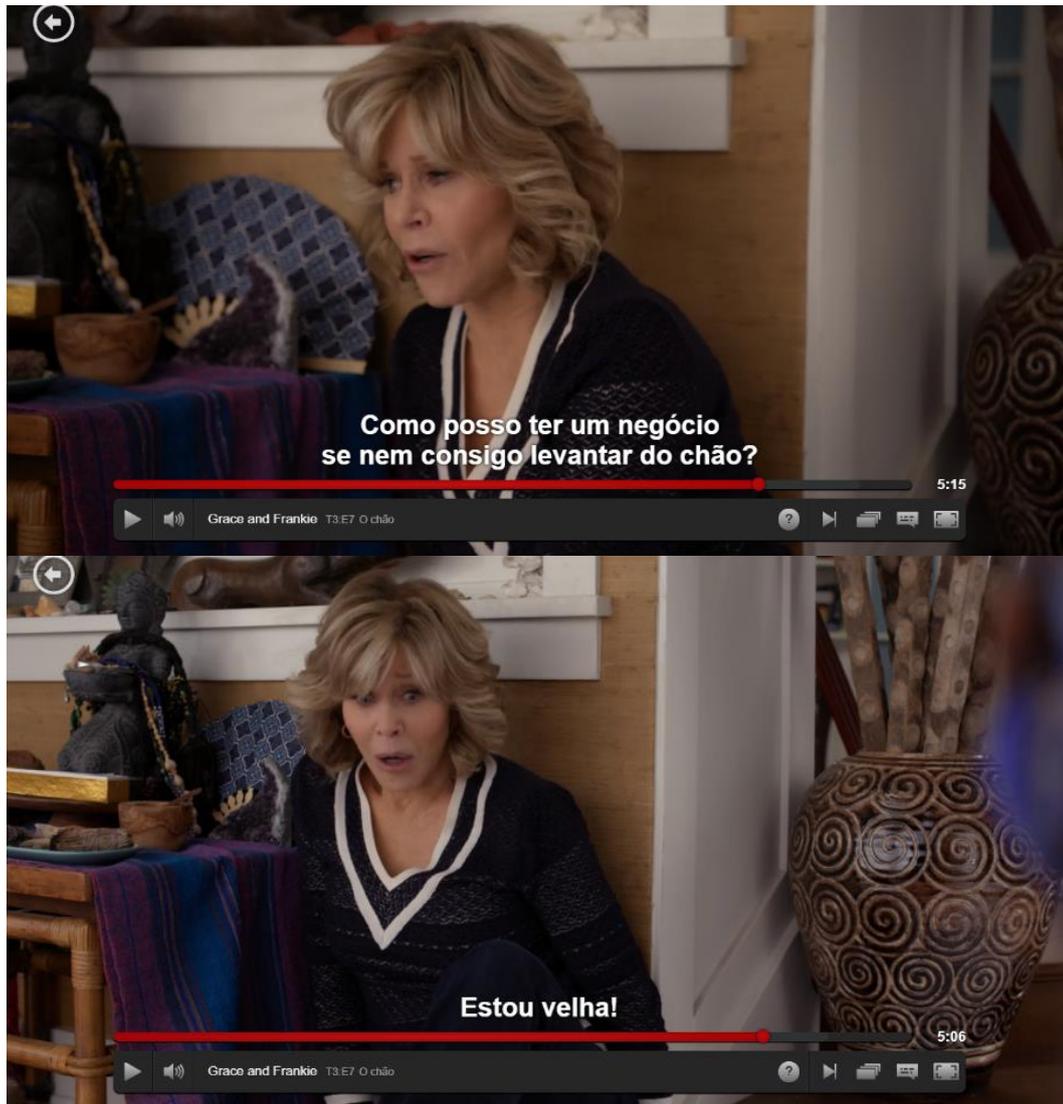
Fonte: Episódio “O Chão” da série “Grace and Frankie” (O CHÃO, 2017).

Após caírem no chão, Grace e Frankie discutem para quem elas podem ligar para socorrê-las, porém envergonham-se de chamar os seus filhos e Jacob, o namorado de Frankie. No diálogo apresentado abaixo, Grace apresenta a decepção com o seu corpo, tratando sua dor nas costas como uma forma de “traição” do seu próprio corpo:

Grace: Espero isso dos meus pulsos, tornozelos, joelhos... e do quadril. Mas minhas costas nunca foram como esses cretinos (O CHÃO, 2017).

A vergonha impede as personagens de chamar alguém para ajudá-las, então Grace e Frankie travam uma "corrida" para quem chega primeiro ao telefone, pois Frankie quer desmarcar uma reunião de negócios e Grace quer impedi-la de fazer isso. A cena segue com Grace engatinhando colocando obstáculos no caminho de Frankie para que ela não chegue primeiro, a trilha sonora concede um tom competitivo e cômico à cena. Grace acaba vencendo a “corrida”, mas observa que não parece uma “vencedora”. A angústia de Grace é apresentada na figura 35 a seguir:

Figura 35: Grace e a velhice



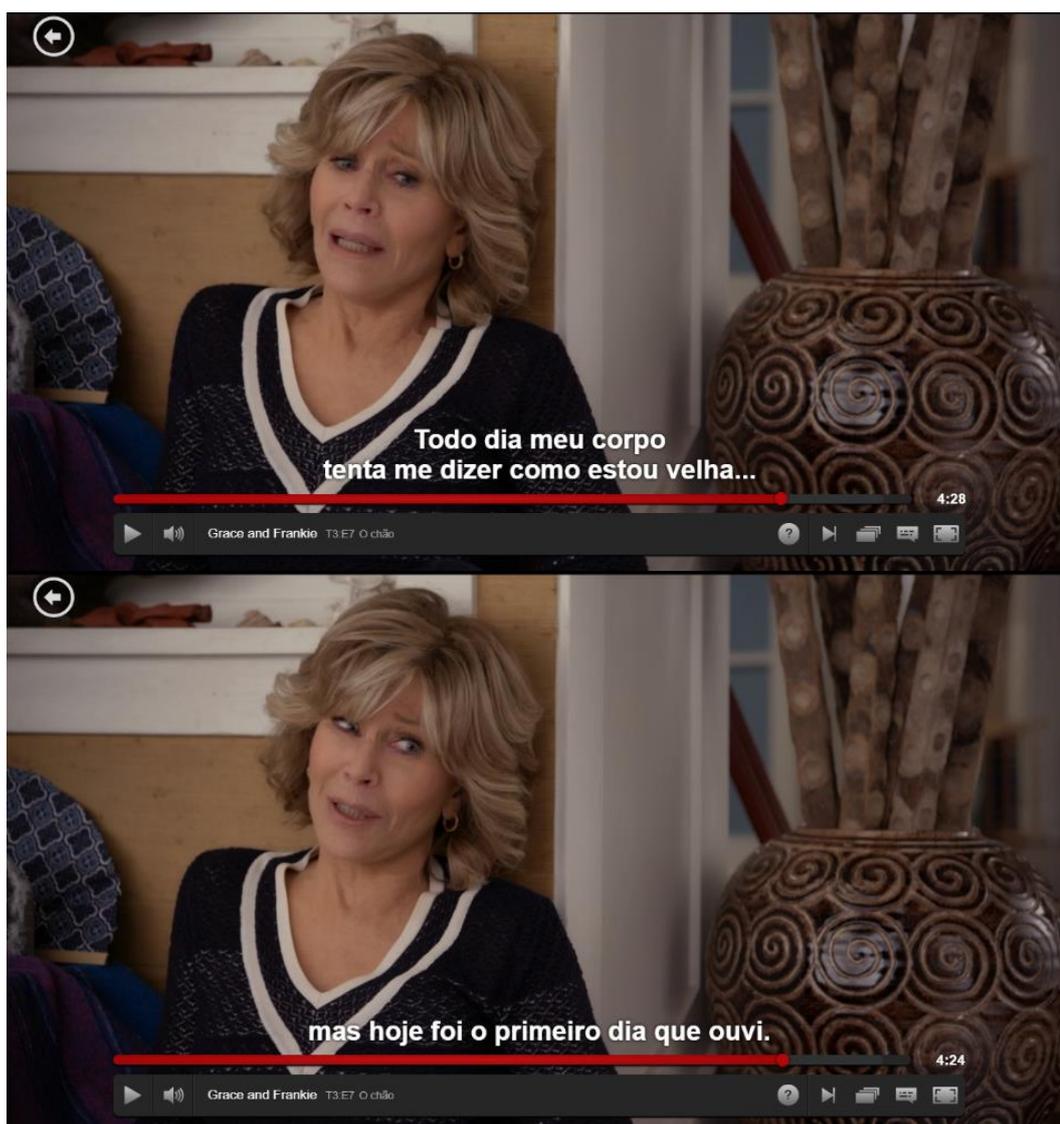
Fonte: Episódio “O Chão” da série “Grace and Frankie” (O CHÃO, 2017).

Na figura apresentada podemos ver novamente a afirmação de Grace de que está velha, a diferença é que a outra afirmação fazia parte do imaginário no episódio “A Queda”, uma espécie de pesadelo da personagem, nesse caso a afirmação é real para a personagem. Embora diferentes, em ambos os casos em que houve essa afirmação, Grace apresenta um tom de desapontamento em sua voz. Após proferir que está velha, Grace lembra-se de sua juventude, conforme o diálogo:

Grace: Antes, quando eu era jovem... havia um grande carvalho no quintal. Eu subia nele mais rápido que qualquer menino do bairro. A melhor parte era chegar lá em cima e olhar o mundo embaixo.
Frankie: Você adora fazer isso.
Grace: Quando eu estava lá, achava que podia fazer qualquer coisa. Por dentro, ainda me sinto como aquela menina, mas sei que estou só me enganando (O CHÃO, 2017).

No trecho acima fica evidente o processo apontado por Goldenberg (2011, p. 9) referente à dificuldade de olhar a si mesma como velha, “o velho não se vê como velho. Ele vê a si mesmo como sempre se viu ao longo da vida. Isso faz com que, para cada um de nós, o velho seja sempre o outro ou um outro”. Grace tem dificuldade em se ver como velha pelo fato de ainda se sentir como a “menina jovem” em sua mente. A continuidade da cena é apresentada na figura 36.

Figura 36: Grace e o corpo velho



Fonte: Episódio “O Chão” da série “Grace and Frankie” (O CHÃO, 2017).

Na imagem acima, é interessante observar que Grace apresenta o corpo como o determinante para a designação de velha, sendo esse um processo que começou desde a primeira temporada em que negava firmemente que não estava velha, tendo na segunda temporada um processo de transição que se consolida na terceira temporada com Grace “ouvindo” seu corpo e aceitando que é uma mulher velha e que terá limitações.

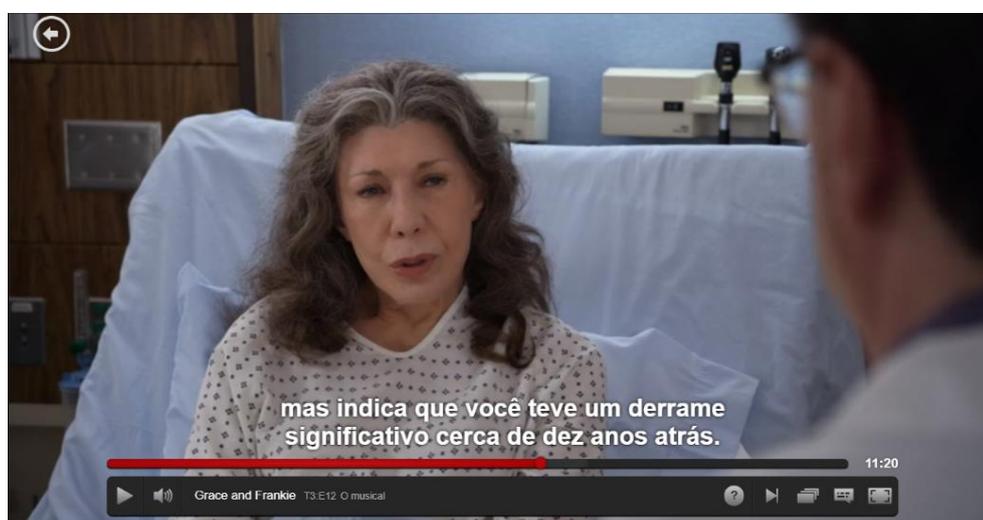
Na ascensão da cultura somática, o corpo contemporâneo corresponde a um projeto em processo de incessantestransformações e *upgrade*(SIBILIA, 2015). Nesse corpo contemporâneo, qualquer mal-estar com sua forma corpórea é vista como uma disfunção, uma falha, algo que afeta o desempenho e que deve ser eliminado (SIBILIA, 2015). Nesse contexto, temos a ideia do corpo que destoa do padrão do corpo “ideal”, ser um corpo falho, que deve ser corrigido. Segundo Fabíola Calazans (2013):

O casamento entre a ideia de um corpo falho e a eterna busca pelo padrão de beleza se alojou definitivamente no discurso sobre o corpo. Um (o corpo falho) é a falta e o outro (o padrão de beleza), seu suposto complemento que o aperfeiçoa continuamente” (CALAZANS, 2013, p. 134).

O corpo velho é visto como uma forma corpórea repleta de falhas, por isso deve ser escondido, mascarado ou corrigido. Essa noção pode ser observada na personagem Grace, pois todas as vezes em que a frase “eu estou velha” é proferida, o tom é como se houvesse algo equivocados nesse estado, não sendo visto como um processo natural do seu corpo.

A noção de corpo falho também é presente na personagem Frankie no episódio “O Musical”, no qual a personagem sofre um miniderrame enquanto dirige. O episódio começa com Frankie recusando o atendimento médico após o ocorrido, agindo como se nada tivesse acontecido. Grace fica muito preocupada com a amiga e tenta levá-la para o hospital, porém sua amiga acaba indo para casa. Após muita insistência de Grace, a personagem aceita ser levada para o hospital. Na figura 37, podemos observar que Frankie está em um cenário muito semelhante ao hospital do imaginário de Grace na primeira temporada, além disso, é possível notar a feição de pavor de Frankie quando o médico conta que ela já teve um derrame anteriormente e que terá chances de novas ocorrências.

Figura 37: Frankie no hospital



Fonte: Episódio “O Musical” da série “Grace and Frankie” (O MUSICAL, 2017).

Continuação da figura 37



Fonte: Episódio “O Musical” da série “Grace and Frankie” (O MUSICAL, 2017).

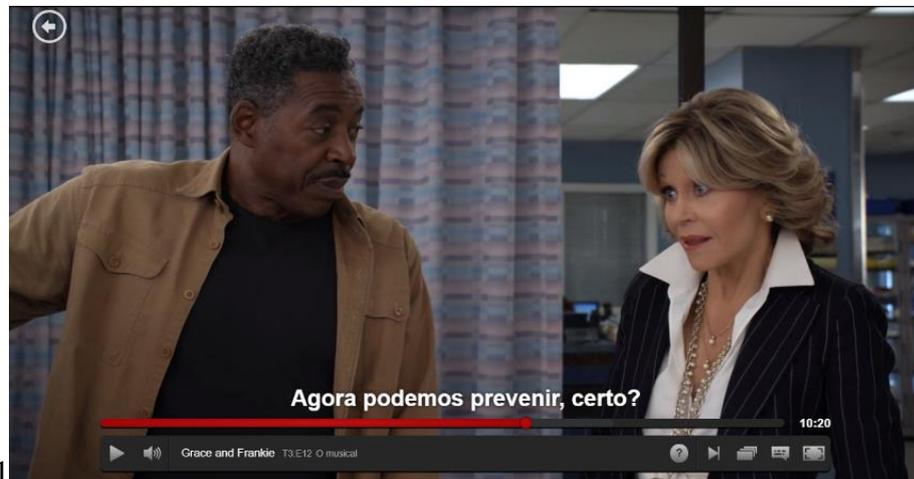
A lógica do risco e de prevenção ficam evidentes no episódio quando Grace começa a enfatizar que vai ajudar Frankie a alterar seu estilo de vida, incorporando uma alimentação saudável, fazendo exercícios, tomando os remédios nas horas corretas e medindo a pressão de Frankie quando necessário. Grace é a personificação da incorporação da retórica do risco, que consiste em “um indivíduo responsável, que orienta suas escolhas comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito e o afastamento dos riscos” (ORTEGA, 2008, p. 33). Ao seguir a lógica do risco, prevenindo e cuidando de seu corpo de forma a atingir o “corpo ideal”, o indivíduo afasta-se do modelo de corpo falho, que no caso de Frankie, é um corpo doente. Nas figuras 38 e 39, observa-se a lógica do risco nas falas de Grace.

A fala “e eu vou ajudar” da personagem referindo-se às mudanças de estilo de vida de sua amiga, a coloca como uma espécie de “guru” ou “especialista” nesse assunto, capaz de auxiliar os outros a adquirirem hábitos que pratica em sua própria vida. Ao mesmo tempo, esse gesto reforça a solidariedade entre as amigas.

Na figura 39, Grace apresenta um tom de animação ao dizer que irá encaminhar a amiga para um nutricionista e a estimulá-la a fazer exercícios, a família que está ao lado de Grace acaba endossando o discurso da personagem balançando a cabeça em sinal de “sim”. Grace aparenta uma excitação em seu “projeto” de alterar Frankie, como se fosse um processo que desejava anteriormente, o desejo de que sua amiga siga as mesmas “regras” que ela em busca de um corpo sem falhas. É interessante observar que Grace exerce o modelo de performance corpórea ótima na série, ela exibe um corpo e uma saúde prestigiosos, sendo representante de um envelhecimento “bem-sucedido”. Assim como Grace, a atriz que a

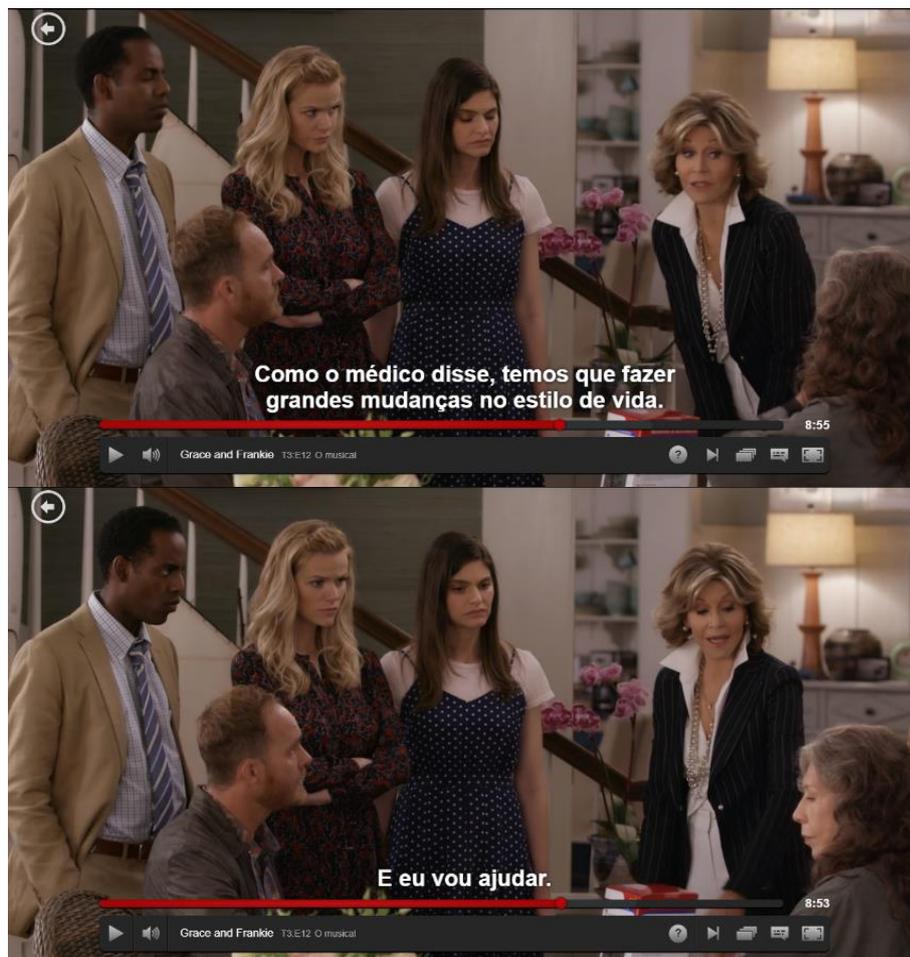
interpreta, Jane Fonda, também exibe um envelhecimento “bem-sucedido”, fruto de uma vida disciplinada em exercícios e em alimentações restritas visando um corpo prestigioso.

Figura 38: Grace e o discurso de risco



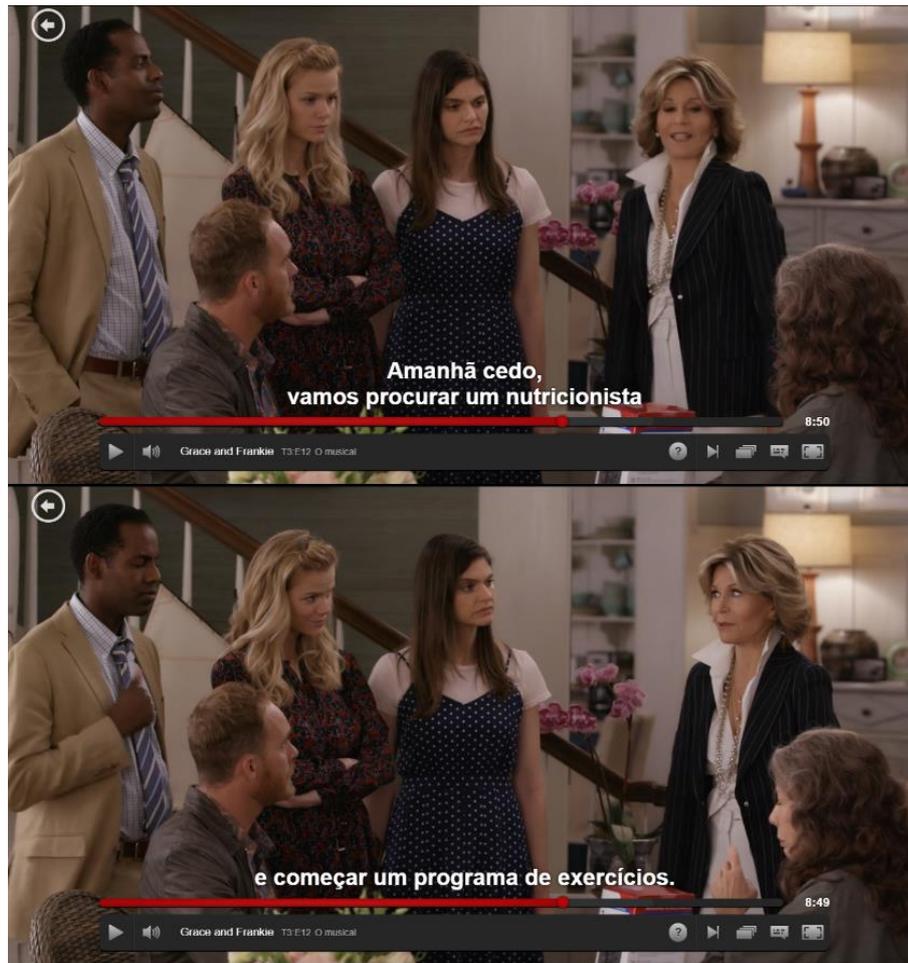
Fonte: Episódio “O Musical” da série “Grace and Frankie” (O MUSICAL, 2017).

Figura 39: Grace e o discurso de risco (2)



Fonte: Episódio “O Musical” da série “Grace and Frankie” (O MUSICAL, 2017).

Continuação da figura 39



Fonte: Episódio “O Musical” da série “Grace and Frankie” (O MUSICAL, 2017).

A personagem Frankie não fica contente com a tentativa de Grace de alterar o seu modo de vida. Frankie não possui o discurso de risco introjetado em sua subjetividade como Grace. Contudo, fica muito assustada com a ideia de estar doente, de necessitar de remédios e de um aparelho de pressão. A figura 40 demonstra a frustração de Frankie com o seu estado corpóreo, balançando vários frascos de remédio enquanto afirma a Grace que esses hábitos não fazem parte de sua vida. No diálogo abaixo, Frankie demonstra sua angústia quanto a sua doença, afirmando que preferia desconhecer seu problema de saúde. Segundo Ortega (2008), o imperativo da vigilância constante, do controle corporal e da disciplina provocam uma ansiedade e um sentimento de ambivalência. Ao se ver distante do corpo visto como saudável e com uma rotina de cuidados que não estava acostumada, Frankie sente muita ansiedade e medo do que pode ocorrer, preferindo não saber o que aconteceu do que viver em constante sentimento de medo.

Frankie: Eu era muito mais feliz quando não sabia. Agora, vou acordar todo dia pensando nas manchas no meu cérebro. Toda vez que gaguejar, vou pensar: "Está acontecendo de novo!" Ou: "Será que vou conseguir terminar a frase?" Isso me dá muito medo (O MUSICAL, 2017).

Figura 40: Frankie e os remédios



Fonte: Episódio “O Musical” da série “Grace and Frankie” (O MUSICAL, 2017).

A narrativa da terceira temporada gira principalmente em torno da empresa de Grace e Frankie, denominada “Vybrant”, especializada em vibradores para mulheres velhas. No episódio “O Grupo de Discussão”, as duas personagens abrem os primeiros protótipos do vibrador, vide figura 41. O nome do produto é “Ménage à Moi” referindo-se ao ato da masturbação. O vibrador possui uma textura de gel devido ao ressecamento vaginal que ocorre na velhice, além de ser leve e possuir botões que acendem no escuro, detalhes pensados para atender ao público das mulheres velhas.

Figura 41: “Ménage à Moi”



Fonte: Episódio “O Grupo de Discussão” da série “Grace and Frankie” (O GRUPO DE DISCUSSÃO, 2017).

Continuação figura 41



Fonte: Episódio “O Grupo de Discussão” da série “Grace and Frankie” (O GRUPO DE DISCUSSÃO, 2017).

No episódio “A Exposição de Arte”, as duas personagens tentam conseguir um empréstimo para viabilizar a produção do produto. Contudo, a reação do gerente do banco, Derrick, deixa claro a interdição discursiva sobre o assunto do sexo na velhice. O gerente fecha a porta quando Grace comenta que o vibrador é para mulheres mais velhas. É interessante notar que a reação de Derrick não foi de espanto pelo fato do produto ser um vibrador, mas sim por estar relacionado à sexualidade na velhice. O ato de fechar a porta é uma atitude de interdição discursiva quanto à temática, como se a sexualidade na velhice fosse algo vergonhoso que deve ser escondido. Quando Frankie cita sobre o tecido vaginal, é notável a sensação de constrangimento de Derrick, como pode ser visto a seguir na figura 42:

Figura 42: Grace e Frankie e o idadismo



Fonte: Episódio “A Exposição de Arte” da série “Grace and Frankie” (A EXPOSIÇÃO DE ARTE, 2017).

Continuação da figura 42



Fonte: Episódio “A Exposição de Arte” da série “Grace and Frankie” (A EXPOSIÇÃO DE ARTE, 2017).

Apesar do constrangimento de Derrick, a reunião continua e Grace entra nos termos financeiros do empréstimo, o seu desejo é um empréstimo durante dez anos, um período para estabilizar a empresa. No diálogo abaixo, podemos perceber a relutância de Derrick para conceder o empréstimo de dez anos, pois não seria “prudente” para o banco. Grace tenta compreender a relutância do gerente e durante a conversa percebe que a negativa do banco é devido à idade de ambas as personagens:

Grace: Bem... Um empréstimo de sete anos seria prudente?
Derrick: Não sei se sete é realista.
Grace: O que seria prudente e realista?
Derrick: Algo no intervalo de um ano.
Grace: Não sou contadora, mas... não parece um intervalo muito amplo, Derrick.
(...)
Grace: Não vai nos dar um empréstimo porque somos velhas demais.
Frankie: Velhas demais? Eu estava ouvindo Drake no carro.
Grace: Sabe o que é isso? Preconceito com nossa idade!
Derrick: Senhoras, há muitos fatores nas decisões sobre empréstimos.
Grace: Claro. Que idade você tem, quantos aniversários lhe restam...
Frankie: Quantos pelos públicos ainda tem.
Grace: Venha, Frankie, vamos embora daqui (A EXPOSIÇÃO DE ARTE, 2017).

As personagens ficam indignadas em saberem que estão sendo discriminadas por sua idade. Essa forma de preconceito é abordada por Castro (2015) como idadismo, o qual acarreta ações de condescendência e negligência com as idosas e os idosos. Apesar de as personagens passarem por um longo processo de aceitação da sua velhice durante as três temporadas, chegando ao ápice de sua afirmação criando um produto específico para mulheres velhas, Grace e Frankie têm que lidar com a reação da sociedade repleta de preconceito. A reação de espanto que a família das personagens exibiu no episódio “O Golpe”, se repete na figura de Derrick, o qual julga apenas a expectativa de vida e para o pagamento do empréstimo. Frankie utiliza o argumento de que escuta o cantor Drake¹⁴ para demonstrar que não está “velha demais”, nessa tentativa da personagem, podemos observar novamente a incorporação de elementos de juventude para diferenciar a sua velhice, sendo essa uma “velhice turbinada” (CASTRO, 2015), escutando músicas atuais, utilizando o Twitter e sendo usuária de *smartphone*. Após saírem do banco, as duas personagens ainda estão indignadas com o ocorrido, conforme mostra o diálogo abaixo. Frankie profere uma espécie de manifesto, para uma gangue imaginária de velhinhas que assaltariam os bancos e a qual faria parte. Nesse manifesto, a personagem enaltece a personalidade das mulheres velhas por sua coragem e por serem destemidas, ao invés de focar nos sentidos negativos do corpo das mulheres velhas como o esquecimento, o reumatismo e a flacidez.

¹⁴ Drake é um rapper canadense de grande sucesso entre o público jovem

Frankie: Todos eles precisam ser arrombados. Vamos começar com este. Formaremos a gangue das velhinhas. Somos reumáticas, mas duronas. Somos esquecidas, mas destemidas. A gravidade pode não ser nossa amiga, mas não significa que estamos no fundo do poço (A EXPOSIÇÃO DE ARTE, 2017).

Outra noção do idadismo é apresentada no episódio “O Alarme de Pânico”, no qual Grace e Frankie tem uma reunião com a empresa “*Orquídea Roxa*” para serem parceiros no lançamento do “*Ménage à Moi*”. Na reunião, o time de marketing da empresa apresenta de que forma querem vender o produto de Grace e Frankie, tendo as próprias personagens na campanha publicitária. Ao demonstrarem um exemplo de como seria a campanha, as personagens se espantam com o que veem, vide figura 43.

Figura 43: O idadismo midiático



Fonte: Episódio “O Alarme de Pânico” da série “Grace and Frankie” (O ALARME DE PÂNICO, 2017).

Continuação figura 43



Fonte: Episódio “O Alarme de Pânico” da série “Grace and Frankie” (O ALARME DE PÂNICO, 2017).

A forma como as duas personagens são apresentadas nas peças gráficas é totalmente distante da realidade estética e visual das duas personagens. Grace e Frankie aparecem com roupas mais justas, com decotes marcando seios fartos. Frankie aparece com o cabelo pintado, ao invés de grisalho, um tom castanho é presente nas imagens e as costas da personagem aparecem descobertas. Na figura 44, podemos ver os rostos das personagens mais nitidamente, assim é possível observar que a pele de Grace e Frankie é retratada sem rugas e com poucas marcas de expressão, algo incoerente com a idade das personagens. A pesquisadora Paula Sibilia (2015) aborda a questão da pouca representação das pessoas idosas no cenário audiovisual, sendo a imagem de idosas e idosos interdita no discurso. Em tempos em que o imperativo é “aparecer para ser” (SIBILIA, 2008, p. 111), não ter o direito de ser vista é um dos piores castigos. Quando as imagens de idosas são difundidas nos meios

de comunicação, há sempre a utilização de ferramentas de edição de imagem, como o Photoshop (SIBILIA, 2015), como o que foi utilizado para atenuar as marcas da velhice no rosto de Grace e Frankie, concedendo a elas uma pele digna de uma boneca *Barbie*, o que se exhibe nas peças publicitárias é uma velhice enfática em relação à performance estética prestigiosa. Segundo Sibilía (2015, p. 97), “as rugas são uma afronta à tirania da pele lisa sob a qual vivemos”, devendo ser tratadas com procedimentos estéticos ou com Photoshop e assim, serem corrigidas, tratadas e reconfiguradas.

Figura 44: O idadismo midiático (2)



Fonte: Episódio “O Alarme de Pânico” da série “Grace and Frankie” (O ALARME DE PÂNICO, 2017).

Quando Grace e Frankie questionam na reunião sobre o fato de suas fotos serem retocadas à ponto de parecerem mais jovens do que são, a gerente da empresa Mimi Becker aponta que, embora o produto seja específico para mulheres velhas, não é exibindo corpos velhos que o produto venderá, conforme apontado no diálogo abaixo. A fala de Mimi

corroboraa noção do idadismo, preconceito que ocorre inclusive entre as idosas, como demonstrado na fala. O corpo velho é renegado por todos os públicos. Além disso, Mimi aponta que o sexo por ser uma atividade jovem, não pode ser atrelada às idosas, o que aponta uma contradição, pois o produto vendido será um vibrador feito para mulheres velhas. A juventude e o sexo são apresentados como valores que devem ser sempre correlacionados e distantes da velhice.

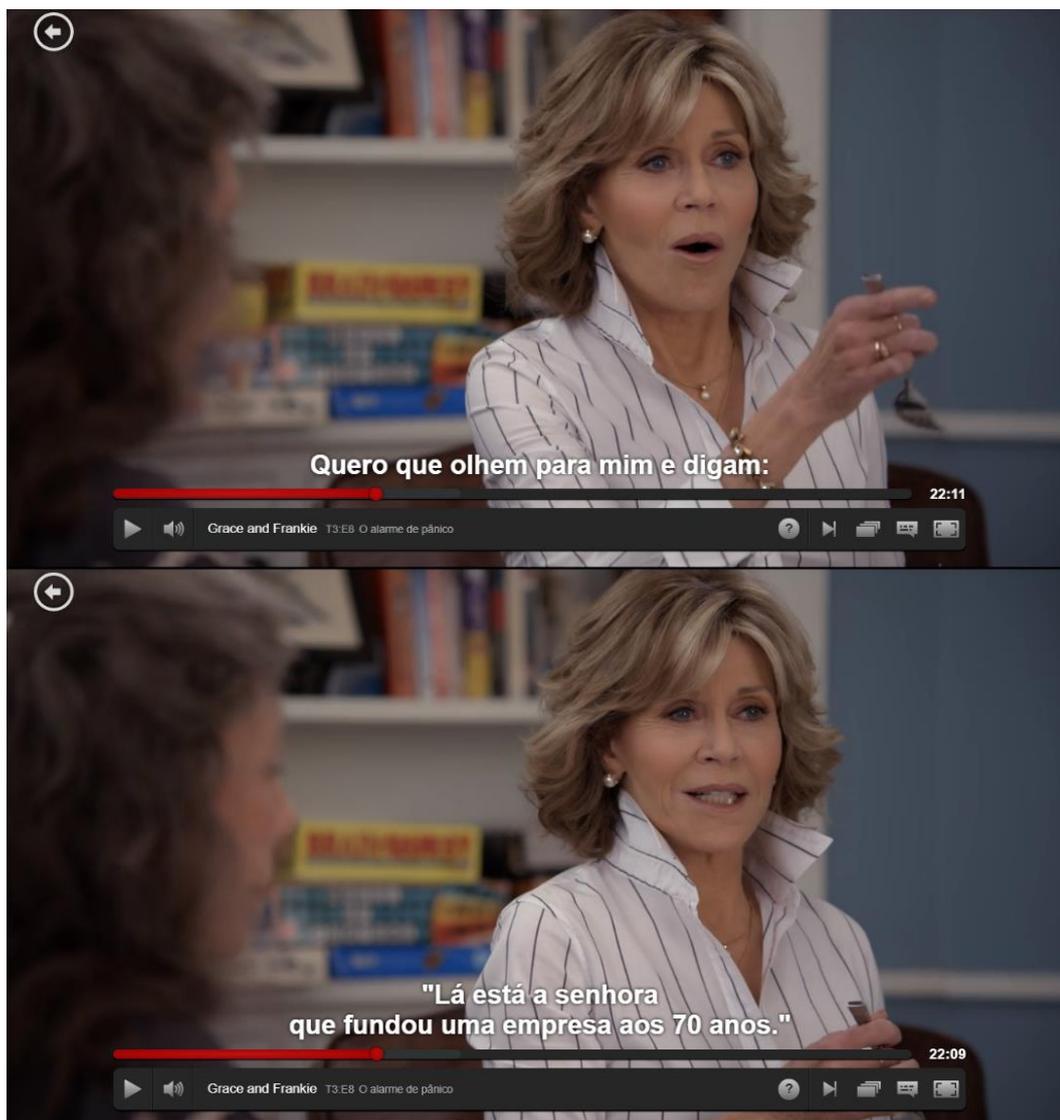
Mimi: A pesquisa foi muito clara. Ninguém quer ver idosas na caixa de um vibrador. E ninguém quer ver idosas com nada sensual. Nem mesmo as idosas! Você e eu sabemos disso, Grace. *O sexo é jovem*.
Grace: Mas nós somos velhas (O ALARME DE PÂNICO, 2017, grifos nossos).

No episódio “O Alarme de Pânico”, é evidente a noção do olhar alheio para a constituição da subjetividade das personagens. Após receberem de “presente” de Bud, filho de Frankie, dois alarmes de pânico, para chamarem ajuda médica ao tocar um botão, Grace se recusa a utilizá-lo e tenta convencer Frankie a parar de usá-lo. No diálogo abaixo, podemos observar a noção da alteridade, a preocupação de Grace com o que vão falar dela e de sua amiga. A subjetividade contemporânea é composta por uma personalidade alterdirigida, as quais são “construções de si orientadas para o olhar alheio ou ‘exteriorizadas’” (SIBILIA, 2008, p. 23). Para a construção das subjetividades, o julgamento alheio é fundamental no processo de subjetivação, pois pauta as escolhas do eu visível. Além disso, é interessante observar na personagem Grace, a necessidade de afastamento constante dos sentidos negativos relacionados à velhice, não querendo estar relacionada a ideia de “velha coitada”, colocando à margem as mulheres idosas que necessitam de cuidados e utilizam os aparelhos de pânico, como pode ser observado no trecho abaixo:

Grace: Mas quando virem isso no nosso pescoço, vão olhar para nós e dizer: "Coitada da velhinha, ela mora sozinha. Ela tem problemas de saúde."
Frankie: Ninguém vai dizer isso. Ninguém nos acha "velhas coitadas" (O ALARME DE PÂNICO, 2017).

Na figura 45, Grace declara o que quer que as pessoas pensem quando olhem ela, qual a imagem que deve ser percebida dela, imagem essa atrelada ao sucesso na velhice. A partir da incorporação de elementos empresariais e da autonomia na constituição do indivíduo empreendedor de si, “o sucesso empreendedor é considerado como a via real do sucesso” (EHRENBERG, 2010, p. 13). Sendo assim, obter sucesso em sua empresa é como obter sucesso no seu projeto de vida em geral, é atingir o status de ser bem-sucedido, status muito valorizado e almejado na contemporaneidade e assim, atingir a performance desejada.

Figura 45: Grace e o sucesso



Fonte: Episódio “O Alarme de Pânico” da série “Grace and Frankie” (O ALARME DE PÂNICO, 2017).

A relação de Grace com a sua aspiração por sucesso é explorada em outra cena, em que discute com Frankie se irão aceitar a sociedade com a empresa “Orquídea Roxa”. No diálogo abaixo, Grace explicita que “precisa de sucesso” e que a sociedade com outra empresa poderia proporcionar o sucesso que tanto almeja. Após a dissuasão de sua amiga Frankie, Grace afirma que não elas não podem fazer parte do processo de apagamento das mulheres velhas, algo que ambas as personagens passaram desde a primeira temporada, sendo marginalizadas e fadadas à invisibilidade. O diálogo apresenta a consolidação do processo de afirmação da velhice das duas personagens, principalmente de Grace, que abdica de algo constituinte de sua subjetividade que é o desejo por sucesso, em favor do apoio às mulheres velhas, criando algo específico e pensado para esse público no qual Grace e Frankie se incluem. Sendo assim, um ato de resistência à interdição do discursiva imposta sobre assuntos

relacionados à velhice, em um movimento que tenta apagar suas rugas, características e personalidades.

Grace: E é um jeito de sermos muito maiores do que imaginamos.

Frankie: Quem se importa com tamanho?

Grace: Eu. *Preciso de sucesso!*

Frankie: Que tipo de sucesso você quer? Você quer que as pessoas digam:

"Grace Hanson morreu rica" ou "Grace Hanson fez algo pelas pessoas como nós"?

Grace: "Grace Hanson morreu rica."

Frankie: Não me faça brigar com você, mocinha.

Grace: Eu sei. Eu sei, a segunda opção é melhor.

Frankie: Não podemos esquecer por quem começamos isso.

Grace: Mas eu fiquei tão bonita.

(...)

Grace: *Não podemos ajudar a apagar a mulher para quem fizemos isso.*

Frankie: Acertou, meu bem.

Grace: Adeus, Orquídea Roxa.

Frankie: É isso aí!

Grace: *Teremos o sucesso que pudermos ter.* Só eu, você e nossa empresa para velhinhas (O ALARME DE PÂNICO, 2017, grifos nossos).

Na terceira temporada podemos observar a reação da sociedade em relação à afirmação e ao sentimento de segurança de Grace e Frankie perante a velhice, ambas as personagens sofreram ofensivas da sociedade diante o posicionamento de mulheres velhas mais libertas em relação ao olhar alheio. A visão da série sobre a interdição da velhice critica o quanto a sociedade considera a velhice como algo desprezível e fadada ao ostracismo social (CASTRO, 2016). Apesar dessa resposta, as duas personagens não foram abaladas em seu desejo de fazer algo para as mulheres velhas, grupo que as personagens agora se identificam e que é negligenciado pelo mercado de produtos eróticos. As duas personagens ainda apresentaram dificuldades em lidar com as alterações que acarretam o corpo velho, distanciando-se dos sentidos atrelados à velhice decadente.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como intuito analisar, identificar e mapear os sentidos sobre o corpo e as mulheres velhas na série “Grace and Frankie”. A partir desse objetivo geral, buscou-se a investigação dos sentidos associados ao corpo das mulheres velhas no decorrer da série em questão.

O processo de investigação da genealogia possibilitou alguns achados que guiaram a pesquisa. A preponderância histórica aponta a associação da velhice a sentidos negativos, como tratá-la a uma doença relacionada à decrepitude física e mental, algo feio de ser visto, que remete diretamente à morte e, por isso, assusta tanto. Os sentidos positivos relacionados à velhice estavam mais presentes nos primórdios históricos, em que o velho detinha um caráter fundamental para a comunidade, associando essa etapa como algo digno de respeito, reverência e como sinônimo de sabedoria. A partir da ascensão do modelo capitalista, o indivíduo passou a ser valorizado, principalmente pela sua capacidade produtiva, e então, os velhos e as velha que não performavam da maneira desejada no trabalho, foram ainda mais marginalizados.

Outro resultado relevante da genealogia foi a relação de sentidos associados às mulheres velhas, sendo definidos desde à Idade Média, principalmente pela sua forma corporal que era vista como digna de desgosto e sinal de feiura. A visão mística e misteriosa da mulher era disseminada, associando as mulheres velhas com a bruxaria. A forma corpórea “repulsiva” também refletia na visão da integridade moral das velhas, o que fez com que as mulheres fossem cercadas de sentidos negativos, vistas como “bruxas más”, atrelando as “falhas” corporais das mulheres velhas a “falhas morais”. Essa repulsa em relação ao corpo das mulheres velhas permanece na contemporaneidade, sendo elas submetidas a diversos métodos e técnicas focados no rejuvenescimento. Às mulheres velhas também é submetido um “código de conduta” com restrições em relação ao vestuário, ao corte de cabelo e a “boas” maneiras de se portar.

Além disso, o desejo da eterna juventude é algo presente desde 2500 a. C. e reforçado em diversas culturas. Isso nos leva a compreender o enaltecimento da juventude como um valor na contemporaneidade. Na atualidade, é incentivada a constante associação de valores juvenis, não importando a sua idade, sendo algo praticamente fundamental para a aceitação da velhice.

A partir da associação dos sentidos juvenis à velhice, surge uma tentativa contemporânea de ressignificá-la, atrelando-a à sentidos valorizados em nossa sociedade.

Assim surgem os conceitos de “velhice turbinada” (CASTRO, 2016), “envelhecimento saudável” (OMS, 2015) e “bela velhice” (GOLDENBERG, 2013), que visam a propagação de uma velhice em constante aperfeiçoamento perpassada por uma lógica de vigilância e disciplina. Para atingir o status desses modelos de envelhecimento, há algumas “regras” acerca da rotina de exercícios, de uma alimentação “balanceada”, do cuidado corporal, da sexualidade que deve manter-se ativa, de alguma atividade produtiva, além de seguir a lógica da prevenção do discurso de risco, protegendo-se de qualquer ameaça em relação à saúde. Sendo assim, esses modelos de “envelhecimento saudável” (OMS, 2015), buscam a constante associação de elementos juvenis ao envelhecimento, na tentativa de aumentar a valorização social da velhice.

Na série “Grace and Frankie” podemos observar a propagação de novos sentidos relacionados à velhice. Grace, uma das personagens principais, é o indivíduo que incorpora os sentidos da “bela velhice” (GOLDENBERG, 2013) e do “envelhecimento saudável” (OMS, 2015), está em constante cuidado em relação a sua aparência, faz dietas alimentares, segue a lógica da prevenção do discurso de risco e está à procura de uma atividade produtiva que conceda utilidade a sua velhice. A outra personagem principal, Frankie aparenta não ter os mesmos cuidados de sua amiga Grace, mas também exibe um corpo magro, apresenta poucas rugas, utiliza frequentemente maquiagem, enaltece uma vida sexual ativa. Ambas as personagens gostam de reforçar o quanto são “joviais” por saberem lidar com a tecnologia, Grace aparece frequentemente com seu *smartphone*, enquanto Frankie exibe sua conta no *Twitter*¹⁵ e se orgulha em dizer que escuta o cantor de rap Drake. A ênfase na temática da sexualidade em toda a série também pode ser observada como uma associação com características joviais, pois como uma personagem da série apresenta no episódio “O Alarme de Pânico: “o sexo é jovem”, sendo interessante a associação da velhice com essa temática para valorização social dela.

A forma de velhice feminina apresentada na série segue os parâmetros apontados por Ortega (2008, p.36) da velhice contemporânea “os idosos da atualidade são apresentados como saudáveis, joviais, engajados, produtivos, autoconfiantes e sexualmente ativos”. As duas personagens em algum momento da série cumprem todos esses requisitos citados por Ortega (2008).

A partir da análise da série “Grace and Frankie” foi notado a disseminação de um modelo de envelhecimento semelhante aos conceitos de “envelhecimento saudável” (OMS,

¹⁵ A conta do Twitter da personagem Frankie é uma ação de transmídia da série, sendo o possível de ser acessada pelo usuário @suckitaynrand (twitter.com/suckitaynrand)

2015), “bela velhice” (GOLDENBERG, 2013) e “envelhecimento turbinado” (CASTRO, 2016), sendo conceituado como envelhecimento performático. O envelhecimento performático constitui-se em uma forma de envelhecer focada na performance corporal nos mais diversos âmbitos, como no trabalho, na sexualidade, na alimentação, no cuidado estético, na relação com a saúde, na jovialidade e principalmente na autonomia. Sendo necessária uma performance que está em constante aprimoramento visando tornar-se ótima.

A forma de envelhecimento propagada na série não deixa de ser um modelo idealizado de velhice, pois difunde um envelhecimento considerado “bem-sucedido” que não é possível de ser alcançado por todos os indivíduos. As condições socioeconômicas das duas personagens devem ser levadas em questão, Grace e Frankie são brancas, possuem dois ex-maridos donos de um escritório de advocacia, Grace antes de se aposentar criou sua própria empresa de cosméticos e Frankie é uma artista que dá aula de artes para ex-criminosos reabilitados. Esses fatos junto às características de consumo encontrados na série nos levam a compreender que ambas são de famílias de classe média alta. Após a separação, as duas amigas vão morar em uma grande casa de praia no litoral da Califórnia, pertencente às duas famílias e possuem todas as condições para se manterem autônomas. Essas características contribuem para a constatação do envelhecimento performático, como um ideal projetado que, segundo Jane Fonda, acaba aliviando o medo das espectadoras da série de envelhecer, na esperança de que terão uma velhice semelhante à de Grace e Frankie (TEC, 2015). Assim como para os jovens há a disseminação para uma performance corporal ótima, o modelo de envelhecimento performático ótimo também está sendo disseminado, como uma forma da velhice aceita na sociedade contemporânea, sendo essa uma velhice mais aproximada da juventude quanto possível.

Na série “Grace and Frankie” é notável a divisão dicotômica do que Ortega (2008) aponta como “bom” idoso e “mau” idoso, sendo o que separa os dois é a ideologia de autonomia e autossuficiência. O “bom” idoso é aquele que desempenhou os cuidados corporais, estéticos, higiênicos e médicos durante a sua vida, seguindo a lógica de risco para a prevenção de um “mau” envelhecimento, sendo assim, é o velho e velha autônomo e autossuficiente. O “mau” idoso é aquele que não seguiu a lógica de risco e não tomou os cuidados vistos como necessários antes da velhice, sendo velhos e velhas dependentes de cuidados e doentes, lembrando os sentidos relacionados à decrepitude e senescência encontrados na genealogia. A doença na velhice é vista como um sinônimo de falha moral e uma fraqueza individual (ORTEGA, 2008). Conforme afirma Castro (2016, p. 88), “o corpo

envelhecido passa a apontar uma pessoa esvaziada de atributos de qualidade”. Além disso, no imperativo contemporâneo dos indivíduos empreendedores de si (EHRENBORG, 2010), a autonomia das empresas estendeu-se para a vida dos indivíduos, sendo assim, “cada um suporta, cada vez mais, os pesos de suas responsabilidades” (EHRENBORG, 2010, p. 131). A lógica da autonomia deve ser presente aos indivíduos até o final da vida, sendo visto como fundamental na velhice, pois ser dependente de outros indivíduos é sinal de fraqueza.

A dicotomia entre o “mau” idoso e “bom” idoso é presente em diversos episódios da série “Grace and Frankie”, nos quais as personagens tentam se afastar dos sentidos atrelados aos “maus” idosos, como a decrepitude, a dependência e a decadência física e mental. Esses “maus” idosos são apresentados na série em asilos e em hospitais, espaços que enfatizam a dependência desses velhos e velhas. As duas personagens enxergam esses idosos com pena, com um olhar de distanciamento em relação à realidade delas e também com medo de ficarem assim no futuro. Ao afirmarem constantemente que pertencem à categoria de “boas” idosas, as duas personagens acabam reforçando essa visão dicotômica da velhice. Criando um abismo entre essas duas categorias de velhice, podemos observar que somente uma forma de velhice é aceita na sociedade, a forma de velhice “que não dá trabalho” que é autônoma, características do envelhecimento performático.

Nesse contexto, é notável a permanência e perpetuação do fenômeno do idadismo (CASTRO, 2015), forma de preconceito que discrimina por idade. Essa forma de preconceito enfatiza a juventude como valor e reforça a visão negativa e desvalorização da velhice na contemporaneidade. O idadismo em casos extremos resulta em violência física, psicológica e sexual. Contudo, a forma de discriminação mais disseminada é o da marginalização do velho, uma forma silenciosa de preconceito que acaba tornando os idosos invisíveis. É importante ressaltar que o idadismo não é praticado somente pelos jovens com os mais velhos, mas também entre os próprios velhos, como ocorre na série “Grace and Frankie”. Ao enfatizarem a qual “modelo” de velhice que as personagens fazem parte, há a discriminação de outras formas de velhice, como a dos “maus” idosos.

A partir da observação desses fenômenos relacionados à velhice, podemos constatar a propagação de cada vez mais etapas intermediárias entre a juventude e a velhice, com isso temos os fenômenos da “terceira idade”, “gerontolescência (TEDx, 2013), “envelhecimento saudável” (OMS, 2015) e “bela velhice” (GOLDENBERG, 2013). Essa criação de etapas visa o afastamento do que é considerável “má” velhice, afastando-a da visão de senescência. Contudo, ao criar essas etapas há o reforço do preconceito com a velhice fora do modelo

considerado “ideal”. Nesse contexto, a velhice não é vista como um fenômeno natural que acarreta diversas transformações corporais e mentais. Ao invés de combater os sentidos negativos relacionados à velhice e o preconceito que incide sobre ela, ocorre o reforço dessas formas de negligência ao enaltecer uma forma de envelhecer performática ideal.

No presente trabalho foram encontradas algumas limitações em relação à categorização e análise de todos os setenta e oito episódios disponíveis da série da “Grace and Frankie”, por isso foi utilizado o recurso do *trailer* para viabilizar a pesquisa. Dessa forma, recomenda-se que sejam realizadas pesquisas mais elaboradas capazes de analisar todos os episódios em profundidade de modo a observar como os sentidos da velhice estão presentes na série “Grace and Frankie”. Além disso, é recomendado a futuros pesquisadores que continuem analisando essa e os desdobramentos narrativos das próximas temporadas, afim de analisar o processo de aceitação da velhice de ambas as personagens em busca de outros resultados de pesquisa relevantes sobre o corpo das mulheres velhas na contemporaneidade.

Por fim, a análise da série “Grace and Frankie” demonstrou a ambivalência de sentidos apresentados na série, essa possui um papel importante no processo de ressignificação da velhice, dando visibilidade a diversos temas poucos retratados no contexto midiático, por conceder ênfase nas questões relacionadas às mulheres velhas e por demonstrar outras formas de viver a velhice. Contudo, busquei apresentar uma visão crítica dessas formas alternativas de envelhecimento que são propagadas na contemporaneidade, que consistem em um envelhecimento performático, sendo esse voltado para a maximização da performance corporal, assim como para a busca do incessante rejuvenescimento. Esse envelhecimento performático é apresentado como um modelo “ideal” de velhice, principalmente quando relacionado às mulheres velhas. Busquei no presente trabalho contribuir com o projeto de Beauvoir (1970) de romper com a “conspiração do silêncio” acerca da velhice, combatendo e desvelando as interdições discursivas presentes em nossa sociedade que insistem em invisibilizar as velhas e os velhos.

6. REFERÊNCIAS

- ACFAOM. **No Pain, No Gain**. 2017. Disponível em: <<http://www.acfaom.org/information-for-patients/common-conditions/no-pain-no-gain>>. Acesso em: 14 nov. 2017.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Edts.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice: a realidade incômoda**. São Paulo: Difusora Europeia do Livro, 1970.
- BEZERRA Jr., Benilton Carlos. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, Carlos Alberto. **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002. p. 229-239.
- BÍBLIA, A. T. Levítico. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada: Edição Catequética Popular**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013. p. 164.
- BÍBLIA, A. T. Provérbios. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada: Edição Catequética Popular**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013. p. 797.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Dados do Disque 100 mostram que mais de 80% dos casos de violência contra idosos acontece dentro de casa**. 2016. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/noticias/2016/junho/dados-do-disque-100-mostram-que-mais-de-80-dos-casos-de-violencia-contraidosos-acontece-dentro-de-casa>>. Acesso em: 25 set. 2017.
- BULYGO, Zach. **How Netflix Uses Analytics To Select Movies, Create Content, and Make Multimillion Dollar Decisions**. 2016. Disponível em: <<https://blog.kissmetrics.com/how-netflix-uses-analytics/>>. Acesso em: 09 ago. 2017.
- CALAZANS, Fabíola. **Seja ótima, seja feliz: discurso, representação e subjetividade feminina no canal GNT**. Brasília: Tese (Doutorado em Comunicação Social) Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.
- CAMBRIDGE DICTIONARY. **Big Data**. 2017. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/big-data>>. Acesso em: 06 set. 2017.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CASTRO, G. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galaxia*(São Paulo, *Online*), n. 31, p. 79-91, abr. 2016.
- CASTRO, Gisela G.S. Precisamos discutir o idadismo na comunicação. **Comunicação & Educação**, [s.l.], v. 20, n. 2, p.101-114, 1 out. 2015. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 242 p.

COSTA, Vani M. De Melo. **Corpo e História.** Revista Ecos. Cáceres, v. 10, n. 1, p. 245-257, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_10/245_Pag_Revista_Ecos_V-10_N-01_A-2011.pdf>. Acesso em 27 de ago de 2017.

DAL ROSSO, Sadi. **Jornada de Trabalho: Duração e Intensidade.** Disponível em <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n4/a16v58n4.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

DCM. **'HouseOfCards' já fez história no prêmio Emmy.** 2013. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-serie-de-internet-house-of-cards-faz-historia-ao-ser-indicada-ao-emmy/>>. Acesso em: 04 out. 2017.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990.** São Paulo: Editora 34, 1992. Cap. 5. p. 219-226.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. (1986), Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação; Benedicto Silva, coordenação geral; Antonio Garcia de Miranda Netto et. al.. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.

EBC. **Um em cada 6 idosos sofre algum tipo de violência, alerta OMS.** 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-06/um-em-cada-6-idosos-sofre-qualquer-tipo-de-violencia-alerta-oms>>. Acesso em: 25 set. 2017.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: Da aventura empreendedora à depressão nervosa.** Aparecida, SP: Ed. Ideias e Letras, 2010.

ESTADÃO. **Brasil tem maior taxa de transtorno de ansiedade do mundo, diz OMS.** 2017. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedade-do-mundo-diz-oms,70001677247>>. Acesso em: 09 set. 2017.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Homo deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI.** Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

FONDA, Jane. **O melhor momento: aproveitando ao máximo toda a sua vida.** São Paulo: Editora Paralela, 2011. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/88011.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. Disponível em:

<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/121335/mod_resource/content/1/Foucault_Vigiar e punir I e II.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/121335/mod_resource/content/1/Foucault_Vigiar_e_punir_I_e_II.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FOUCAULT. **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital**: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

HISTORYGRAPHICDESIGN. **ArsMoriendi**.2017. Disponível em:

<<http://www.historygraphicdesign.com/a-graphic-renaissance/printing-comes-to-europe/11-ars-moriendi>>. Acesso em: 16 out. 2017.

IMDB. **LilyTomlin biografia**. 2017. Disponível em:

<http://www.imdb.com/name/nm0005499/bio?ref_=nm_ov_bio_sm>. Acesso em: 05 out. 2017.

INDIEWIRE. **‘Grace and Frankie’ Season 4 Will Focus on How Aging Affects Both Body and Mind — In Surprising New Ways**. 2017. Disponível em:

<<http://www.indiewire.com/2017/06/grace-and-frankie-season-4-netflix-women-elderly-atx-festival-1201840675/>>. Acesso em: 05 out. 2017.

IUVA, Patrícia de Oliveira. **Entre A Publicidade E O Cinema: Os Recursos Persuasivos Do Trailer Cinematográfico**. 2007. 90 F. TCC (Graduação) - Curso De Comunicação Social, Universidade Federal De Santa Maria, Santa Maria, 2007.

LÖWY, Michael. **A filosofia da história de Walter Benjamin**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 199-206, 2002. ISSN 1806-9592. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9877/11449>>. Acesso em: 21 ago. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142002000200013>.

MARX, Karl Heinrich; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: Primeiro Capítulo**. 1999. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ideologiaalema.html>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

MICHAELIS. [S. L.]: Editora Melhoramentos, 2017. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=proletariado>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

MINAYO, M. C. **Violência contra os idosos: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

NADER, Maria Beatriz. **Da família à família nuclear burguesa: uma perspectiva histórica e social.** Dimensões: revista de história da UFES, Espírito Santo, v. 3, p.55-67, 1992. ISSN 1517-2120. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2229/1725>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

NETFLIX. **Aboutnetlix.** 2017. Disponível em: <<https://media.netflix.com/en/about-netflix>>. Acesso em: 05 out. 2017.

NETFLIX. **Netflixprize.** 2009. Disponível em: <<https://www.netflixprize.com/>>. Acesso em: 05 out. 2017.

O GLOBO. **População mundial vai crescer 53% e chegar a 11,2 bilhões em 2100, diz relatório da ONU.** 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/populacao-mundial-vai-crescer-53-chegar-112-bilhoes-em-2100-diz-relatorio-da-onu-17003177>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

O TEMPO. **Registros de abandono e violência contra idosos no país crescem 16,4%.** 2015. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/capa/brasil/registros-de-abandono-e-violencia-contra-idosos-no-pais-crescem-16-4-1.1073648>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

OLHAR DIGITAL. **Netflix se torna a maior produtora de séries em apenas quatro anos.** 2017. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/noticia/netflix-se-torna-a-maior-produtora-de-series-em-apenas-quatro-anos/65146>>. Acesso em: 05 out. 2017.

OMS, **Relatório mundial de envelhecimento e saúde.** 2015. Disponível em: <<http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ONUBR. **Expectativa de vida chega a 75 anos nas Américas, revela agência de saúde da ONU.** 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/expectativa-de-vida-chega-a-75-anos-nas-americas-revela-agencia-saude-onu/>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea,** Rio de Janeiro, Garamond, 2008, p. 256.

PETISCOS. **Revisitando Jane Fonda.** 2015. Disponível em: <<https://petiscos.jp/beleza/jane-fonda-disponibiliza-seus-ideos-de-exercicios-famosos-na-decada-de-1980-para-download>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

R7. **Calmante é o medicamento mais receitado no País, segundo associação: De acordo com dados da indústria, os genéricos já somam 65% das prescrições médicas.** 2014.

Disponível em: <<http://noticias.r7.com/saude/calmante-e-o-medicamento-mais-receitado-no-pais-segundo-associao-10042014>>. Acesso em: 12 set. 2017.

Rabinow, P. **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, S. S. **Sexualidade e amor na velhice**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SENNET, Richard. **O Declínio do Homem Público: As Tiránias da Intimidade**. São Paulo: Companhia das Leiras, 1993.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 83-108.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 2008. 286 p.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SIGNIFICADOS. **Significado de Streaming**. 2017. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/streaming/>>. Acesso em: 04 out. 2017.

SIMMONS, Leo W.. **Aging in Primitive Societies: A Comparative Survey of Family Life and Relationships**. 1961. Disponível em: <<https://scholarship.law.duke.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com.br/&httpsredir=1&article=2909&context=lcp>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SOUZA, Patrícia Marques de. **Ars Moriendi circa 1450: a preparação para o post-mortem**. 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1442432336_ARQUIVO_Ars_Morie ndi.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017.

TEC. **Entrevista Jane Fonda - Grace & Frankie (serie Netflix)**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PoZVVOu47kE>>. Acesso em: 05 out. 2017.

TECHTUDO. **Como descobrir o IP no Windows 7**. 2011. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2011/06/como-descobrir-o-ip-no-windows-7.html>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

TEDx, Talks **Você vai viver 30 mais do que seus avós: Alexandre Kalacheat TEDxUFRJ**. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=grq_dTt23CY>. Acesso em: 26 set. 2017.

TERRA. **Série 'HouseofCards' é líder de audiência no site Netflix.** 2013. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/tv/series/serie-house-of-cards-e-lider-de-audiencia-no-site-netflix,0161d24a244dc310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 04 out. 2017.

TRIP. **Copacabana é o país do futuro.** 2017. Disponível em:<<http://revistatrip.uol.com.br/trip/entrevista-com-alexandre-kalache-especialista-em-envelhecimento-oms-copacabana-idosos-terceira-idade-gerontolescente>>. Acesso em: 26 set. 2017

UAI. **Netflix passa dos 100 milhões de assinantes e lidera corrida mundial do streaming.** 2017. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/series-e-tv/2017/07/19/noticias-series-e-tv,209980/netflix-passa-dos-100-milhoes-de-assinantes-e-lidera.shtml>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

UOL SEGURANÇA DIGITAL. **O que são cookies e como eles podem me prejudicar?** 2013. Disponível em: <<https://seguranca.uol.com.br/antivirus/dicas/curiosidades/o-que-sao-cookies-e-como-eles-podem-me-prejudicar.html#rml>>. Acesso em: 06 set. 2017.

VALKIRIAS. **Jane Fonda e o ativismo: um lado pouco conhecido.** 2017. Disponível em: <<http://valkiras.com.br/jane-fonda-e-o-ativismo-um-lado-pouco-conhecido/>>. Acesso em: 05 out. 2017.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza:** Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Lista dos episódios utilizados na análise

A EXCEÇÃO. **Grace and Frankie**, 2016. 31 min. Série exibida pela Netflix. Segunda Temporada. Acesso em: 10 set. 2017.

A EXPOSIÇÃO DE ARTE. **Grace and Frankie**, 2017. 28 min. Série exibida pela Netflix. Terceira Temporada. Acesso em: 24 set. 2017.

A GALINHA. **Grace and Frankie**, 2016. 32 min. Série exibida pela Netflix. Segunda Temporada. Acesso em: 06 set. 2017.

A QUEDA. **Grace and Frankie**, 2015. 25 min. Série exibida pela Netflix. Primeira Temporada. Acesso em: 22 ago. 2017.

O ALARME DE PÂNICO. **Grace and Frankie**, 2017. 33 min. Série exibida pela Netflix. Terceira Temporada. Acesso em: 20 set. 2017.

O CHÃO. **Grace and Frankie**, 2017. 27 min. Série exibida pela Netflix. Terceira Temporada. Acesso em: 15 set. 2017.

O GOLPE. **Grace and Frankie**, 2016. 29 min. Série exibida pela Netflix. Segunda Temporada. Acesso em: 05 set. 2017.

O GRUPO DE DISCUSSÃO. **Grace and Frankie**, 2017. 30 min. Série exibida pela Netflix. Terceira Temporada. Acesso em: 30 set. 2017.

O JANTAR. **Grace and Frankie**, 2015. 30 min. Série exibida pela Netflix. Primeira Temporada. Acesso em: 20 ago. 2017.

O MUSICAL. **Grace and Frankie**, 2017. 27 min. Série exibida pela Netflix. Terceira Temporada. Acesso em: 17 set. 2017.

O SEXO. **Grace and Frankie**, 2015. 28 min. Série exibida pela Netflix. Primeira Temporada. Acesso em: 23 ago. 2017.

O TERREMOTO. **Grace and Frankie**, 2015. 28 min. Série exibida pela Netflix. Primeira Temporada. Acesso em: 27 ago. 2017.

O TESTE. **Grace and Frankie**, 2016. 28 min. Série exibida pela Netflix. Segunda Temporada. Acesso em: 01 set. 2017.

ANEXO A

Contato com a empresa Netflix via Central de Atendimento ao Cliente

Seu problema é: **Oi, boa noite!**
Estou me formando no curso de Comunicação Social nesse semestre e o meu TCC é uma análise da velhice retratada na série Grace and Frankie de vocês. Gostaria de saber se vocês teriam como compartilhar algumas informações de público e audiência para acrescentar ao trabalho. Agradeço!

Você está conversando com: Deborah

Netflix Deborah
Boa noite ! Eu sou a especialista Deborah Costa🌟, e estou pronta para te ajudar em qualquer questão relativa à Netflix!! Com quem estou falando?

Você
Boa noite! Meu nome é Vanessa

Netflix Deborah
Olá Vanessa ! seja bem-vinda ao apoio técnico da Netflix!

Netflix Deborah
Antes de mais, parabéns pelo tema do seu TCC (^_^🌟)

Você
Muito obrigada!

Netflix Deborah
Bom, aqui no apoio técnico não temos as informações que vc vai poder utilizar mas, vou te passar um contato que vai te ajudar

Netflix Deborah
Vc pode obter informações com o pessoal do Media Center através desse link:
[Clique aqui](#)

Netflix Deborah
e também pode enviar um email diretamente para pr@netflix.com solicitando as informações que precisa

Netflix Deborah
Então Vanessa, posso te ajudar de mais alguma maneira? Precisa de mais alguma informação? alguma ajuda com outro assunto?

Fonte: Acervo pessoal

ANEXO B

Contato com a empresa Netflix via email

[Ajuda] TCC sobre Grace and Frankie 

 **Vanessa S** <vanessantosf@gmail.com> 19 de ago   

para pr 

Oi, tudo bom?

Sou estudante de Comunicação Social na UnB e estou me formando nesse semestre. O tema do meu TCC é uma análise da velhice na série Grace and Frankie de vocês. Gostaria de saber se vocês poderiam me ajudar com dados de perfil do público da série, números de audiência, em quais países a série é mais relevante e se o Brasil possui uma gama interessante de audiência. Além disso, qualquer informação sobre a série seria bem-vinda para acrescentar meu trabalho.

Agradeço desde já,
Abs,



 Clique aqui para [Responder](#) ou [Encaminhar](#)

Fonte: Acervo pessoal